

VERA LUCIA PEREIRA ALVES

**ATENDIMENTO DE CASAIS:
DESCREVENDO PROCESSOS**

**CAMPINAS
1997**

VERA LUCIA PEREIRA ALVES

**ATENDIMENTO DE CASAIS:
DESCREVENDO PROCESSOS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós Graduação em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

**ORIENTADOR:
DR. MAURO MARTINS AMATUZZI**

**CAMPINAS
1997**

VERA LUCIA PEREIRA ALVES

**ATENDIMENTO DE CASAIS:
DESCREVENDO PROCESSOS**

COMISSÃO EXAMINADORA

**CAMPINAS
1997**

Dedico este trabalho aos casais presentes em minha vida: aos meus pais (in memoriam) cuja união proporcionou-me estar com meus clientes-casais; aos casais que participaram deste estudo, cujas presenças me permitiram aprender a ser uma melhor terapeuta e aos casais vindouros para cuja presença sinto-me melhor preparada.

"Ele estava livre, infinitamente, a ponto de não mais se sentir pesar sobre a terra. Faltava-lhe esse peso das relações humanas que entrava o passo, essas lágrimas, esses adeuses, essas queixas, essas alegrias, tudo que um homem acaricia ou dilacera toda vez que esboça um gesto, esses mil laços que ligam aos outros e o tornam pesado".

Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Concluir esta dissertação de mestrado representou mais do que a finalização de dois anos de estudos em um programa de Pós-Graduação. Esta tarefa, ao seu final, carrega o registro de inúmeras vivências tanto acadêmicas quanto pessoais, cuja execução contou com a ajuda de vários colaboradores, envolvidos tanto direta como indiretamente. Eis, então, o momento de agradecer:

Àqueles diretamente envolvidos nesta empreitada:

Ao Dr. Mauro Martins Amatzuzi, pela importante orientação dada a este trabalho, mas, acima de tudo pela sua disponibilidade incondicional;

À Clínica de Psicologia do I.P. da PUCCAMP na pessoa da Prof.a. Sofia Helena Porto Di Nucci - coordenadora da clínica, que, ao possibilitar meus atendimentos nessa instituição, viabilizou a concretização deste estudo. E também às funcionárias da clínica: Adriana de Souza Padovani Carboni, Izildinha Reiche Vignola e Rosane dos Reis Silva, que tão gentilmente me recebiam e facilitavam meu trabalho;

À Cristina Maria Garcia de Andrade e João Ivo Schiezari Neto, do Laboratório de Informática da Pós-Graduação em Biblioteconomia que me "alfabetizaram" na informática, facilitando meu acesso a este mundo tecnológico;

De forma muito especial a algumas companheiras do curso de mestrado que tornaram estes dois anos muito mais gratificantes: Denise Amorelli Silveira pela "sincronicidade" e pelo compartilhar de nossas vivências e Gisele Fonseca pelas angústias que dividimos;

Ao CNPq pela ajuda financeira que viabilizou a realização desta pesquisa.

Àqueles não diretamente envolvidos, mas que se mostraram solidários:

À Vera Lucia Colussi Lamanno por também ter-me apresentado ao "território" da psicoterapia familiar;

Ao Dr. Oscar Rossin Sobrinho, que, por "ruas paralelas" contribuiu para que a concretização deste trabalho fosse realmente plena.

Enfim, dizer obrigada a todos aqui citados e aqueles que ficaram na torcida, parece-me realmente muito pouco...

ALVES, Vera Lucia Pereira. **Atendimento de Casais: Descrevendo Processos.** Campinas, 1997. 191 p. Dissertação (Mestrado). I.P. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RESUMO

Descreve e analisa o processo da Psicoterapia Conjugal, realizada segundo os princípios da Abordagem Centrada na Pessoa e discorre sobre a viabilidade do instrumento utilizado. São participantes da pesquisa: a terapeuta e quatro casais. Utiliza um instrumento de acesso ao processo psicoterápico nomeado por Versões de Sentido (VSs), que permite aos participantes expressar o sentido vivido. As VSs são analisadas qualitativamente cada uma e na série, concluindo que: 1- oferece-se a estes casais um espaço que se torna terapêutico porque lhes permite rever suas relações conjugais; 2-o caminho que trilham no processo é coerente com o que objetivam; 3-dois casais se centralizam nas relações com os filhos, e dois focalizam a relação conjugal; 4-os casais partem de relações rigidamente estabelecidas e chegam a relações mais fluidas; 5-os processos (a) partem de um desnudar-se diante da terapeuta e do cônjuge, o que lhes permite entrar em contato com a relação que mantêm; 6-os casais mais centrados nas relações com os filhos obtêm uma mudança de percepção na relação com estes, (b) integrando-os mais, (c) o que lhes possibilita também explorar questões conjugais e chegar a (d) relações mais fluidas. Os casais mais centrados nas relações conjugais passam de (b) uma exploração de aspectos individuais, (c) confrontando-se com os medos que, em sendo superados, lhes permitem chegar a (d) uma relação mais tranquila e, ao contrário, a uma separação; 7-constata que estes casais são representativos de famílias pós-modernas; e 8-conclui que o instrumento utilizado é facilitador do acesso ao processo psicoterápico.

ALVES, Vera Lucia Pereira. **Attending couples: Describing Processes.** Campinas, 1997. 191 p. Master's Thesis. I.P. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

ABSTRACT

We describe and analyze the process of Marital Psychotherapy, carried out as per the principles of the Person-Centered Approach and we discuss the instrument it uses. The participants are the therapist and four couples. The instrument used to access the psychotherapeutic process, called Versions of Meaning (VMs), allows the participants to express the session's meaning for them. The VMs are qualitatively analyzed, individually and as a series, these conclusions are reached: 1-the couples are offered a forum which is therapeutic in that it allows them to re-think their marital relations; 2-the path taken during the process is consistent with their goals; 3-two couples focus on the relationship with their children, while two focus on their marital relationship; 4-the couples start from rigid relationships and reach more fluid ones; 5-the processes (a) begin with self revelations in front of the therapist and spouse, allowing them to get in touch with their relationship; 6-the couples which are more focused on their relationships with their children obtain a change in perception of it, (b) including them more, (c) which permits the spouses to explore marital matters and to achieve (d) more fluid relationships. The couples which are more focussed on their marital relationship start (b) with the exploration of individual matters, (c) confronting their fears which, if overcome, allow them to achieve (d) a more tranquil relationship or, if not, lead to separation; 7-we show that these couples are representative of post-modern families; and 8-we conclude that the instrument employed facilitates access to the psychotherapeutic process.

SUMÁRIO

	Páginas
DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	viii
ABSTRACT.	ix
I - INTRODUÇÃO	01
1. Compreendendo família, casamento e amor	01
1.1 - A família	02
1.2 - O casamento	07
1.3 - O amor	10
2. Compreendendo as diversas abordagens de psicoterapia de casal	12
2.1 - Enfoque psicanalítico	12
2.2 - Enfoque sistêmico	14
2.3 - As abordagens psicodinâmicas	17
3. Compreendendo o enfoque teórico utilizado neste estudo	18
3.1 - A abordagem centrada na pessoa	18
3.2 - A abordagem centrada na pessoa aplicada ao campo do atendimento familiar	22
4. Compreendendo cientificamente as diversas formas de pesquisa sobre processo psicoterápico	27
4.1 - Formas de pesquisa sobre processo psicoterápico	27
4.2 - Formas de pesquisa sobre processo psicoterápico com famílias e/ou casais	31
5. Compreendendo o objetivo de nosso estudo	32
II - MÉTODO	34
1. Abordagem metodológica utilizada	34
2. Participantes da pesquisa	38
3. Material de estudo	39

SUMÁRIO (cont.)

	Páginas
3.1 - Material produzido pela terapeuta	40
3.2 - Material produzido pelos clientes	40
4. Procedimento	40
4.1 - O atendimento	40
4.2 - A produção do material de estudo	44
5. A análise do material de estudo	46
III - RESULTADOS	49
1. Casal Pedro e Lurdes	51
2. Casal Claudio e Maria	63
3. Casal João e Doroti	80
4. Casal Romeu e Antonia	100
IV - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	112
1. Acerca das versões de sentido	112
2. Acerca dos processos psicoterápicos	118
3. Resumo de conclusões	126
V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
VI - ANEXOS	136
1. Modelo de autorização para a pesquisa	137
2. Anexos do casal Pedro e Lurdes	138
3. Anexos do casal Claudio e Maria	145
4. Anexos do casal João e Doroti	158
5. Anexos do casal Romeu e Antonia	172

I - INTRODUÇÃO

O estudo que apresentamos aqui propôs-se adentrar o processo de psicoterapia conjugal para então descrevê-lo e analisá-lo.

Uma vez que no decorrer de sua realização caminhamos por três grandes áreas de estudo: a instituição casal/família, os diversos referenciais teóricos da Psicologia que se ocupam destas instituições e as pesquisas de processos psicoterápicos - propusemo-nos então a traçar um breve esboço destas áreas, bem como do referencial teórico que permeou nossos atendimentos, de forma a contextualizar nossa pesquisa.

1. Compreendendo Família E Casamento

A compreensão de família e casamento que apresentamos aqui decorreu de um breve histórico das formações familiares e conjugais, especialmente inseridas em recentes estudos, abrangendo áreas de Antropologia, Sociologia, História e Psicologia. Foram estas as disciplinas que nos últimos cinquenta anos se preocuparam intensamente em compreender e tratar as famílias.

Esta nossa reflexão apresentou informações tanto da instituição familiar, como da instituição casamento; uma vez que grande parte dos estudos não se refere exclusivamente a uma ou a outra instituição.

1.1- A família

Os estudos dos historiadores sociais forneceram-nos a idéia de que a Família se constituiu numa instituição formada originariamente para fins exclusivos de sobrevivência de seus membros.

Segundo Ariès (1981), o sentimento de família como o concebemos hoje era inexistente na Idade Média, tendo surgido apenas nos séculos XV e XVI, simultaneamente ao sentimento de infância. Na Idade Média, as crianças misturavam-se aos adultos; eram desmamadas aos sete anos de idade e ingressavam direto na grande comunidade dos homens adultos.

"A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não penetrava muito longe na sensibilidade" (Ariès, 1981, p.275).

Nos séculos XVI e XVII a família ocupou um novo lugar na vida sentimental à medida em que transformou profundamente suas relações internas com a criança. Mais adiante então, outros estudiosos da Família passaram, com base em suas pesquisas, a considerá-la como instituição que seria natural e universal aos humanos.

Malinowski (apud Collier et al,1992), ao provar a existência de casamento e família já entre os aborígenes australianos, contribuiu para a idéia de família como instituição universal e portadora de três características conjuntas:

- 1- constituir-se-ia num conjunto de pessoas que se reconheciam entre si e que eram diferentes de outros grupos;
- 2 - ocuparia um espaço físico definido; e
- 3 - partilharia de um conjunto particular de emoções: o amor familiar.

A idéia de instituição natural decorreu do fato de os cuidados com a criação das crianças serem sempre considerados função primária da família: era natural que se criassem as crianças dentro de suas famílias.

Mais recentemente encontramos estudiosos de Família como Collier et al (1992) que não compartilhavam desta mesma idéia, por não conceberem ser tão claro assim que todas as Famílias exibissem juntas as três características,

uma vez que sem discordar do fato de que as crianças pequenas, segundo elas, precisassem ser cuidadas - os pais e as crianças não precisavam necessariamente comer e dormir juntos como uma única família em um único local para atendê-las. Estas autoras também não imaginavam que se pudesse esperar que todos os membros da família se amassem uns aos outros.

Na tentativa de desnaturalizar e desuniversalizar o conceito de família, Collier et al (1992) recorreram a estudiosos do século XIX - vitorianos - precursores de Malinowski, que entendiam a família como importante não por ser sempre a mesma, mas por ser uma pré condição para o triunfo da sociedade capitalista. Para elas, o que os vitorianos faziam era perceber que a família era mais do que uma resposta a necessidades onipresentes e biológicas; e também que a família não existia em todo lugar, mas sim em particulares ordens sociais. Enfatizavam que a família como a conhecemos não era um grupo "natural" criado por demandas de sangue, mas uma esfera de relacionamentos humanos moldados por um estado que as reconhecia como unidades que tinham propriedade, que forneciam cuidado e bem estar e que atendiam particularmente aos jovens.

Também para Sarti (1992) a Antropologia contribuiu para a "desnaturalização" e "desuniversalização" da família, especialmente quando inserida na discussão sobre parentesco. Parentesco e família não se constituíam na mesma coisa, embora ambos tratassem dos fatos básicos da vida - nascimento, acasalamento e morte. "Mas, a família é um grupo social concreto e o parentesco é uma abstração" (p.70).

Os sistemas de parentesco resultariam da combinação de três tipos de relações básicas:

- "a) a relação de descendência, que é a relação entre pai e filho e mãe e filho,*
- b) a relação de consangüinidade, que é a relação entre irmãos, e*
- c) a relação de afinidade, ou seja, a que se dá através do casamento, pela aliança" .(p.71).*

Para Sarti, a idéia de caráter natural da família foi rompida pela concepção de que esta não era proveniente "da unidade biológica, da mera reprodução, [mas sim] do fato de se constituir numa aliança de grupos" (p.73), isto é, a Família existiria muito mais por necessidades sociais do que naturais.

Os estudiosos de Família classificaram-na em diversos modelos que foram mudando no decorrer da história, sendo o primeiro modelo brasileiro nomeado especificamente de:

- **Família colonial brasileira**

A Família Brasileira originou-se no século XVI a partir do descobrimento, tendo sido esta para alguns autores uma adaptação da família portuguesa ao nosso ambiente e configurada de forma conservadora, escravagista, patriarcal e poligâmica (Cândido apud Matos, 1995, p.27).

A autoridade do pai era ilimitada, e os filhos submissos a ele até sua morte; o pai também concentrava o poder político. Esta família abarcava, além dos parentes, os escravos, os servos, os agregados e suas famílias - e também foi reconhecida como família extensa.

Embora com esta configuração, tanto Corrêa (1982) quanto Samara (1987) enfatizaram o fato de não se poder rotular a forma de organização familiar do Brasil colônia unicamente como patriarcal. Para Samara (1987) confundir os conceitos de família brasileira com família patriarcal e com família extensa era dar um significado comum à parentela e família.

" [...] estudos e pesquisas mais recentes têm tornado evidente que as famílias 'extensas do tipo patriarcal' não foram as predominantes, especialmente no sul do país nos séculos XVIII e XIX, onde eram mais comuns aquelas com estrutura mais simplificadas e menor número de componentes" (p.30).

Para Corrêa (1982), mesmo que existisse uma família patriarcal, "ela não comandou do alto da varanda da casa grande, o processo total de formação da sociedade brasileira" (p.27).

- Família nuclear burguesa

O modelo desta família seria o de um núcleo formado por pais e filhos que viveriam sós na mesma casa sem a companhia de agregados e parentes. Surgiu inicialmente na alta burguesia quando esta ascendeu socialmente com a moderna industrialização. O marido era o provedor financeiro, os filhos eram dependentes e a mulher era considerada.

"a rainha do lar, a mãe por instinto, abnegada e vivendo em osmose com os bebês, sendo ela o canal de relação entre eles e o pai, que só se fará presente para exercer a autoridade" (Almeida, 1987, p.61).

Para esta autora, na realidade brasileira a família nuclear era uma continuidade da família colonial.

- Família nuclear moderna

A família moderna configurou-se por uma diferenciação entre papéis públicos e privados atribuídos segundo o gênero.

"O desenvolvimento da sociedade capitalista, mais tarde sociedade industrial moderna, levou a uma redefinição não só das relações de gênero. A família privatizou-se e transformou-se em família conjugal moderna, perdendo suas funções produtivas - segundo a concepção econômica que passou a representar como produtivas apenas as relações exercidas na esfera do trabalho remunerado. Construía-se um mundo feminino, privado da casa, que passou a se colocar como oposto a um mundo público, da rua, que se tornou no imaginário social e na ideologia oficial mundo masculino" (Vaitsman, 1994, p.29).

Os estudos, particularmente os americanos, sobre a família nuclear moderna obtiveram a grande contribuição das feministas. Para Thorne (1992) as feministas contribuíram, por exemplo, para um questionamento da legitimidade dessa família nuclear, uma vez que analisaram a família mediante estruturas de gênero, geração, sexualidade, raça e classe; questionando suas fronteiras e apontando para a conexão da família com a sociedade, já não mais como um grupo isolado e privado.

Um dos elementos que têm sido discutidos pelas feministas e que intencionamos aqui ressaltar, consistiu na seguinte distorção que, segundo Thorne, muitos estudos apresentavam sobre as conceitualizações de família:

a) alguns estudos assumiam uma harmonia de interesses entre todos os membros da família, esquecendo-se das estruturas de gênero e idade, segundo as quais mulheres, homens, meninas e meninos não perceberiam a experiência da mesma forma.

b) A Família teria sido normalmente igualada a "mãe", negligenciando-se a presença de vários de seus membros, bem como suas inter-relações. Esta negligência, segundo a autora, vem ocorrendo na literatura tradicional sobre família e na literatura sobre doença mental.

Este tipo moderno de família entrou em crise em razão do abalo de seus fundamentos que eram a divisão sexual do trabalho e a distinção entre público e privado atribuída segundo o gênero, e em razão também do conflito entre o individual e o coletivo (Vaitsman, 1994).

A constatação de que a família nuclear moderna não era uma família igualitária foi fornecida pelo pensamento pós-moderno, preconizador da falácia do universalismo moderno, uma vez que compreendido como total aceitação da fragmentação, efemeridade e mistura de códigos e de mundos.

A concepção de regime familiar pós-moderno tem sido caracterizada por uma pluralidade de arranjos familiares decorrentes da prática do divórcio e do recasamento, bem como da tentativa de legitimação social de práticas provenientes da liberação homossexual (Stacey, 1992 e Vaitsman, 1994).

No entanto, os estudiosos de família se deram conta de que a flexibilidade e a heterogeneidade de arranjos familiares não eram fenômenos novos e apenas pós-modernos. Mas, sim, que eram fenômenos presentes no atual momento da história, só que agora não mais conjugados à tentativa anterior de "unificar a diversidade das práticas de família e casamento. Aceita-se a pluralidade, e a heterogeneidade institui-se como um dominante cultural" (Vaitsman, 1994, p.81).

A existência de várias formas de arranjo familiar não significou a chegada a uma solução suprema dos conflitos familiares, assim como também não significou a impossibilidade da existência da instituição familiar. Os casais

de nosso estudo pareceram-nos, dentro de suas diversidades, corroborar esta idéia.

"Nenhuma revolução acaba com o stress familiar" (Stacey, 1992, p.110). Apenas agora, a família não tem mais argumentos para conduzir todo mundo na mesma direção:

"Isso não quer dizer que a família não tenha mais importância como continente respeitador do indivíduo, ela tem um papel central na identificação e na felicidade do homem" (Rosemberg, 1983, p.13).

1.2 - O casamento

Segundo Rosemberg (1983, p.13) "as pessoas se casam tentando conciliar duas necessidades básicas no ser humano - a de pertencer e a de manter sua individualidade" .

O casamento também tem sido entendido do ponto de vista emocional, por Lamanno (1992) como decorrente da capacidade do indivíduo em "conjuguar"; capacidade esta originária dos primórdios das relações objetais. Na idade adulta o casamento daria ao indivíduo a possibilidade de:

"re-vivenciar e enfrentar com mais recursos do que quando criança, os desafios, as fantasias, os conflitos, as necessidades e os impulsos não de todo elaborados durante a infância" (p.153).

Mas não seriam apenas as características intrapsíquicas de cada um dos parceiros que explicariam uma relação conjugal e sim também a interação provocada por estas características, bem como a forma como estas características seriam inseridas em cada um dos cônjuges, já desde o momento da escolha de parceiro. Quinteiro (1993) compreendeu esta escolha como orientada pela inter-relação de quatro elementos conjugados as expectativas individuais e sociais. Estes elementos seriam a desiderabilidade, a disponibilidade, a probabilidade e a pertinência; sem deixar de lado a homogamia (escolha entre iguais) que de acordo com o trabalho de Camargo e

Oliveira (1977, apud Quinteiro, 1993, p.100) seria ainda persistente no processo de escolha do parceiro "apesar das transformações sócio-econômicas e da flexibilização de valores".

Para Quinteiro, a homogamia acabou por comandar a escolha conjugal:

"porque as similaridades decorrem do compartilhar de uma inter-subjetividade sem a qual as pessoas não se aproximariam, não se entenderiam e não se comunicariam emocionalmente. A inter-subjetividade compartilhada é o pressuposto para que os parceiros conjugais possam numa interação dialógica, na situação conjugal, reforçar a esfera da emoção e do prazer" (1993, p.101).

- **A história do casamento**

-

Macfarlane em seu livro "História do Casamento e do Amor" (1990) referiu-se à origem do casamento como anterior ao século XIV e salientou que a literatura moralista do século XV ao XIX seria a portadora das três razões que justificariam o casamento na época: procriação dos filhos, remédio contra o pecado e a fornicção, e a convivência e ajuda mútuas que um parceiro deveria prestar ao outro.

Na família burguesa, o casamento representou um contrato que assegurava ou ampliava o patrimônio familiar, pois foi somente na concretização da família moderna que surgiu a idéia do amor romântico como constituidor da família. Para Macfarlane (1990), todavia, já no século XIX na Inglaterra, o casamento se erigia baseado na premissa de um profundo afeto. Foi assim que se formou o "sistema de casamento malthusiano", que tinha por pressupostos a monogamia; a pretensão de uma relação igualitária entre os sexos; a liberdade, para um novo casamento; a residência exclusiva para os cônjuges; a contribuição eqüitativa para o dote conjugal e a escolha individual de parceiro.

Esse casamento se realizava com o propósito de satisfazer as necessidades psicológicas, sociais e sexuais dos indivíduos, e a procriação era uma conseqüência e não uma motivação para o mesmo. Ainda para este autor, este sistema de casamento que incluía a possibilidade de afeto, teria estreita

ligação com o capitalismo, uma vez que, para ele, ambos se fundamentariam numa escolha individual, numa posse e propriedade, bem como na livre iniciativa.

No início da colonização do Brasil, o casamento erigiu-se por razões de Estado, pela necessidade de povoamento das capitanias. Não era realizado por amor e visava fortalecer interesses econômicos e políticos (Del Priore, 1993, apud Matos, 1995, p.28). A relação entre os cônjuges era assinalada pela assimetria e desigualdade entre os sexos. Com o decorrer do tempo, o casamento se transformou de uma aliança hierárquica para uma relação que se pretendia igualitária, "sujeita as variações e contingências da individualidade" (Vaitsman, 1994, p.151). A harmonia da relação conjugal tornou-se então dependente de uma complementaridade entre os dois parceiros, da junção de "duas metades": um sem o outro se tornava impotente.

No momento atual da história, no entanto, o casal mais moderno, seria:

"o 'casal andrógino' que formaria uma relação recíproca entre parceiros não mais interessados na complementaridade de papéis mas sim no relacionamento igualitário. Os parceiros pretendem simultaneamente achar o outro e se reencontrar no outro" (Badinter 1988, apud Quinteiro, 1993, p.112).

Entretanto, este novo casal teria que se defrontar com o grande conflito de: "conciliar o amor por si, com o amor pelo outro, e o desafio de negociar os desejos de liberdade e simbiose, adaptando a dualidade de um ao outro (Quinteiro, 1993, p.63). Diante de tantos desafios este casal poderia então sucumbir ao que Badinter (1988, apud Quinteiro, 1993) resumiu na seguinte frase: "não podendo sentir-me aconchegado contigo, escolho ficar confortável comigo"; o que seria impossibilitador de uma conjugação e considerado em termos psicológicos como expressão de um "profundo narcisismo" (Porchat, 1992, p.123).

1.3 - O amor

Na nossa cultura, a expressão do amor como necessidade e presença apareceu na literatura popular e religiosa somente a partir do século XVI e começo do século XVII (Macfarlane, 1990).

Para a cultura grega, a expressão do amor foi criada com base na mitologia, no encontro de Poros e Penia. Poros, que era a Abundância, estava presente no banquete de festejos do nascimento de Afrodite, quando então chegou Penia, a Pobreza, para mendigar os restos do banquete. Ao ver Poros passeando embriagado pelo jardim de Zeus, Penia deteve-se e, logo que ele adormeceu, aproximou-se, deitando-se ao seu lado e planejando na sua Pobreza gerar um filho da Abundância. Conceberam então o Amor, que como filho de Poros e Penia herdou dos dois suas condições de pobreza e riqueza (Muszkat, 1992).

Em termos ideais o amor tem sido concebido no decorrer da história do casamento como solucionador de complexas equações, nas quais os indivíduos tentariam, quando da escolha de parceiro, ponderar sobre os critérios de beleza, temperamento e status. Atualmente esse sentimento de amor:

"singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível que povoa o imaginário social romântico e burguês do período de ouro da modernidade, parece ter ficado para trás. Nas circunstâncias históricas atuais, a noção de eternidade das relações dos sentimentos foi abalada" (Vaitsman, 1994, p.35).

Do ponto de vista emocional esse ideal romântico de amor que pregaria uma complementação total entre os parceiros poderia estar camuflando desejos individuais de proteção e segurança. Segundo Muszkat (1992) a própria expressão "par" singulizaria a pluralidade original das duas pessoas envolvidas:

"Conviver com a ilusão desse ideal de 'par amoroso' uno e inseparável é incompatível com os limites de qualquer relação saudável, e acaba por promover um tipo de ficção que ameniza

a angústia da solidão para criar a necessidade da resignação"
(p.88).

Segundo esta mesma autora, deveríamos prestar atenção aos sábios gregos que em seu mito apontavam para o "amor como o canto das diferenças. Só quem suporta a diferença procria filhos de amor com o objeto" (Muszkat, 1992, p.95).

Em uma recente pesquisa de opinião publicada pela revista Cláudia (maio/96) com o título de a "*Nova Cara do Amor*", o Amor ocupou apenas o quarto lugar (69%) nas citações dos sentimentos que as pessoas apontaram como o mais presente em seus relacionamentos. O amor foi precedido pelo sentimento de respeito (84%), amizade (80%) e confiança (70%). Os pesquisadores concluíram que:

"Um inédito apreço pela solidez marca o amor neste fim de século. Os casais estão ficando práticos e realistas e o parceiro ideal se parece cada vez mais com um bom sócio: honesto, fiel e solidário" (p237).

Goldberg (janeiro/1996), antecipando-se aos dados desta pesquisa, enfatizava que a noção "exagerada" de amor acabou sendo cruel com as pessoas que deveriam ter como mais importante "o entendimento mútuo, a percepção intelectual do mundo, da natureza, de um projeto de trabalho e de harmonia. E especialmente o respeito" (p.5).

Uma vez delineadas nossas reflexões sobre os contextos histórico-sociais e emocionais em que tem se inserido o casal, passamos à contextualização das práticas psicoterápicas que têm se dedicado à sua terapêutica.

2- Compreendendo As Diversas Abordagens De Psicoterapia De Casal

As práticas de psicoterapia conjugal, bem como familiar têm-se respaldado em dois grandes enfoques teóricos: o psicanalítico e o sistêmico, que foram também geradores das mais variadas formas de psicoterapia que vêm sendo aplicadas.

O breve panorama que tentamos traçar aqui baseou-se nos trabalhos de duas autoras brasileiras que têm se dedicado ao estudo e atendimento da família e que nos forneceram de forma bastante esclarecedora um painel sobre as diferentes abordagens de psicoterapia familiar e conjugal (Calil, 1987 e Féres-Carneiro, 1996).

2.1- Enfoque psicanalítico

A origem da prática da psicoterapia familiar remonta à década de 50 e especificamente no Brasil, à década de 70. Mas, encontramos como referência originária das preocupações familiares no âmbito da Psicologia, os estudos de Freud.

Féres-Carneiro (1996) mostrou-nos que em "Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria", datado de 1905, Freud já chamava a atenção dos psicanalistas para que dirigissem seus interesses para as relações familiares de seus pacientes. E Yamamoto (1990) ressaltou que no caso "O pequeno Hans" de 1909, Freud também demonstrou seu interesse pela família ao introduzir o pai no tratamento da criança. No entanto, Freud não constituiu uma teoria sobre família assim como não criou uma técnica para seu atendimento. Mas foram seus seguidores ingleses da Escola Psicanalítica Britânica, que, por meio de uma modificação na compreensão do indivíduo - passando a vê-lo não mais de forma isolada, mas sim como parte de uma unidade - contribuíram para o início do atendimento de famílias. Melanie Klein, Winnicott, Balint, entre outros fundamentaram suas teorias nos estudos das relações de objeto. A teoria das relações objetais propiciou o surgimento de conceitos como identificação projetiva, contra-transferência e continência; nos quais se baseam

hoje os psicoterapeutas que utilizam o enfoque psicanalítico na compreensão e atendimento de famílias.

"Podemos dizer que os conceitos psicanalíticos sobre família nos fornecem sobretudo uma visão dialética do indivíduo e sua família, contribuindo para diluir a cisão existente entre indivíduo e grupo, externo e interno, intrapsíquico e interacional". (Calil, 1987, p.91).

Dentro do enfoque psicanalítico, a dinâmica da família tem sido compreendida como produto da repetição de padrões de relacionamento captados em nível consciente e inconsciente pelos cônjuges, desde suas famílias de origem.

Portanto pudemos concluir que neste enfoque a história familiar seria relevante porque compreendida tanto como causa quanto como meio de transformação de um sintoma, e as experiências passadas se tornariam então o campo no qual o método interpretativo se basearia com o intuito de tornar a família mais consciente de suas inter-relações passadas e presentes.

Féres-Carneiro (1996) mostrou-nos também, ainda dentro do enfoque psicanalítico, a existência de psicoterapias denominadas grupalistas. Ela nos diz que Ruffiot (1981, apud Féres-Carneiro, 1996) elaborou a concepção de aparelho psíquico familiar baseando-se no modelo de aparelho psíquico grupal de Kaës (1976, apud Féres-Carneiro, 1996).

"Esta abordagem se baseia numa escuta do funcionamento da fantasmática familiar no aparelho psíquico da família, um inconsciente a várias vozes que aparece na associação livre dos membros da família reunidos na sessão" (Féres-Carneiro, 1996, p.40).

A prática da psicoterapia familiar de tipo psicanalítico também foi impulsionada pelas posturas de outros psicólogos: como Adler que enfatizava a relevância dos papéis sociais e das relações entre estes para o surgimento de patologias; como Sullivan que considerava ser a doença mental originária das relações interpessoais perturbadas; da contribuição de Frieda Fromm-Reichman que formulou o conceito de mãe esquizofrenogênica, no qual explicava a relação do esquizofrênico com sua mãe; e Pichon-Rivière que

formulou a noção tão difundida entre os psicoterapeutas familiares, de "bode expiatório", para designar o indivíduo que representava a patologia de toda uma família. (Féres-Carneiro, 1996).

A co-terapia seria uma prática recomendada dentro deste enfoque, uma vez que possibilitaria aos clientes testar e facilitar seu sistema inconsciente, como se estivessem em frente a um espelho. Mas, esta não se constituiria numa prática imprescindível. (Calil, 1987).

2.2 - Enfoque sistêmico

Não foram apenas os conceitos teóricos e as práticas da Psicologia que ajudaram a delinear a atuação da psicoterapia familiar. Esta área da Psicologia também recebeu influências da Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Von Bertalanffy nos anos 40 e pela ramificação desta teoria, a Cibernética.

Estas teorias pregavam o conceito de circularidade em oposição à idéia de causalidade linear e o conceito de retroalimentação, ocupando-se do campo da comunicação e do controle dentro dos sistemas.

Estes conceitos quando aplicados à compreensão familiar, possibilitaram entendê-la como um circuito de retroalimentação, dado que o comportamento de um membro afetava e era afetado pelo comportamento de outro membro da família.

Gregory Bateson, antropólogo, foi o primeiro a introduzir os conceitos da cibernética na psicoterapia familiar - nos anos 50, em Palo Alto, Califórnia.

Para ele a família desenvolvia formas básicas de interações, seqüências padronizadas de comportamentos, com caráter repetitivo garantidor da organização familiar, que eram governadas por regras que não precisavam necessariamente ser verbalizadas, mas que podiam ser percebidas pela observação dos tipos de transações familiares. O equilíbrio ou estabilidade do sistema familiar não seria considerado indício de saúde, uma vez que a família poderia estar se equilibrando em torno de padrões disfuncionais, como, por exemplo, a manutenção rígida das regras do sistema familiar. (Calil, 1987).

A psicoterapia, praticada dentro deste enfoque, valorizava a mudança no sistema familiar pela reorganização da comunicação entre seus membros. Como o passado não era o foco de atenção, os terapeutas sistêmicos não

faziam interpretações até porque acreditavam serem somente as novas experiências, capazes de gerar mudanças dentro da família. (Féres-Carneiro, 1996).

O enfoque sistêmico deu origem a várias Escolas de Psicoterapia Familiar. Entre elas estão a Escola Estrutural, a Estratégica, a Escola do Grupo de Milão e a Escola Construtivista.(Calil, 1987 e Féres-Carneiro, 1996).

- A escola estrutural

O foco desta modalidade terapêutica estaria voltado para a questão das fronteiras familiares: quando a família apresentasse uma fronteira praticamente inexistente entre seus membros, seria denominada família aglutinada; as famílias desligadas seriam as que teriam entre seus membros fronteiras rígidas, e as famílias seriam saudáveis quando suas fronteiras fossem claras. A terapia estrutural constituiu-se então em "uma terapia de ação, [na qual] o sintoma é visto como um recurso do sistema para manter uma determinada estrutura" (Féres-Carneiro, 1996, p.40).

O principal psicoterapeuta desta Escola foi Minuchin, que apresentou como sendo a postura do terapeuta, que trabalhava individualmente, a de um "expert que se une ao sistema, ao mesmo tempo que o confronta e o provoca" (Calil,1987, p.74).

- A escola estratégica

Jackson, Bateson, Weakland e Watzlawick têm sido considerados os principais teóricos desta escola.

Esta escola focalizava o sintoma como a unidade a ser tratada, porque representaria as dificuldades interacionais que se desenvolveriam com base em uma postura da família ao enfatizar ou deixar de enfatizar suas dificuldades.

O terapeuta, que trabalharia em equipe, se concentraria na comunicação verbal e não verbal, "encorajando aparentemente o comportamento sintomático

[...]. O principal objetivo seria mudar o comportamento manifesto do paciente" (Féres-Carneiro, 1996, p.40).

- O grupo de Milão

O grupo de Milão cujos principais representantes seriam Pallazolli, Boscolo, Ceccin e Prata, foi considerado como aquele que mais aplicava a epistemologia circular de Bateson quando da ajuda à família na percepção da natureza paradoxal de seus relacionamentos.

O membro sintomático da família seria tratado pela equipe terapêutica mediante uma ampliação de percepção de seu problema, de si mesmo e dos outros membros.

Para eles, os problemas da família surgiram quando "as regras que governam o sistema são tão rígidas que possibilitam padrões de interações repetitivos [...] vistos como pontos nodais do sistema" (Féres-Carneiro, 1996, p.41).

- A escola construtivista

A novidade que este enfoque introduziu foi o questionamento sobre o poder do psicoterapeuta na psicoterapia familiar e sobre sua atuação diretiva. Dentro desta escola o "terapeuta estará interessado não mais no comportamento a ser modificado, mas no processo de construção da realidade da família e nos significados gerados no sistema" (Féres-Carneiro, 1996, p.41), porque partia da concepção de que o observador de um sistema, era também ele um sistema.

Os conceitos desta modalidade psicoterápica foram provenientes da teoria da Cibernética de Segunda Ordem, que representou uma evolução no conceito de circularidade, porque era a cibernética estudando seus próprios modelos de cibernética. O terapeuta nesta escola deixou de ser o "expert" e se integrou no sistema familiar, usando de recursos de dramatização para provocar questionamentos e mudanças nas famílias. E assim na compreensão

familiar, a crise não seria mais um risco, mas sim uma parte do processo de mudança.

Alguns teóricos do Grupo de Milão também incluíam estes conceitos, como Pallazolli e Andolfi.

2.3 - Abordagens psicodinâmicas

Foram assim denominadas as abordagens que associavam conceitos psicanalíticos e sistêmicos. Seus principais representantes foram Ackermann, Murray-Bowen, Bozormenyi-Nagi, Framo e Wtaker.

Para Ackermann, o psicoterapeuta familiar assumiria uma postura característica do analista clássico e se preocuparia em lidar conjuntamente com:

- 1- conhecimentos intrapsíquico e interpessoais
- 2- organização da experiência consciente e inconsciente
- 3- real e irreal
- 4- passado e presente
- 5- indivíduo e grupo

Bozormenyi-Nagi integrou conceitos psicanalíticos, existenciais, fenomenológicos e sistêmicos. Para ele a disfunção familiar surgiu de um injusto equilíbrio entre o dar e o receber. E o psicoterapeuta deveria ser capaz de expressar empatia por cada um dos membros da família, assim como ser disponível a se aliar temporariamente a cada um deles. (Calil, 1987).

Ao final deste nosso breve painel sobre as diferentes abordagens de psicoterapia familiar, sentimos importante ressaltar a idéia que foi expressa por Féres-Carneiro (1996) de que não haveria uma oposição entre enfoque psicanalítico e sistêmico, do tipo de oposição entre considerar indivíduo ou considerar família, mas sim que haveria uma diferença entre consideração de conteúdos internos ou de comportamentos expressos. E assim ao término de seu artigo, a autora ressaltava a importância da possibilidade de síntese entre os dois grandes enfoques.

E Calil (1987) mostrou-nos que a psicoterapia familiar, independente de suas variações técnicas, já incorporou esta síntese:

"a causalidade linear deu lugar à causalidade recíproca, a um esquema interacional para explicar os comportamentos dos membros de um sistema, seja este, uma nação, uma família ou um casamento" (p.140).

Ao estudarmos estes dois enfoques, pudemos perceber que eles têm algo em comum e que os diferencia do enfoque por nós utilizado nesta pesquisa. Tanto a psicanálise quanto a abordagem sistêmica preocuparam-se em entender a constituição, a configuração, dinâmica e funcionamento da família. E com base nesta compreensão é que orientariam suas práticas. Neste estudo, utilizamo-nos de um enfoque, que enfatiza como preocupação primeira não o funcionamento do cliente, mas sim como abordá-lo, em como criar um espaço para que ele pudesse se mostrar e receber nossa ajuda, não importando qual fosse sua dinâmica, sua constituição.

3 - Compreendendo O Enfoque Teórico Utilizado

3.1- Abordagem centrada na pessoa

O enfoque psicológico que utilizamos neste estudo vem sendo reconhecido nos últimos anos (desde a década de 60) por Abordagem Centrada na Pessoa, mas também tem sido nomeado por Terapia Centrada no Cliente e até por Linha Rogeriana, devido ao nome de seu criador.

Carl Ransom Rogers, psicólogo norte-americano, foi quem desenvolveu os princípios norteadores deste enfoque desde 1935 até 1987, quando de sua morte.

A multiplicidade de nomes deste referencial teórico deveu-se à própria história e evolução do mesmo. Por meio dos textos de Wood, um dos maiores teóricos da ACP na atualidade, compreendemos que o que se nomeou por Abordagem Centrada na Pessoa (ACP): "é uma postura psicológica, um jeito de ser a partir do qual pode-se confrontar vários aspectos do comportamento humano" (1995, p.1). E compreendemos também que esta forma de abordar o ser humano sempre foi norteadora das aplicações deste referencial em todas as fases de sua evolução. Nos primeiros trinta anos, esta abordagem foi

aplicada à psicoterapia e resultou na concepção de Terapia Centrada no Cliente - teoria de psicoterapia que em seu desenvolvimento percorreu fases que foram reconhecidas como aconselhamento não diretivo, reflexo de sentimentos e psicoterapia experiencial.

Esta postura de abordagem ao ser humano, quer no contexto psicoterápico quer em outros contextos, pressupõe que aquele que a aplica tenha algumas destas convicções e habilidades:

- acredite que algo pode ser feito pelo outro;
- acredite que aquele que tem o problema, tem também os recursos para solucioná-lo;
- tenha "compaixão" pelo indivíduo, respeito pela sua autonomia e dignidade;
- reconheça a importância da interação social para o ser humano;
- tolere as incertezas de uma relação;
- tenha o desejo de agir construtivamente e a intenção de ser eficaz neste objetivo, tendo uma flexibilidade de pensamento e ação;
- esteja aberto a novas descobertas;
- seja hábil no se concentrar profundamente ao apreender a linearidade do surgimento da realidade total do outro, e
- assim como também em outras abordagens, tenha um bom senso de humor, humildade e curiosidade (Wood, 1995).

A partir de 1965, os princípios desta abordagem passaram a ser aplicados à educação, aos grupos de encontro, workshops, grandes grupos e a compreensão transnacional. Wood et al (1994, p.viii) sintetiza este processo histórico no seguinte trecho:

"O período dos primeiros trinta anos da Abordagem Centrada na Pessoa estava voltado para o desenvolvimento de um sistema de mudança de personalidade que se concentrava no mundo subjetivo do indivíduo. O período dos trinta anos seguintes da Abordagem Centrada na Pessoa voltou-se também para interações sociais e se concentrou no aprender fazendo".

A concepção de Rogers sobre o ser humano era a de que ele se constituía num organismo orientado para a "realização construtiva das possibilidades que lhe são inerentes" (Rogers, 1983, p.40).

Rogers também acreditava que os homens possuíam uma natural tendência a desenvolverem-se o mais completa e complexamente possível. E que suas possibilidades inerentes seriam ativadas quando este pudesse vivenciar relações desenvolvidas num clima permeado por atitudes psicológicas facilitadoras. Se nem todas as relações dos seres humanos pudessem ser presentificadas neste clima, ao menos a relação terapêutica precisaria ser desenvolvida em meio a estas atitudes facilitadoras, que, segundo Rogers, seriam as operacionalizadoras de uma mudança de personalidade. Estas atitudes compuseram as condições nomeadas de "necessárias e suficientes", formuladas em 1957, que se constituem na declaração sistemática da aplicação deste enfoque ao campo da psicoterapia:

1. *" Que duas pessoas estejam em contato psicológico;*
2. *Que a primeira a quem chamaremos cliente, esteja num estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa;*
3. *Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integrada na relação;*
4. *Que o terapeuta experiencie consideração positiva incondicional pelo cliente;*
5. *Que o terapeuta experiencie uma compreensão empática do esquema de referência interno do cliente e se esforce em comunicar esta experiência ao cliente;*
6. *Que a comunicação ao cliente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelos menos num grau mínimo" (Rogers,1957 in Wood et al, 1994, p.157 e 158).*

Por terapeuta congruente, Rogers definia a capacidade deste em se fazer transparente para o cliente. "O cliente pode ver claramente o que o terapeuta é na relação" (Rogers, 1983, p.38).

Como segundo elemento facilitador da relação terapêutica, Rogers considerava a aceitação incondicional, que era entendida por ele como a postura do terapeuta em aceitar seu cliente, qualquer que fosse seu estilo naquele momento. O terapeuta não julgava, não rejeitava nenhum dos sentimentos do cliente: "O terapeuta tem uma consideração integral e não condicional pelo cliente" (Rogers, 1983, p.39).

E a empatia, compreendida como terceiro elemento facilitador, foi definida por Rogers como a capacidade que o terapeuta deveria ter em captar com precisão os significados pessoais daquilo que o cliente estivesse vivenciando. Essa compreensão empática do terapeuta não deveria ser apenas experienciada por ele, mas sim comunicada ao seu cliente.

As aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa aos trabalhos com grupos, trouxeram algumas modificações para o campo da psicoterapia individual e transformaram assim a atual prática psicoterápica, num amálgama formado pelas concepções teórico-práticas da Terapia Centrada no Cliente e pelas concepções decorrentes das experiências de trabalhos grupais.

Cury (1993) sistematizou estas influências e nomeou a prática da psicoterapia decorrente destas como sendo então uma Psicoterapia Centrada na Pessoa. Seria, portanto, uma psicoterapia ainda baseada nas condições necessárias e suficientes, mas acrescida de conceitos e idéias que surgiram das vivências grupais e que passaram a ser percebidas pelos profissionais que haviam trabalhado em grupos, como também presentes quando realizavam a psicoterapia individual.

Pareceu-nos extremamente importante ressaltar aqui que este trabalho de Cury "não é um mero malabarismo de nomes ou realinhamento dos princípios da Terapia Centrada no Cliente, mas uma nova perspectiva global" (Wood et al, 1994, p.262 e 263).

Dos sete princípios teóricos desta PCP, apresentados por Cury (1993, p.270-272), pareceu-nos serem princípios "novos", isto é, acréscimos à declaração das condições necessárias e suficientes, aqueles que trouxeram em seu bojo, a aprendizagem obtida pelos psicoterapeutas quando de suas vivências grupais.

Acreditamos ter sido contribuição grupal, a concepção de que a psicoterapia individual se realizaria, na verdade, dentro de um grupo diádico, isto é, terapeuta e cliente vivenciarão uma mesma relação intersubjetiva, estabelecida em função de um intento de ajuda ao cliente. Também seria uma contribuição dos grupos, a idéia de que as condições necessárias e suficientes devessem ser consideradas agora, baseando-se no referencial dos dois participantes da relação, sem desconsiderar que o terapeuta precisaria estar mais apto a experienciá-las, graças à sua função. Um outro aspecto que

podemos ver como um acréscimo à prática psicoterápica exercida anteriormente foi a consideração, pelos psicólogos individuais, dos elementos culturais como sendo determinantes na formação do setting terapêutico e no desenvolvimento da relação intersubjetiva.

Por último pareceu-nos que Cury (1993), ao formular estes princípios apontou-nos também a importância da compreensão empática, ressaltando-a como atitude essencial ao estabelecimento da relação intersubjetiva, ativada na prática da psicoterapia individual.

3.2 - Abordagem centrada na pessoa aplicada ao campo do atendimento familiar

Carl Rogers, o criador da Abordagem Centrada na Pessoa nunca aplicou diretamente suas idéias à psicoterapia de casal e família, embora tenha escrito um livro sobre o relacionamento de casais (1987b) e tenha estado atento às repercussões ampliadas da psicoterapia individual. Quanto às implicações desta abordagem ao grupo familiar, Rogers disse-nos:

"Os nossos clientes descobrem que à medida que se exprimem de modo mais livre, à medida que fazem corresponder mais intimamente o caráter superficial das relações com as atitudes flutuantes que lhes estão subjacentes, podem renunciar a certas atitudes defensivas e ouvir verdadeiramente o outro. Começam muitas vezes a compreender pela primeira vez o que a outra pessoa sente e por que é que sente dessa forma determinada. Logo, a compreensão recíproca começa a invadir a interação interpessoal" (Rogers, 1985, p.287).

Consideramos que a psicoterapia do grupo familiar e de casal tem sido relativamente pouco explorada dentre os seguidores da Abordagem Centrada na Pessoa. Para Anderson (1989a), isto seria decorrente de uma certa confusão que haveria entre muitos profissionais desta abordagem, que a veriam como respondendo empaticamente somente a uma experiência subjetiva e pessoal, ao invés de perceber que ela também possibilitaria "responder empaticamente a uma experiência coletiva e social" (p.296).

Este autor, neste mesmo artigo, citou alguns profissionais da ACP que poderiam ser considerados iniciadores de um trabalho envolvendo o grupo familiar: Ellinwood, que em 1959 escreveu sobre a participação dos pais em programas de terapia de crianças; Van der Veen, que em 1964 formulou e pesquisou o "conceito de família" e Levant que, a partir de 1978 escreveu sobre as implicações da Terapia Centrada no Cliente em estudos e práticas de terapia familiar e de casal.

Van der Veen e colaboradores escreveram em 1964 sobre a formulação e pesquisa do "conceito de família". Para eles, a eficiência de uma família em resolver os seus problemas, enfrentar suas obrigações sociais e satisfazer as necessidades de seus membros dependeria amplamente do conceito que estes tivessem a seu respeito, isto é, de como os membros perceberiam a unidade familiar em que viviam. Definiram, então, o "conceito de família" como a imagem que todos teriam acerca de suas famílias, do que elas seriam e de como gostariam que fossem; conceito esse constituído dos sentimentos, atitudes e expectativas que os indivíduos teriam sobre a unidade familiar na qual viveriam.

Para estes pesquisadores o "conceito de família" possuía ainda três características importantes: o poder de influenciar o comportamento da pessoa tanto dentro quanto fora da família; o fato de estar sujeito a uma avaliação própria como por parte de outros e o fato de ser um conceito fluído e imutável. Estas características tornariam o conceito de família análogo ao conceito de self que Rogers (1992) definiu como uma estrutura que implicava a consciência de ser e de funcionar, que se formava mediante a interação avaliatória com os outros, e que se constituía num padrão organizado, fluído e coerente de percepções das características de relação do eu.

Por meio do levantamento bibliográfico realizado percebemos em especial nos textos das décadas de 70 e 80, que o campo de trabalho com famílias neste enfoque voltou-se mais para o empreendimento de programas de treinamento de pais e casais - numa perspectiva educativa e às vezes preventiva - do que para a psicoterapia propriamente dita. Levant (1983) mostrou-nos que isso ocorreu em razão da importância que as condições facilitadoras foram adquirindo com os bons resultados da psicoterapia e com o conseqüente grande número de psicólogos que passou a se envolver com

programas de treinamento em relacionamento interpessoal tanto para leigos como para profissionais, baseados nas boas condições facilitadoras que passaram então a ser reconhecidas como habilidades.

Os programas de treinamento de habilidades centradas no cliente para família eram caracterizados por um conteúdo de ensino aos membros da família a respeito das atitudes de empatia, congruência e aceitação positiva incondicional, atitudes que eram igualmente usadas como método de treinamento destes programas. Os objetivos destes variavam do tratamento de dificuldades ao enriquecimento de relações, agrupando-se em três tipos de programas:

- programas em que se treinavam habilidades terapêuticas de membros da família para que pudessem lidar terapeuticamente uns com os outros a fim de que tratassem um problema clínico;
- programas de treinamento de membros familiares, que tinham o objetivo de tratamento propriamente dito; e
- programas de enriquecimento de relações, nos quais o objetivo era prevenir problemas clínicos. (Levant, 1983).

Entre os autores que trabalhavam com programa de treinamento podemos citar Snyder (1989) que ensinava casais a serem centrados na pessoa, em programas de Enriquecimento de Relações (RE programs - Relationship Enhancement programs); os Guerneys (1989) que ensinavam os pais a serem ludoterapeutas (RE programs) e Gordon (1970) que trabalhava com treinamento de pais (PET programs - Parent Effectiveness Training).

Ainda na linha de educação familiar, pudemos encontrar o trabalho de Barrett-Lennard (1984) para quem as atitudes dos pais seriam de grande importância na experiência e desenvolvimento da criança. Barrett-Lennard preocupou-se em descrever o mundo interno das relações familiares em termos de mapas de sistemas de relacionamentos. O autor considerava que estas estruturas teriam "efeito direto e profundo nos relacionamentos passíveis de serem experienciados e, portanto, no desenvolvimento das potencialidades de aprendizagem de cada membro" (p.222).

Dentre os profissionais da ACP que trabalhavam com psicoterapia familiar, percebemos que alguns acreditavam serem insuficientes os princípios deste enfoque quando da atuação neste campo. Isso talvez, porque tivessem

uma visão próxima da de O'Leary (1989) que considerava que os terapeutas centrados na pessoa necessitavam ir além das atitudes facilitadoras, integrando-as num papel terapêutico mais ativo, para o qual, segundo ele, muitos terapeutas familiares se sentiam compelidos. Com semelhante pensamento Warner (1989), apontava-nos desenvolver em seu trabalho uma mescla da ACP com a teoria sistêmica numa tentativa de que o terapeuta familiar não permanecesse num "nível superficial de compreensão" (p.340).

Entre os autores que usavam "apenas" os princípios básicos da ACP e os embasamentos psicoterápicos provenientes da teoria da Terapia Centrada no Cliente percebemos uma certa adaptação da técnica de trabalho individual para o contexto do grupo familiar.

Referindo-se a esta questão, Anderson (1989b) ressaltou-nos um aspecto que distinguiria a ACP de outras teorias de Psicologia quando da aplicação ao grupo familiar. Ele considerava insatisfatório adaptar o termo Terapia Centrada no Cliente para Terapia Centrada na Família ou no Casal, uma vez que uma família ou um casal não eram para ele entidades sociais determinadoras de pensamentos, sentimentos e comportamentos de seus membros, isto é, ele não apresentava uma visão de sistema familiar fechado; mas, sim, ressaltava a importância de se trabalhar tanto com o conceito de self quanto com o conceito de família:

"Terapeutas de casal e de família não conduzem uma terapia individual na presença de outros significativos. Ao invés disso, o terapeuta de casal e família também lida com aspectos que geralmente se movem para além da experiência do self em direção ao domínio da experiência compartilhada, aspectos que lidam com o 'eu' e com o 'nós' " (Anderson, 1989b, p.246).

Bozarth & Shanks (1989) também se referiram a estes dois conceitos, de self e de família, e fizeram uma adaptação das duas premissas básicas deste enfoque para a psicoterapia do grupo familiar:

- 1.Os indivíduos buscavam atingir e manter o seu crescimento dentro da família (tendência atualizante), e
- 2.O sistema familiar buscava naturalmente manter e aprimorar seu potencial de saúde (tendência formativa).

A visão que nos apresentaram acerca da família corresponderia a de um "sistema vivo que tem a capacidade inerente de se mover em direção ao crescimento" (p.282). Eles nomeavam sua prática de Terapia Familiar Centrada na Pessoa e consideravam compreender o mundo de cada indivíduo baseando-se em sua perspectiva individual e compreender o mundo familiar com base na perspectiva do grupo familiar, criando, portanto, um clima de confiança promotor do crescimento natural tanto dos indivíduos quanto do grupo familiar.

No decorrer deste levantamento, pudemos perceber uma inter-relação entre a história da terapia familiar na ACP e a própria história da ACP. Na década de 70 com as atividades voltadas para grupos e para a educação, os profissionais deste enfoque também passaram a trabalhar com as famílias em grupos (programas de treinamento). Já na década de 80 pudemos perceber até pela nomenclatura utilizada (Terapia Familiar Centrada na Pessoa) que os profissionais que trabalhavam com psicoterapia seguiam os princípios da ACP provenientes também dos trabalhos com grupos.

Encontramos autores (Gaylin, 1990 e Bozarth & Shanks, 1989) que por meio de seus trabalhos, mostraram-nos estarem baseados somente na teoria da Terapia Centrada no Cliente. E questionamo-nos se acaso esta escolha - em basear-se na T.C.C. - não seria proveniente da ACP enquanto aplicada ao campo psicoterápico não ter ainda sua teoria referendada de forma tão contundente quanto a T.C.C.

Ned Gaylin (1990), por exemplo, considerava ser a terapia familiar melhor nomeada por centrada no cliente, uma vez que o termo centrado na pessoa era percebido por ele como uma postura "solitariamente individual" (p.813). Como vimos anteriormente com Wood (1995), este termo abarcaria na verdade um campo maior de aplicação, atingindo um maior número de pessoas em diversos contextos, o que não estaria relacionado exclusivamente à psicoterapia individual.

À parte esta confusão, a idéia de Gaylin sobre a terapia familiar pareceu-nos corresponder aos embasamentos clínicos do enfoque. Para ele nesta terapia não se definiria nenhuma norma ou ideal pelo qual o comportamento da família fosse mensurável; o terapeuta atuava mais como facilitador de um processo bloqueado dentro do grupo do que como portador da verdade; e as

atitudes de congruência, empatia e aceitação positiva incondicional do terapeuta poderiam servir como modelo para os membros insatisfeitos da família enquanto os fariam se lembrarem dos atributos e valores positivos de cada um.

Os artigos que encontramos relatando estudos sobre psicoterapia familiar e/ou de casal realizados no enfoque centrado na pessoa referiam-se mais à forma de atendimento de que se utilizavam seus autores, do que propriamente a pesquisas que tivessem sido por eles realizadas.

Pareceu-nos interessante notar a existência desta falta de pesquisas, justamente numa abordagem psicológica, que se tornou amplamente conhecida nos meios científicos pelo grande número de pesquisas sobre o processo psicoterápico, realizadas por Rogers e seus colegas. Pareceu-nos ainda, que estas pesquisas têm ficado concentradas somente no nível individual.

4 - Compreendendo Cientificamente As Diferentes Formas De Pesquisa Sobre O Processo Psicoterápico

4.1- Formas de pesquisa sobre o processo psicoterápico

Segundo Garfield (1990), o outro referencial teórico que também produziria este tipo de pesquisa em grande número seria a abordagem psicodinâmica. Para ele, esta seria uma área difícil de se pesquisar em razão das diferentes concepções teóricas e diferentes escolhas das variáveis do processo a serem estudadas. Há autores que escolheram enfatizar o vínculo terapêutico como, por exemplo, Henry, Strupp & Schacht (1990) e o próprio Garfield (1990); outros optaram pelo estudo de eventos significativos como Elliott (1983); há os que estudaram as operações cognitivas envolvidas na construção e interpretação da experiência psicoterápica de clientes e terapeutas como Heppner, Hedgespeth & Rosenberg (1992) e aqueles como Friedlander (1992) que estudaram eventos de mudança.

Pudemos constatar que o acesso ao processo psicoterápico, no âmbito da pesquisa ter-se-ia dado normalmente (com mais ênfase nos primeiros tempos deste tipo de pesquisa) por meio de gravações das sessões em audiotape. A primeira pessoa a usar este procedimento foi Earl Zinn, que gravou sessões de sua própria análise em 1929. Percival Symonds foi o primeiro a realizar gravações de sessões não analíticas em 1938, época em que Frank Robinson realizava o primeiro programa de pesquisas sobre o processo com o objetivo de que seus supervisionandos pudessem se ouvir após a realização das sessões (Hill e Corbett, 1993). Rogers também fez uso deste instrumento de acesso ao processo, gravando as sessões não só conduzidas por ele, mas também as que eram realizadas por profissionais de seus grupos de pesquisa.

Com o decorrer da evolução deste tipo de pesquisa, outros instrumentos de acesso e avaliação foram sendo desenvolvidos de acordo com a variável do processo que se desejava estudar. Hill e Corbett (1993) citaram como exemplo os seguintes instrumentos:

- Inventário de Relacionamento Barrett-Lennard: que se constituía numa medida de 64 itens respondidos após a sessão tanto pelo cliente quanto pelo terapeuta com o objetivo de avaliação das percepções de ambos sobre as condições facilitadoras;
- Relato de sessão de Orlinsky e Howard: no qual os participantes respondiam a questões que enfatizavam suas perspectivas fenomenológicas acerca da sessão;
- I.P.R. de Kagan et al (Interpersonal Process Recall): Cliente e terapeuta ouviam a gravação da sessão e relembavam a experiência. Eles podiam responder abertamente sobre algumas questões acerca de suas experiências ou podiam usar categorias pré-determinadas para registros das mesmas.

Encontramos também outros instrumentos como o SASB de Benjamin - Análise Estrutural do Comportamento Social, usado por Henry, Strupp & Schacht (1990) que avaliava as relações entre cliente e terapeuta.

Encontramos igualmente algumas pesquisas que sugeriam uma outra orientação, denominada de Pesquisa Orientada para a Descoberta (Mahrer, 1988 e Hill, 1990). A abordagem que predominava nestas pesquisas era a exploratória, isto é, o pesquisador não teria uma noção pré concebida do que

esperava encontrar; ele observava a sessão valendo-se de uma instância não teórica e desenvolvia escalas de categorias para descrever o observado, tendo como objetivo o desenvolvimento de uma teoria baseada no que se havia observado (Hill e Corbett, 1993).

4.2 - Formas de pesquisa sobre processo psicoterápico com famílias e/ou casais

Johnson e Greenberg, em um artigo de 1988, apontavam-nos que, apesar da psicoterapia conjugal ter sido provada como uma psicoterapia efetiva, haveria uma grande falta de pesquisas sobre este tipo de terapia.

Para eles, as pesquisas que discorressem sobre o processo psicoterápico teriam importância crucial. Eles mostraram-nos que estudos que apontavam simplesmente taxas de medidas de respostas de cônjuges em psicoterapia apontavam limitações na compreensão do processo psicoterápico, porque assumiam que este era uniforme, isto é, estes estudos não atentavam para "diferentes processos, ocorrendo em diferentes momentos e tendo significados diferentes" (p.176).

Por intermédio dos relatos de pesquisas de processo de psicoterapia familiar, pudemos obter uma percepção semelhante à que tivemos por meio dos estudos de processo psicoterápico já delineados aqui: entre as pesquisas que se relacionavam ao estudo de variáveis não havia consenso sobre quais variáveis do processo seria importante estudar.

Encontramos, por exemplo, pesquisas que utilizaram Inventário Beck de Depressão, Personal Questionnaire (medidor da mudança de sintomas psicológicos) e Escalas de Avaliação da Satisfação dos Clientes (Stevenson, 1993), quando preocupadas em avaliar os resultados obtidos.

Também deparamo-nos com estudos preocupados em avaliar o tipo de comunicação mantida na terapia familiar. Heatherington & Friedlander (1990) desenvolveram um Sistema Codificado e Controlado para o estudo das comunicações nas relações familiares, por meio do qual constatavam se haveria uma comunicação complementar - o que refletiria a existência de

mutualidade nos relacionamentos, ou se haveria uma comunicação simétrica - que caracterizaria uma competição nas relações.

Encontramos, ainda, estudos preocupados com a questão da aliança/vínculo terapêutico. Coady (1992), em seu artigo sobre a importância do relacionamento terapeuta-cliente na psicoterapia familiar, fez um levantamento das pesquisas que haviam se preocupado com este aspecto. E ele mostrou-nos que mesmo quando se enfatizavam aspectos subjetivos da prática da psicoterapia familiar, recorria-se a instrumentos provenientes de uma ordem objetiva, como, por exemplo, escalas que avaliavam as percepções de clientes e terapeutas sobre os seus relacionamentos que foram registrados em video-tape (Pinsof & Catherall, 1986 apud Coady, 1992).

As pesquisas sobre o processo psicoterápico pareceram-nos usualmente testar as hipóteses que os pesquisadores formulavam sobre o processo. Rogers também seguia esta linha de pesquisa, usando delineamentos quasi-experimentais e obtendo dados quantificáveis que eram posteriormente traduzidos para linguagem "matemática".

"Podemos dizer que, havendo uma pessoa desejando ajuda e uma segunda provendo um relacionamento com os elementos a, b e c então ocorre um processo de mudança que envolve os elementos x, y e z" (Rogers, 1961 in Wood et al, 1994, p.95).

Este tipo de procedimento suscitou críticas por parte de alguns estudiosos que alertavam para a necessidade de se dar atenção às diferenças individuais entre os clientes a fim de que evitássemos o fortalecimento do mito de que os eventos do processo eram similares a todos os clientes (Hill, 1990). Nesta mesma linha, Kiesler (1966 apud Hill e Corbett, 1993) fez uma crítica a Rogers quanto ao mito da uniformidade, dizendo-nos que o processo e os resultados não seriam os mesmos com diferentes clientes, terapeutas e terapias.

Pareceu-nos que à medida que as pesquisas sobre psicoterapia foram sendo realizadas, também foram desenvolvidas novas alternativas e métodos de estudo, assim como também foram sendo percebidas as limitações intrínsecas a cada pesquisa. Como nos disse Shoham-Salomon (1990), não seria um único estudo que daria conta de todo o tema, mas sim uma

sistemática de pesquisas de processo psicoterápico. Entre os "novos" formatos de pesquisa, constatamos a popularização da metodologia qualitativa que vem ocorrendo desde a década de 80 como reflexo de uma mudança de paradigma científico de ciências naturais para o paradigma de ciências humanas: o estudo do humano não pode ser realizado da mesma forma que nas ciências exatas ou biológicas.

Constatamos que o próprio Rogers (1955) manifestou um certo desconforto científico que nos pareceu corroborar para o uso desta "nova" metodologia. Ele se dizia incomodado com a distância que percebia existir entre sua objetividade rigorosa de cientista e sua subjetividade quase mística de terapeuta e tentou integrar estes dois pontos de vista que considerava opostos, declarando:

"A ciência, tanto quanto a terapia, ou qualquer outro aspecto da vida está enraizada e baseia-se na experiência subjetiva e imediata de uma pessoa. Ela surge do experienciar organísmico total, íntimo, só parcial e imperfeitamente comunicável. É uma fase do viver subjetivo" (in Wood et al, 1994, p.151).

Esta afirmação de Rogers pareceu-nos também refletir sua proximidade com a filosofia fenomenológica. Spiegelberg (1972) referindo-se a isto, disse-nos que o que se pode ver no trabalho de Rogers é um "paralelo espontâneo" à fenomenologia, que era considerada como uma "reabilitação da experiência subjetiva" (p.156). Sentimos que esta citação corroborou para que fizessemos uso de pesquisas qualitativas caracterizadas pelo enfoque fenomenológico.

Pudemos constatar, pelo que tem sido apresentado aqui, que vem ocorrendo uma predominância do uso de pesquisas quantitativas na investigação do processo psicoterápico, seja ele individual ou do grupo familiar. Assim como também constatamos uma abordagem à partes ou variáveis deste processo. Os estudos quando não predominantemente quantitativos, compunham-se de uma associação à metodologia qualitativa (Stevenson, 1993).

5 - Compreendendo O Objetivo Do Nosso Estudo

Foi então em meio a este panorama de pesquisas que intencionamos realizar um estudo no qual pudéssemos adentrar o processo psicoterápico, não por vias diretas decorrentes do uso de recursos mecânicos, mas, sim, captar sua existência, seu desenvolvimento baseando-nos no significado que tal processo psicoterápico possuía para quem o vivenciava. Pretendíamos, pois, aqui, valendo-nos de uma participação ativa nestes processos de psicoterapia conjugal, descrever seus movimentos.

Entendíamos que esta seria a melhor maneira de analisarmos e descrevermos estes processos. Perguntávamo-nos acerca do que ocorreria em um processo de psicoterapia conjugal: quais seriam os movimentos presentes no decorrer do processo? quais seriam as particularidades do movimento de cada um de seus participantes? qual seria o movimento comum a seus participantes?

Intencionamos também - uma vez que estávamos utilizando um novo instrumento de acesso ao processo - discorrer sobre a viabilidade de seu uso na pesquisa da psicologia clínica.

Para tanto, fez-se necessário expressar-nos aqui sobre o conceito que tínhamos acerca do que considerávamos ser um processo psicoterápico. Para nós o termo processo psicoterápico referia-se, estruturalmente, ao conjunto de encontros entre psicoterapeuta e clientes, encontros esses estabelecidos de comum acordo entre seus participantes e nos quais o psicoterapeuta teria o objetivo primordial de prestar ajuda psicológica aos clientes. Referia-se intrinsecamente ao estabelecimento entre terapeuta e clientes de uma relação intersubjetiva possibilitadora de uma resignificação - tanto em nível emocional, quanto em nível cognitivo - de sentimentos, pensamentos, atitudes e ações.

Considerávamos também que, no decorrer de um processo psicoterápico, seus personagens percorreriam um percurso permeado por movimentos tanto da psiquê individual, quanto grupal. Movimentos estes que, no que têm de significado vivido, sabemos não poderem ser diretamente observáveis, mas, sim, refletidos na vivência destas relações. Pareceu-nos que de forma analógica, o processo psicoterápico representou uma "dança" entre seus membros.

II - MÉTODO

1- Abordagem Metodológica Utilizada

A escolha de uma metodologia de pesquisa qualitativa foi decorrente de nosso desejo de expressarmos-nos cientificamente da mesma forma que expressávamos-nos filosoficamente acerca de nossa concepção do humano. Questionávamos-nos se acaso a subjetividade, tão valorizada na teoria e na prática clínica, não poderia ser também utilizada na pesquisa da clínica psicológica.

Por meio do levantamento bibliográfico que realizamos, encontramos apenas um artigo que ligava à terapia familiar o modelo qualitativo de pesquisa (Moon, Dillon e Sprenkle, 1990). Neste artigo, os autores não relatavam uma pesquisa realizada nestes moldes, mas sugeriam e fundamentavam a utilização da metodologia qualitativa em pesquisas de terapia familiar. Percebiam-na como uma forma de exame da experiência da terapia familiar com base na perspectiva do cliente; diferente de pesquisas típicas, que, segundo eles, usavam somente a perspectiva do terapeuta ou do pesquisador. Eles também apontavam para a importante questão da proximidade desta metodologia com o mundo clínico, uma vez que as perguntas da pesquisa qualitativa eram consideradas por eles como exploradas de forma clinicamente significativa. Um outro aspecto também discutido neste artigo e que corroborou nossa vivência nesta pesquisa, foi a concepção de que:

"O delineamento de pesquisa qualitativa pode fornecer um modo sistemático e científico de ver a terapia holisticamente, em toda sua 'confusão intacta'" (p.364 - grifo nosso).

Nossas intenções conduziram-nos então à uma forma de pesquisa caracterizada como pesquisa fenomenológica, a qual consideramos diferenciada das pesquisas realizadas no âmbito das ciências naturais, como bem explicitaram Martins e Bicudo (1989):

"O alvo da investigação [fenomenológica] é chegar aos significados atribuídos pelos sujeitos à situação que está sendo pesquisada [...]. Na pesquisa conduzida, segundo a perspectiva das ciências naturais, os fatos são concebidos como sendo independentes da consciência que os sujeitos possam ter deles. Na fenomenológica os dados só existem enquanto resultados de significados atribuídos como resultado da tematização do sujeito sobre o evento" (p.94).

Neste tipo de pesquisa, a análise dos dados obtidos pode ser constituída de vários passos (nosso procedimento foi um exemplo disto).

Esses passos de análise vêm sendo sistematizados no campo científico, já há alguns anos, particularmente por Amedeo Giorgi (1985). Mas, pareceu-nos que quaisquer que fossem estes passos - constituídos de acordo com o dado empírico que se tinha e com o objetivo pretendido - envolviam sempre uma postura básica do pesquisador, compreendida por Forghieri (1993) como composta de dois momentos separados que se inter-relacionavam, embora não fossem completamente separáveis:

1. Envolvimento Existencial: momento no qual o pesquisador colocaria de lado seus conhecimentos já adquiridos sobre a vivência a ser estudada, e se abriria a ela de modo espontâneo e experiencial.
2. Distanciamento Reflexivo: após o momento de envolvimento existencial, o pesquisador procuraria estabelecer um distanciamento da vivência a fim de que pudesse refletir sobre sua compreensão e tentar então captar e descrever o significado de tal vivência.

Segundo Amatuzzi (1996b), poderíamos falar de vários tipos de pesquisa fenomenológica, entre elas a pesquisa colaborativa e o tipo de pesquisa que intencionamos utilizar neste estudo - a Psicologia Fenomenológica "Empírica" - que se constituiria numa aplicação do enfoque fenomenológico ao campo da pesquisa psicológica.

O termo empírico designaria aqui o aspecto visível da experiência vivenciada. Frequentemente, o dado empírico das Pesquisas Fenomenológicas têm se constituído de depoimentos ou relatos escritos acerca da vivência que se quer estudar. Por exemplo, Forghieri (1993) pesquisou a vivência de bem-estar e contrariedade valendo-se dos depoimentos que as pessoas lhe escreviam sobre estas experiências.

De forma análoga, o dado empírico de nosso estudo também se constituiu num relato escrito - Versões de Sentido (VSs). Obtivemos dos sujeitos da pesquisa, breves relatos acerca da vivência de ter estado em uma sessão de psicoterapia de casal.

Mas, expressamo-nos em termos de analogia, em razão de o fato da Versão de Sentido se diferenciar de um depoimento ou de um relato acerca de uma vivência. Um depoimento sobre uma experiência vivenciada poderia ser obtido em qualquer momento, isto é, até muito tempo depois de a pessoa ter passado pela experiência. Já a VS seria um relato feito acerca de uma experiência que estava chegando ao seu final, e de cujo clima, sentido e mobilização, seu autor ainda estava impregnado .

Expressamo-nos, então, de forma a demonstrar que nosso dado, constituído pelo relato escrito das VSs, possibilitou-nos obter, por meio da resposta à questão proposta, qual havia sido para a pessoa o sentido daquela sessão. Essa resposta seria então uma reação da pessoa àquilo que havia vivenciado e não um relato objetivo do que havia ocorrido. A VS não era um instrumento de lembrança sobre a sessão, mas, sim, um meio de dizer aquilo que ainda ocorria com a pessoa referente a esta sessão.

Ao termos recorrido à compreensão literal das palavras Versão e Sentido, encontramos como sinônimo de Versão = "Explicação, interpretação. Cada uma das várias interpretações do mesmo ponto", e como sinônimo de Sentido = "Lado, aspecto, face. Razão de ser, cabimento, lógica. (Ferreira,1994/1995); que corroboravam para a mesma compreensão de que fez uso Amatuzzi (1996a), para explicar-nos que do sentido de uma sessão de psicoterapia só se poderia ter uma "versão". Mas, versão aqui não seria compreendida como factual, isto é, fornecimento de uma parte da história. Como era versão de um sentido, era a expressão de um sentido que conteria vários possíveis desdobramentos. Aquilo que uma pessoa nos dizia ter sido

para si o sentido da sessão era aquilo que fazia sentido ela apontar como o sentido da sessão, mesmo que este pudesse ser desdobrado depois.

Poderíamos dizer que, nesta versão, no ângulo escolhido pela pessoa na sua demonstração continham-se todos os sentidos para ela daquela sessão (em nossa conclusão acerca do uso de VSs, exploramos melhor este aspecto).

Entendíamos que o sentido expresso em uma VS estaria simbolizando o sentido de toda a sessão vivenciada pela pessoa, e estaria também, segundo a concepção de Amatuzzi sobre símbolo (1996c, p.11):

1. associado ao significado resultante de toda a sessão,
2. reunindo passado (experiências anteriores à sessão, narradas ou revividas na sessão), presente (o que foi conversado e/ou vivenciado na sessão) e futuro (desejos e projetos suscitados pela sessão),
3. simbolizando um todo complexo, que poderia ser expresso também de várias outras formas,
4. podendo vir a criar outros símbolos,
5. permitindo uma presentificação de algo, que poderia então mobilizar energias de mudança, seja confirmando um movimento na hora em que a pessoa escrevia a VS ou posteriormente com o retomar da VS em um diálogo, e
6. simbolizando algo naquele momento e talvez por mais tempo, mas podendo não mais simbolizá-lo depois.

A Versão de Sentido teve seu nascimento (Amatuzzi et al, 1991) dentro de um grupo de psicólogos, que, ao estudar seus atendimentos, deparou-se com o fato de que os relatórios de sessão não mais lhes faziam sentido como forma de estudo, e que ao se questionarem sobre o que então lhes faria sentido escrever, concluíram que seria aquilo que lhes viesse à mente logo após a saída do cliente, como algo expressivo da experiência imediata. E descobriram em suas experiências que o sentido que assim registravam era então aquilo que também fazia sentido ser registrado. O sentido vivo da sessão era aquele que ainda fazia sentido quando de sua escrita (ou fala).

A VS se constituiria, então, num relato livre e espontâneo, expressivo da experiência imediata vivenciada, escrito ou falado pelo indivíduo, da forma que

desejasse. Encontramos neste estudo, VSs expressas em formas de ítems, em formas de provérbios, citações, etc (anexos 2, 3, 4 e 5).

As VSs que foram aqui relatadas, foram provenientes de uma pergunta disparadora para sua reflexão e escrita. Perguntávamos aos casais e também nos perguntávamos a nós próprios (terapeuta), ao final da sessão, qual havia sido o sentido daquele encontro/sessão.

2. Participantes Da Pesquisa

Participaram deste estudo quatro casais, apresentados aqui com nomes fictícios: Pedro e Lurdes, Cláudio e Maria, João e Dormito, e Romeu e Antonia - que procuraram ou foram encaminhados para psicoterapia de casal.

Pedro e Lurdes tinham idades próximas, ela 28 anos e ele 30 anos. Eram de classe sócio-econômica média baixa, ele segurança, ela do lar. Os dois tinham o primeiro grau incompleto, sendo que Pedro cursava no momento, o supletivo.

Quanto ao segundo casal, Claudio estava com cerca de 40 anos e Maria com a idade de 35 anos. Ele tinha nível universitário incompleto e ela havia completado a universidade. Eram ambos de classe média, tendo ela um ganho salarial maior do que o dele. Os dois trabalhavam em grandes empresas, com funções administrativas.

Entre João e Doroti havia uma grande diferença de idade: ele com mais de 40 anos e Doroti com cerca de 30. João tinha primeiro grau incompleto e Doroti havia iniciado curso universitário, mas não o havia concluído. Eram provenientes de classe sócio-econômica diferentes, ele de classe baixa e ela de classe média. Ele era aposentado por invalidez, e ela era do lar.

Romeu e Antonia, estavam ambos com cerca de trinta anos de idade, eram de classe média e não concluíram o primeiro grau. Ele era autônomo e Antonia não trabalhava fora de casa.

A instituição onde se realizou a pesquisa com três dos quatro casais foi a Clínica de Psicologia do Instituto de Psicologia da PUCCAMP, que oferecia

serviços psicológicos à população, uma vez que além de clínica-escola era conveniada ao SUS (Sistema Único de Saúde). A população era atendida nesta clínica pelos estudantes de 4º e 5º anos do curso de Psicologia, bem como pelos alunos do curso de Especialização e, eventualmente, por alunos da Pós-Graduação.

Os casais que nos foram encaminhados nesta clínica para a psicoterapia de casal haviam procurado o serviço para atendimento de seus filhos. As crianças foram primeiramente avaliadas em psicodiagnóstico, realizado pelos estudantes de Psicologia que compunham o serviço da Clínica, e, em seguida, encaminhadas: as crianças para psicoterapia infantil e seus pais para psicoterapia de casal.

A alternativa desta psicoterapia de casal foi colocada à disposição nesta clínica, pela pesquisadora, exclusivamente para fins desta pesquisa. Claudio e Maria foram atendidos em consultório particular.

Além dos casais brevemente apresentados aqui, também consideramos como participante desta pesquisa, a terapeuta, cuja formação em Psicologia terminou há dez anos, período a partir do qual tem sido exercida a atividade de psicoterapia, sem interrupções, à luz dos princípios da ACP. O atendimento de casais e famílias foi iniciado há cerca de seis anos, primeiramente em instituição pública sendo seguido também na prática privada. Foram realizados cursos de formação, bem como grupos de estudo na ACP desde 1984; assim como também houve a participação em curso de terapia familiar com duração de dois anos.

3. Material De Estudo

O material de estudo que utilizamos foi produzido por todos os participantes: os casais e a terapeuta e tiveram todos a forma final de material escrito.

3.1 - Material produzido pela terapeuta

A terapeuta produziu dois tipos de registro:

- 1- Versões de Sentido (VSs), e
- 2- Anotações Complementares (ACs).

Por anotações complementares nomeamos uma redação simples de dados importantes da sessão. Eventos e movimentos produzidos por todos os participantes (casais e terapeuta), como, por exemplo: falas, posturas, dados objetivos, históricos, etc. Este registro composto em grande parte de 3 a 5 frases não tinha o objetivo de transcrição da sessão, nem tampouco de relato exaustivo da mesma. Mas, sim, uma anotação de elementos que pudessem vir à facilitar a compreensão das VSs.

Para estes registros utilizou-se apenas papel e caneta. As ACs eram escritas somente após a redação das VSs pela terapeuta.

3.2- Material produzido pelos casais

Para os casais que se dispuseram a registrar suas VSs por escrito foi-lhes oferecido papel e caneta.

Para aqueles que gravaram suas VSs em audiotape, a terapeuta acionava o gravador para o cônjuge que primeiro se sentisse pronto a gravar. Como estas gravações foram transcritas posteriormente, o material de estudo dos casais, também foi ao final um registro escrito.

Estes dois tipos de material foram registrados anexo (nº 2, 3, 4 e 5).

4- PROCEDIMENTO

4.1- O atendimento

O contrato de trabalho psicoterápico que estabelecemos com eles deu-se de forma igual para os quatro casais, independente do local de atendimento. Esse contrato foi estabelecido na primeira sessão e baseou-se na combinação mútua de aspectos práticos viabilizadores do atendimento, bem como nas condições de operacionalização deste estudo.

Todos os casais forneceram-nos uma autorização para a realização da pesquisa, por escrito (Anexo nº 1).

Com relação aos aspectos concernentes à condução da psicoterapia, estabelecemos:

Frequência: As sessões seriam semanais.

Duração: As sessões teriam a duração prevista de oitenta minutos, e seriam mais curtas, apenas se houvesse atraso da parte deles.

Para o processo como um todo não foi fixado tempo de duração, por não ser esta nossa forma de trabalho, mesmo que em condições de pesquisa. Assim sendo, obtivemos quatro processos psicoterápicos com durações diferentes, e um deles analisado para este estudo antes de ter sido finalizado (casal Romeu e Antonia).

Duração dos processos:

Casal Pedro e Lurdes = 12 sessões

Casal Claudio e Maria = 21 sessões

Casal João e Doroti = 23 sessões

Casal Romeu e Antonia = 17 sessões

Presença: Nós não fixamos que a psicoterapia só ocorreria com a presença dos dois membros do casal, assim como não fixamos que nos dispúnhamos a realizar sessões individuais. Era nosso entendimento que as sessões seriam de casal e que acaso um dos membros não comparecesse, esta seria uma questão a ser discutida com o membro presente, já na sessão, e com o membro ausente na sessão seguinte. Compreendíamos que o importante era trabalhar o significado desta ausência de um membro e presença do outro.

Faltas: Combinamos com os casais que as faltas, desde que não sendo duas em seguida e sem aviso, seriam possíveis. Todas as faltas dadas por todos os casais foram avisadas com antecedência. E quando ocorreram duas faltas seguidas, isso se deveu a uma falta avisada e a um impedimento de se realizar a próxima sessão na seqüência (como, por exemplo, em casos de feriados ou férias da clínica).

Sigilo: A questão do sigilo foi apresentada não apenas em relação às especificidades de um atendimento psicológico realizado dentro de preceitos éticos, mas também em relação ao material produzido para a pesquisa.

Nestes atendimentos tivemos por objetivo o estabelecimento de um espaço, no qual fosse possível ampliar a saúde emocional dos membros do casal. Nossa preocupação não era voltada especificamente para a instituição (casamento) formada pelos cônjuges, isto é, não estávamos comprometidos com a manutenção ou com a ruptura do casamento. Nossa intenção era, como bem a expressou Rosemberg:

"que duas pessoas se descubram, percebam o que querem e, se possível aprendam a se relacionar, a esclarecer e comunicar suas expectativas encontrando uma forma de resolver conflitos que satisfaça a ambos" (1986, p.13).

Conduzíamos as sessões de psicoterapia, de forma a responder àquilo que era manifestado pelos clientes; quer fossem aspectos conjugais, quer fossem aspectos individuais. A resposta a estes aspectos não era feita de forma exclusiva, isto é, não atendíamos ao esposo diante de sua esposa e nem à esposa diante de seu esposo. Nem tampouco, enfocávamos exclusivamente a relação sem escutar ao que nos era falado de forma individual. Tentávamos compreender os clientes diante da relação que compunham, assim como suas relações eram compreendidas como provenientes das pessoas em que se constituíam.

Em alguns momentos respondíamos a um, ou ao outro, mas também respondíamos ao conjunto dos dois. Acreditamos que as VSs da terapeuta deixaram este aspecto mais claro: em muitos momentos ela referia perceber os "ganhos" de um dos membros do casal, em outros momentos se dava conta da necessidade de psicoterapia individual para outro membro e em muitos momentos referia-se à relação que percebia ser mantida pelo casal.

Consideramos importante ressaltar que quando respondíamos ao aspecto relacional manifestado, ao conjunto das duas pessoas, bem como a uma delas individualmente, não havia em nós uma preocupação quanto à configuração ou dinâmica da pessoa ou da relação. Como dissemos em nossa

introdução, utilizávamos um enfoque teórico no qual nossa preocupação se dirigia ao estabelecimento de uma relação terapêutica facilitadora - da exposição de ambos os cônjuges e de seus conflitos - e, possibilitadora de auto e hetero conhecimento.

A relação terapêutica que estabelecemos era permeada pelas atitudes do terapeuta, delineadas como necessárias e suficientes por Rogers. Aceitação incondicional, congruência e empatia compunham conjuntamente a forma da disponibilidade terapêutica.

Compreendemos estas três atitudes como partes de um todo, separadas apenas didaticamente, mas colocadas em ação conjuntamente. Entretanto tivemos a intenção de destacarmos uma delas, a fim de melhor explicitarmos a forma como a utilizamos. Acreditamos ser a empatia - assim como Cury (1993) - o elemento fundamental na constituição de uma relação intersubjetiva e destacamos a empatia por ser a base da compreensão de nosso tipo de resposta terapêutica.

A empatia era para nós compreendida como sendo a possibilidade de colocarmo-nos no lugar do cliente, como se fôssemos ele, sem nos esquecermos do "como se fôssemos", uma forma de lhes demonstrarmos compreensão pelo que haviam verbalizado, uma forma de possibilitá-los sentirem-se em comunicação, e também uma maneira de lhes demonstrarmos calor humano.

No entanto, nossa resposta empática era fornecida de forma que se constituiu em mais do que um espelhamento do experienciar dos clientes. Percebíamos que nossa fala empática acabava por intervir na fala dos clientes de modo a lhes possibilitar representar na consciência mais do que apenas a experiência vivenciada, e sim uma maior simbolização desta, não se constituindo assim num reflexo de sentimentos.

Bozarth (1984) apontou-nos que a empatia tem sido frequentemente confundida com uma resposta reflexiva, até porque Rogers manifestava sua compreensão empática por meio de respostas verbais reflexivas, o que facilitou que se compreendesse empatia desse modo e até que se desprezassem outras formas de demonstração empática que eram também fornecidas por Rogers, como por exemplo: auto-expressões e respostas intuitivas.

Nossa forma de resposta empática identifica-se com a resposta nomeada por Bowen (1987) de "impressões integrativas". Para esta autora, no desenvolvimento da empatia os terapeutas deveriam ser capazes de bloquear as repressões dos seus pensamentos conscientes, de modo a extrair de dentro deles uma energia que se manifestaria por sonhos, intuições, visões, metáforas, idéias súbitas, fantasias, etc. Desta fonte de energia é que surgiriam as "impressões integrativas" que Bowen considerava permitir ao terapeuta e ao cliente

"perceber as coisas de um novo prisma, ordenando experiências fragmentadas em novos modelos que nos orientam para um nível mais alto de coerência e simplicidade"
(p.62).

Compreendíamos que nossa resposta terapêutica aos clientes não se resumia a uma fala acerca da "verdade" sobre eles, mas, sim, que se constituía numa fala simbolizante das experiências relatadas e/ou vivenciadas, e simbolizantes também da compreensão obtida pela terapeuta. Esta fala ao ser emitida pressupunha uma empatia, e só por meio dela é que poderia ser falada.

Entendíamos que também poderíamos nomear este tipo de resposta, por "interpretação" desde que compreendida como Campos (1996):

"É uma intervenção na fala do cliente de modo que eu consiga representar na sua consciência "algo mais", dos conteúdos que ele está me relatando (vivenciando), comigo, 'aqui e agora' [...]. Eu acho que a compreensão pode se inscrever junto com a interpretação e essa interpretação nada mais é do que o esforço de uma escuta, de um esforço de compreensão que se dá necessariamente vinculado ao modo de ser, não só daquele que fala, mas também daquele que escuta"
(p. 62 e 63).

4.2- A produção do material de estudo

As VSs foram solicitadas ao final de cada sessão, nos últimos cinco minutos. Pedimos a cada um que nos falasse ou que escrevesse qual havia sido para ele/ela o sentido daquele encontro/sessão.

Os relatos produzidos foram escritos ou gravados em audiotape. Os casais Claudio e Maria, e Pedro e Lurdes escreveram suas VSs, enquanto os casais João e Doroti e Romeu e Antonia gravaram.

A forma de registro - escrita ou gravada - foi escolhida pelos casais, uma vez que foram as duas únicas formas propostas.

As VSs do casal João e Doroti foram obtidas em princípio via audiotape porque ambos preferiram gravar ao invés de escrever, mesmo Doroti tendo se colocado à vontade para redigir, o que não foi o caso dele.

Durante as quatro primeiras sessões, percebemos que o segundo a gravar (particularmente Doroti, na 1ª, 2ª e 4ª sessões) expressava idéias muito parecidas com as verbalizadas por João. Então sugerimos a ela que passasse a escrever suas VSs, uma vez que ela não tinha se indisposto para o uso da escrita. Doroti redigiu então suas VSs, mas apenas da 5ª à 8ª sessão. Ela recusou-se a continuar a escrever e solicitou o retorno da gravação, o que lhe foi permitido, porque nesse momento do processo (8ª sessão) já delineávamos a compreensão de uma postura "submissa" de Doroti que ocorria também no decorrer da sessão, sob a forma de um discurso responsivo, do tipo que apontava onde melhoraria (a análise do processo psicoterápico do casal demonstrou com mais detalhes, esta nossa percepção). Esta constatação liberou-nos a retomar as gravações das VSs de Doroti, entendendo que a sensação de "cópia" que havíamos tido era decorrente da postura de "submissão" que mencionamos acima.

Quando Doroti escrevia suas VSs, ela o fazia antes que João gravasse a sua. Quando ambos gravavam as VSs iniciava-se pelo cônjuge que se dispusesse a começar. Isto também ocorreu com o casal Romeu e Antonia, que gravou todas as suas VSs.

Em alguns dos momentos de gravações das VSs, a terapeuta fez perguntas ao cônjuge que se expressava, com o objetivo de elucidar melhor aquilo que estava sendo verbalizado. Estas perguntas foram transcritas dentro do texto da VS e podem ser localizadas entre parênteses.

As VSs da terapeuta foram escritas ao final da sessão, logo após a saída do casal da sala de atendimento. E somente ao final desta redação é que se redigiram as ACs.

O texto escrito das VSs sofreu apenas correção ortográfica, e o texto proveniente das gravações foi transcrito e pontuado de acordo com as pausas próprias da fala na gravação.

5- A Análise Do Material De Estudo

6-

A análise do material produzido foi realizada com cada casal em separado. Somente após a análise de todo um processo psicoterápico de um casal é que iniciávamos a análise do processo do outro casal. Analisamos na seqüência, o material do casal Pedro e Lurdes, depois do casal Claudio e Maria e em seguida o processo do casal João e Doroti. Ao final da análise do processo psicoterápico deste casal, iniciamos a análise do casal Romeu e Antonia, que se constituiu no único processo analisado sem que o mesmo já tivesse sido finalizado.

De posse do material de estudo - VSs e ACs por escrito - percorremos os seguintes passos:

1º - Diante das VSs originais de cada participante (cônjuges e terapeuta) para cada sessão, anexamos as ACs da mesma sessão. Nossa intenção foi a de colocar a AC da sessão, para que seus dados pudessem ajudar numa possível melhor elucidação das VSs daquela sessão, quando necessário.

Pudemos perceber que algumas destas ACs não se encontravam diretamente ligadas (ou não ajudavam diretamente) à compreensão das VSs, mas foram anexadas por terem sido as únicas produzidas para aquela sessão, e por conterem, sem dúvida, elementos da sessão.

2º - Neste passo, procedemos à inserção, entre colchetes, de palavras destinadas à melhor explicitar o conteúdo significativo da VS. Consideramos importante frisar que este passo não se constituiu em uma supressão de qualquer palavra da VS, mas, sim, num acréscimo.

__Ao final deste passo, obtivemos em uma mesma folha, a redação das VSs dos dois cônjuges e a VS da terapeuta, complementadas quando necessário, e seguidas da redação das ACs.__

3º - Realizamos uma leitura de todo o texto descrito acima, contendo as VSs dos três participantes do estudo para todas as sessões realizadas. Com esta leitura pudemos obter uma compreensão global da vivência deste sujeitos, com a qual partimos para o próximo passo.

4º - Realizamos uma análise sessão à sessão, envolvendo o casal e a terapeuta, que teve por motivação a compreensão do entrelaçamento de suas vivências. Na redação destas análises, utilizamos, como vinhetas ilustrativas, frases das VSs que expressavam melhor o conteúdo comum aos três sujeitos.

Este primeiro momento de análise foi realizado em interlocução. Recorremos a um parceiro de pesquisa que nos ajudou na compreensão do entrelaçamento das vivências dos três participantes (os cônjuges e a terapeuta).

A pesquisadora de posse destas análises (passo 4) encontrava-se com o parceiro de pesquisa para uma inter-locação das mesmas. O parceiro lia as VSs dos três sujeitos para cada sessão e dizia à pesquisadora o que ele havia percebido como sendo o vivido daquela sessão a partir das VSs lidas. Estas percepções em muitos momentos foram similares às da pesquisadora, mas também em muitos momentos acrescentavam-lhe novos aspectos que percebíamos serem **redescobertos**, porque lembrados do material da sessão. Em muitos momentos desta análise conjunta, a pesquisadora valendo-se da escuta de seu parceiro, percebia que a leitura das VSs por um "estranho" à sessão fornecia-lhe um retrato da sessão que ela havia vivenciado enquanto terapeuta. Como nos ressaltou o próprio criador do instrumento de Versões de Sentido e nosso parceiro de pesquisa:

"O contexto ideal para sua 'interpretação' (compreensão do sentido que ela transporta), é o de uma interlocução onde ela e seu autor se fazem presentes. É nessa nova interlocução que se reedita o sentido, mesmo quando implicando em novas falas mais explícitas" (Amatuzzi, 1996b, p.22 e 23).

___ Com a realização destes passos, obtivemos uma redação da análise do processo psicoterápico sessão a sessão - recheada por ilustrações de falas do sujeito. ___

5º - Este passo constituiu-se na leitura e destaque das frases das VSs não utilizadas na análise anterior. Percebemos que estas frases, se analisadas, permitir-nos-iam obter mais nuances do processo, obedecendo, assim, ao critério de completude, que segundo Mucchielli (1991) constituir-se-ia em um dos critérios de validação dos métodos qualitativos, com o objetivo de uma apresentação dos resultados de forma coerente e com sentido a fim de que se obtivesse uma compreensão global do fenômeno.

Na exploração destas frases não utilizadas anteriormente, percebemos que algumas delas apenas complementavam a idéia da frase já utilizada, enquanto outras nos forneciam ou novas nuances do processo ou enfatizavam a visão já obtida.

A este passo, demos o nome de Segundo Momento da Análise e o apresentamos de forma a mostrar todas as frases não utilizadas: as que apenas complementavam a idéia anterior, citadas como exemplos e as que nos forneciam novos enfoques, precedidas ou seguidas daquilo que considerávamos ter sido explorado por seus conteúdos,

6º - De posse destes dois momentos de análise redigimos nossa visão "final" sobre o processo psicoterápico de cada casal com a terapeuta.

7º - Procedemos à discussão e conclusão acerca de uma visão global do processo psicoterápico destes quatros casais, bem como a conclusão acerca da viabilidade do uso de VSs em pesquisas de processo psicoterápico.

III- RESULTADOS

Os resultados que apresentamos aqui mostraram-nos, pela seqüência de VSs registradas, o movimento ocorrido no processo psicoterápico dos quatro casais atendidos.

Os dados das VSs foram trabalhados de forma a obtermos uma análise do processo de cada casal, na qual apresentamos algumas vinhetas das VSs (o conteúdo integral de todas elas foi colocado anexo).

Antes que apresentássemos cada um dos casais, pensamos que podíamos por intermédio da literatura, ilustrar o momento conjugal que viviam quando iniciaram a psicoterapia.

Italo Calvino (1990), em seu conto: *Aventura de um esposo e de uma esposa*, mostrou-nos o cotidiano de um casal que trabalhava em turnos diferentes: ele à noite e ela de dia, e que, por isso, apenas se "esbarravam". Este conto pareceu-nos representativo do conflito vivido explícita ou implicitamente pelos casais, personagens deste estudo.

Arturo e Elide, personagens do conto, encontravam-se pela manhã quando Arturo chegava do trabalho e Elide se preparava para ir trabalhar, e encontravam-se também à noite quando Elide chegava e Arturo saía.

Quando Arturo chegava:

"Àquela hora, a casa estava sempre pouco aquecida, mas Elide se despiu toda, um pouco arrepiada, e se lavava, no pequeno banheiro. Atrás vinha ele, com mais calma, também se despia e se lavava, lentamente, tirava de cima a poeira e a graxa da oficina. Assim, estando ambos em torno da mesma

pia, meio nus, um pouco enregelados, de vez em quando se dando esbarrões, tirando um da mão do outro o sabonete, o dentífrico, e continuando a dizer as coisas que tinham para se dizer, era o momento da intimidade, e às vezes, acontecendo de se ajudarem mutuamente a esfregar as costas, insinuava-se uma carícia, e se encontravam abraçados.

Mas de repente Elide: "Meu Deus! Que horas já são?", e corria para meter as ligas, a saia, tudo com pressa, em pé [...].

Arturo ficava sozinho. Acompanhava o ruído dos saltos de Elide degraus abaixo, e quando não a ouvia mais continuava a acompanhá-la em pensamento, [...]" (p.118 e 119).

Quando Elide voltava:

"Mas o café ainda não havia acabado de passar e já ele estava atrás da bicicleta vendo se estava tudo em ordem. Abraçavam-se. Arturo parecia que só então reparava como era macia e tépida sua esposa. Mas punha no ombro o quadro da bicicleta e descia atento as escadas [...]" (p.120).

CASAL PEDRO E LURDES

- **Apresentação do casal**

Pedro e Lurdes estavam casados há sete anos quando iniciaram a psicoterapia de casal.

Contaram que namoraram cerca de quatro meses e se casaram porque Lurdes havia engravidado. Esse primeiro bebê foi perdido e um ano depois tiveram o Gabriel.

Pedro trabalhava no período da tarde e à noite, ficando em casa no período da manhã para estudar. Lurdes não trabalhava fora.

Eles moravam numa casa em cujo terreno havia outras casas: a do pai dele e a de um irmão. Lurdes não gostava de morar ali até porque a casa era pequena. Eles moraram em outro local, logo que se casaram, por apenas um ano. E passaram a morar com os familiares de Pedro por insistência da mãe dele, quando ainda era viva.

Com a perda da mãe, Pedro sentiu que realmente não poderia sair da casa que ocupava para não facilitar a venda desta pelo pai, que poderia dar então uma parte do dinheiro à atual esposa. Pedro não concordava que nada do que fora conquistado por sua mãe pudesse passar para outra mulher (sua madrasta).

Estas questões interferiam na relação do casal, provocando discussão entre eles e também entre os familiares vizinhos.

Pedro e Lurdes participaram apenas de doze sessões de terapia de casal, após as quais se interrompeu o processo, porque Lurdes ia dar à luz o segundo filho do casal. Na época do encerramento mostraram interesse pela continuidade da terapia de casal, mas que só a poderiam retomar uns quatro ou cinco meses depois, pois ela não tinha com quem deixar um bebê pequeno (e também não confiaria em deixá-lo aos cuidados de outra pessoa para vir às sessões). Durante o atendimento deles, o filho estava esperando ser chamado para iniciar a ludoterapia, na mesma clínica.

O processo das doze sessões do casal foi realizado semanalmente, sem nenhuma falta. Entre a 9ª e a 10ª sessão houve um intervalo de quinze dias

em razão de um feriado. As VSs foram escritas por cada um ao final da sessão.

ANÁLISE DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

1ª Sessão

Pedro e Lurdes falaram da descoberta que fizeram de que o espaço terapêutico poderia ser usado por eles, para eles. E falaram também de uma nova forma de visualizar o problema. Ela expressou-se de forma mais pessoal: *"Eu vim para ajudar meu filho e descobri que posso ser ajudada também"*. Ele expressou-se em termos de um "nós" que ia além do problema do filho: *"No sentido de melhorar o jeito de ser do meu filho Gabriel, também tivemos algumas orientações"*.

A novidade foi a de se voltarem para eles. Pareceu-nos que experienciaram isto de forma positiva e esperançosa.

A terapeuta captou a carência de espaço para o casal: *"Me parece que não há espaço para eles, como casal, tudo que falam é em função do filho..."* No entanto, a terapeuta se prendeu mais à constatação desta carência do que à esperança que não foi verbalizada na sessão e sim na VS.

2ª Sessão

O sentimento de Lurdes quanto à sessão foi o de frustração: *"Hoje eu saio daqui muito incomodada, pois o assunto não estava aonde eu quis chegar..."*. O sentimento de Pedro foi o de satisfação, e querendo convencer a esposa da importância do problema do pai dele na vida do casal: *"O assunto do problema do meu pai também faz parte da nossa conversa..."*. E o sentimento da terapeuta foi o de muita confusão e dificuldade de chegar ao casal: *"Há tanta confusão com antecedentes familiares misturados na atual família, que fica difícil discernir este relacionamento atual..."*.

Mas houve em comum aos três na sessão a constatação de que estavam distantes como casal. Lurdes ressentindo-se de uma falta de atenção dele para com ela, pois ele se ocupava com os problemas que tinha com o pai: *"Eu não quero saber o problema dos outros, mas sim os meus que não são poucos"*. E Pedro não sentia que Lurdes dava atenção aos problemas que ele tinha, que interferiam na relação deles. A terapeuta captou isso de imediato: "...

E entre eles um não ouve os sentimentos do outro e também não fala dos próprios". O mérito da sessão foi ter colocado a questão, embora não se soubesse ainda como lidar com ela.

3ª Sessão

Pedro e Lurdes falaram do filho, mas agora de forma um pouco diferente. Falaram coisas boas dele. Viam-no não só como problema: "*O Gabriel, apesar de não ser obediente, é muito esperto*" - Pedro.

Para Lurdes, falar de seu filho era falar de coisas de seu interesse, portanto expressou-se de forma mais pessoal: "*Hoje meu assunto foi mais aproveitável, pois falou da minha vida, do meu interesse [Falou mais sobre o filho e pôde dizer algumas de suas qualidades]*".

A terapeuta captou este aspecto "pessoal" da conversa: "*Por meio do filho e da relação que mantém com ele, podem ir se ouvindo mais...*".

4ª Sessão

Nesta sessão, Pedro e Lurdes se deram conta de como suas atitudes influenciavam nos problemas do filho. Para Lurdes, o problema do filho passou a ser visto como de solução mais fácil: "*... estou resolvendo o problema do Gabriel que não era bicho de sete cabeças.*"

Pedro constatou que as divergências do casal confundiam o filho: "*As opiniões minha e de minha mulher às vezes são contraditórias fazendo com que o Gabriel fique confuso e perdido nas suas brincadeiras*".

A terapeuta captou esse movimento deles, guardando na memória uma frase da sessão e percebendo que Pedro estava se expressando com mais liberdade sobre o filho: "*... 'Acho que somos nós que enlouquecemos o Gabriel' (sic). Ele faz colocações sobre o filho como um peso grande a ser carregado*".

5ª Sessão

Começaram a surgir sentimentos e ressentimentos de um para com o outro. Lurdes referia-se aos ressentimentos que guardava dos familiares dele:

"Eu acho que se todos os seres humanos tivessem o que fazer não haveria tanta discórdia uns com os outros".

Pedro a ouviu e se dispôs a fazer mudanças: *" Conversamos um pouco sobre marido e mulher, existe alguma coisa que pode ser mudada".*

A terapeuta captou este movimento do casal: *" O casal, a vida a dois está surgindo nas sessões..."*.

6ª Sessão

Pedro e Lurdes começaram a se separar um pouco do filho, ou a não tê-lo como foco central da conversa. O que lhes permitiu verem-se um pouco mais a si próprios, a se verem então em relação ao próprio filho, bem como chegar a ver este filho um pouco melhor. Lurdes: *"Não devemos exigir de nossos filhos o que eles não conseguem nos dar..."*. Pedro: *" O Gabriel às vezes é um obstáculo, mas temos que rever nosso jeito de agir e pensarmos um pouco sobre nós. Fazendo isto é bom para todos"*.

Esta percepção foi expressa pela terapeuta quando disse: *"...Ao final, percebem que são eles que não entram em acordo em como educá-lo [ao filho]"*.

7ª Sessão

Pedro e Lurdes pareceram-nos continuar nessa nova visão do filho, como mais "separado" deles, como podendo existir três pessoas distintas: Pedro, Lurdes e Gabriel. Isto se refletiu num sentimento de tranqüilidade por parte dos dois. Na expressão de Lurdes: *" A esperança é a última que morre. A vida não é um bicho de sete cabeças"*, e na expressão de Pedro, que mais tranqüilo com relação ao filho, pôde lhe dar mais espaço: *" A idéia da aula de hoje é que temos que ter um espaço mais amplo para com o Gabriel..."*.

A terapeuta captou este sentimento de tranqüilidade que tinham agora em relação ao filho: *"Há uma maior tranqüilidade para lidar com o filho, e este também parece estar mais tranqüilo..."*.

8ª Sessão

Pedro e Lurdes então mais tranquilos em relação ao filho, puderam se voltar para outros elementos, outras pessoas que também influenciavam na sua vida de casal.

Pedro resgatou o assunto do pai: *"O problema de que falamos hoje é sobre a atitude do meu pai que também influi na vida do casal"*. E Lurdes se mostrou ressentida pelas conseqüências desse problema - ter de morar com o sogro: *"Não há coisa melhor do que ter o que é da gente"*. Pedro e Lurdes consideraram juntos a mesma questão.

A terapeuta captou o movimento deles em se aprofundar na confrontação de obstáculos que não eram tão concretos, como era, por exemplo, com o problema do filho : *"...Puderam perceber o quanto algo não concreto também pode estar atrapalhando"*.

9ª Sessão

Eles se defrontaram com o desentendimento, o desacordo que havia entre eles e suas conseqüências. Apesar da confusão, houve um pensar sobre isto porque em casa apenas discordavam e então na sessão pensaram sobre isso, num nível diferente do habitual. Pedro considerou que a discordância atrapalhava seu casamento: *"A discordância entre duas pessoas, às vezes, atrapalha um relacionamento"*. Para Lurdes, as conseqüências foram manifestadas de forma mais concreta; ela padecia pelo fato de o marido não pensar em uma mudança de casa: *"Quando a mente não pensa, o corpo padece"*.

A terapeuta captou esse desacordo entre eles que se manifestava por uma expressão de raiva: *"... Eles não se entendem em como vêem as coisas. Um acha que a forma de perceber do outro está sempre errada. Não há meio termo, apenas raiva"*.

10ª Sessão

Tanto Pedro quanto Lurdes se referiram à família, mas agora de uma forma integrada. No início, era apenas o filho, depois a percepção de casal; em seguida uma nova percepção do filho; depois uma percepção de outras influências no casal e então a reunião dos três: Pedro, Lurdes e Gabriel. Lurdes se expressou demonstrando prazer por ter chegado a estas experiências: *"Hoje para mim foi muito agradável, falamos de tudo um pouco: do Gabriel, do meu marido e do parto"*. Pedro expressou esta integração obtida, relacionando o filho a eles: *"Hoje foi conversado sobre algumas coisas que têm a ver com o Gabriel e seus pais"*.

A terapeuta percebeu esta integração como uma nova possibilidade de inter-relação entre os três, uma vez que havia uma exploração e exposição mais livre de sentimentos: *"Explorar medos, fantasias e estilos [...] O filho reflete o estilo desconfiado e racional dos pais"*.

11ª Sessão

Pedro e Lurdes fizeram uma "avaliação" do que conseguiram em relação ao filho. Pedro projetou maiores mudanças, incluindo a todos: *"Deixar o Gabriel à vontade tem feito resultado, mas ainda tem que ter algumas mudanças. Isto fará bem para ambas as partes"*. Lurdes demonstrou uma conformação, uma aceitação de coisas difíceis de serem solucionadas, mas não nos parecendo um conformismo passivo, e sim um conformismo obtido depois de ter sido ativa (ter feito mudanças): *"O que não tem remédio, remediado está"*.

A terapeuta entrou no movimento deles de também avaliar o que conseguiram com o filho e se deu conta de um tipo de relação dos pais com a criança: *"Há entre eles e o filho uma competição..."*. Mesmo que essa percepção da terapeuta não tenha sido expressa na sessão e não tenha sido, portanto, elaborada.

12ª Sessão

Pedro, Lurdes e a terapeuta fizeram uma avaliação final do processo. Tanto Pedro quanto Lurdes pareceram-nos tranqüilos com o obtido, ela aceitando as coisas como eram; ao contrário da revolta anterior: *"Ontem, hoje e amanhã sempre será um novo dia. Alegrias, tristezas e dificuldades sempre terá"*. Ele pontuando onde ocorreram as melhoras: nas atitudes deles e esperando que essas melhoras aumentassem: *"... mudou alguma coisa no sentido de melhoria e também nas atitudes houve alguma melhora, espero ainda mais"*.

A terapeuta sentiu que as mudanças obtidas se deram mais em relação ao seus papéis de pais, do que aos papéis de marido e mulher: *"Acredito que vocês puderam usufruir destes atendimentos e puderam mudar aspectos da conduta enquanto pais. Acredito que houve um tempo pequeno para que pudesse surgir mais do casal..."*.

O que houve de comum entre os três foi uma percepção de continuidade: Lurdes pelos ciclos da vida, Pedro pelo futuro melhor que esperava, e a terapeuta confiando que continuariam a explorar mais o casamento.

No entanto, a terapeuta, assim como eles recorreu à experiência positiva de relacionamento que ambos desejavam continuar: o explorar mais o casamento.

SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE

Muitas frases das VSs não foram utilizadas na análise anterior porque apenas completavam a idéia já dita, como por exemplo, nas VSs das sessões: -2ª sessão - VS de Pedro - a frase não utilizada: *"... pois é o acontecimento do dia-a-dia"* - reforçava a idéia da frase utilizada: *"O assunto do problema do meu pai também faz parte da nossa conversa..."*.

Também na VS de Lurdes para a 2ª sessão, a frase não utilizada: *"...Eu não quero saber o problema dos outros, mas sim os meus que não são*

poucos" - complementava a frase utilizada: *"Hoje eu saio daqui muito incomodada, pois o assunto não estava aonde eu quis chegar..."*.

Na VS da terapeuta sobre a 3ª sessão: a frase não utilizada: *"... nas suas coisas e histórias, isto é, podem até vir a falar do casal que formam, do que fazem de sua vida. Tudo isto por meio da percepção que vão tendo do filho e da relação que têm com ele"* - complementava a frase utilizada: *"Por meio do filho e da relação que mantém com ele, podem ir se ouvindo mais..."*.

Esta complementaridade se repetiu nas seguintes VSs:

VS da Terapeuta	- 4ª sessão
VS da Terapeuta	- 5ª sessão
VS de Lurdes	- 6ª sessão
VS de Pedro	- 7ª sessão
VS de Lurdes	- 7ª sessão
VS da Terapeuta	- 9ª sessão
VS da Terapeuta	- 10ª sessão
VS de Pedro	- 12ª sessão

As VS que não foram citadas na íntegra e cujas frases não citadas não completavam a idéia expressa na frase utilizada revelaram aspectos os quais foi necessário pontuar aqui, a fim de que se obtivesse uma análise mais completa.

Foram frases apenas das VSs da terapeuta, para as sessões 1,6,7,8,11 e 12..

A VS da 1ª sessão revelou uma idéia da terapeuta, segundo a qual o filho poderia estar sendo "usado" para uma não proximidade do casal:

"... que parece também servir para que eles pais não se aproximem enquanto casal."

A VS da 6ª sessão revelou uma expressão que voltava a esta idéia, pois acabaram falando do filho para não falarem de si: *"É realmente difícil falar do casal, mal começam a falar de si e entram no assunto das desobediências do filho..."*.

Essa idéia se reforçou mais uma vez pela expressão que ocorreu na VS da 7ª sessão: *"...Mas, continuo com a sensação de que falando do filho "escapam" de se verem como casal"*.

A VS da 8ª sessão, em seu início, exemplificou a idéia colocada posteriormente, da percepção de influências não externas: *"Pôde-se falar de assuntos outros que não o filho. Pedro ainda se encontra muito ligado à sua mãe, embora esta já tenha morrido, e a faz sutilmente 'presente' entre ele e a esposa..."*.

As frases não utilizadas da VS da 11ª sessão explicavam a forma como a terapeuta percebia a competição na relação entre eles e o filho: *"... se fizerem as coisas do jeito do filho, levando-o em consideração acham que esse filho sairá vencedor e vai ficar mal acostumado. Se fazem do jeito deles é porque é assim que deve ser. Não há a crença de que as coisas podem se encaixar de um jeito mais natural, só pela força se encaixam"*.

A VS da 12ª sessão expressou uma idéia final da terapeuta: *"...É como se precisassem ter antes esgotado tudo do filho para depois chegar somente a vocês"*.

Estes trechos, não utilizados na análise anterior, pareceram-nos evidenciar uma forte percepção da terapeuta - já apontada na primeira análise - sobre a falta de espaço para o casal, que também demonstrou perceber isso e se surpreender com o fato de vir a ter uma terapia para eles, como casal.

O que se denominou por "falta de casal" pareceu-nos ser reflexo de uma compreensão da terapeuta, de que, eles se centralizavam em torno do filho, apresentando-se mais como pais do que como marido e mulher.

Com o que foi expresso na VS da 8ª sessão, além de reforçar esta idéia, acrescentou-se um outro ângulo de compreensão. Não havia muito espaço para a consideração direta das relações conjugais, não só porque punham o filho no meio deles, mas também porque havia uma mãe no meio: a de Pedro. Foi ela quem os fez morar nesta casa, onde Lurdes se sentia maltratada. E era em nome de sua memória que Pedro não queria sair desta casa.

Lurdes, por sua vez, expressando-se amargamente - como no início da terapia - ou mais esperançosa ao final, não fazia nenhuma forte pressão para romper com esta situação de morarem com o sogro e virem a ter uma casa só

para eles, como ela dizia tanto desejar. Pudemos então levantar aqui a seguinte consideração: este era um casal que talvez ainda não se visse como tal, que talvez não houvesse percebido a importância de sê-lo, porque já havia se configurado diretamente como família. Casaram "grávidos", já havia um terceiro entre eles. Questionamo-nos se acaso os casais que se unem por causa de uma gravidez não estariam pulando a etapa de casal, até porque em muitos momentos, os parceiros não se escolhem e sim são "escolhidos pelo acaso"?

A VS da 12ª sessão expressou a finalização desta idéia por parte da terapeuta: ainda poderiam chegar muito mais até eles (percebemos que pela primeira análise houve um trabalho com o casal), mas depois de se sentirem mais tranqüilos como pais.

E na VS da 11ª sessão a terapeuta percebeu que a forma de relação que mantinham com o filho era exemplificadora da própria relação entre eles: hora um estava certo, hora o outro, representando mais uma competição e rivalidade.

Poderíamos dizer do casal Pedro e Lurdes que, mesmo eles estando ali, em terapia, porque encaminhados, isto é, sem terem escolhido fazer uma psicoterapia conjugal, eles iniciaram o processo colocando-se de forma pessoal. Eles podiam até não estar falando literalmente deles, mas o faziam por intermédio da fala sobre o filho. Isto era falar deles, porque era assim que se percebiam, isto é, se percebiam apenas como pais, falar de si era falar enquanto pai e mãe.

Esta não era uma fala externa, voltada para objetos e fatos externos, era voltada para a única coisa que "existia" em suas vidas: um filho visto somente como problemático.

Percebemos que, por terem eles obtido um espaço como casal, puderam usufruir dele, nem tanto para trabalhar questões específicas do relacionamento conjugal, mas, para poderem deixar de se ver misturados ao filho. O filho deixou de ser o centro dos problemas à medida que passou a ser percebido não só como um garoto mau, mas como um garoto que poderia estar se comportando mal em razão da forma como era tratado por eles. Percebemos aqui que esta tranqüilização poderia ser decorrente do alívio de uma possível culpa por terem um filho tão "problemático". Isso nos mostrou que

Lurdes e Pedro passaram a se perceber, a ter "existência" (podiam estar causando coisas nos outros), razão por que puderam até explorar alguns sentimentos entre eles (podiam estar causando "coisas" também um ao outro).

Quanto mais tranqüilos quanto ao seu núcleo familiar (casal e filho) puderam então retomar a problemática familiar de Pedro (algo que num processo mais longo, talvez viesse a ser explorado e eles pudessem se dar conta de sua constituição de casal diante do não desligamento de Pedro de sua família de origem).

Acreditamos que o fato de Pedro e Lurdes usufruírem do espaço que lhes foi oferecido, decorreu da necessidade que tinham disto, mesmo que ainda não tivessem se dado conta disso. Eles precisavam estar com alguém falando de algumas coisas deles, e, assim sendo, adentraram o processo e obtiveram melhoras, como disse Pedro, "melhoras nas atitudes deles", pais. Retomamos aqui, que, interromperam o processo porque Lurdes ia dar a luz, em breve.

CASAL CLAUDIO E MARIA

- **Apresentação do casal**

Claudio e Maria procuraram ajuda em consultório particular, por pretenderem voltar a viver juntos, mas não estavam bem certos se essa seria a melhor escolha. Eles se desentendiam bastante e não queriam repetir os erros do passado.

Conheceram-se há mais de dez anos, e logo foram morar juntos por conveniência financeira. Claudio era separado e tinha filhos, que moravam com ele, e Maria era solteira.

Maria e Claudio estiveram casados não oficialmente por vários anos, separaram-se e nos últimos cinco anos tinham intercalado períodos de reatamento e separação. Nos períodos de separação somente ela teve outros namorados.

Não estavam morando juntos, mas pretendiam fazê-lo, se isto fosse possível...

Foram realizadas 21 sessões de psicoterapia de casal, com frequência semanal, exceto por faltas ou trocas de horário/dia da sessão em consequência de feriados ou férias deles. A seqüência das sessões foi permeada por um intervalo de sete dias, exceto por:

- intervalo de 17 dias, entre a 4^a e a 5^a sessões, por motivo de feriado;
- intervalo de 14 dias, entre a 5^a e a 6^a sessões, por motivo de férias deles;
- intervalo de 04 dias, entre a 6^a e a 7^a sessões, por motivo de reposição da sessão anterior;
- intervalo de 15 dias, entre a 10^a e a 11^a sessões, por motivo de feriado;
- intervalo de 09 dias, entre a 12^a e a 13^a sessões, por motivo de troca de horário solicitada pelo terapeuta;
- intervalo de 05 dias, entre a 13^a e a 14^a sessões, em razão da troca anterior.

ANÁLISE DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

1ª Sessão

Ambos constataram a forma de relação do casal: não estavam unidos e sim em pólos antagônicos, como se fossem dois times que brigavam para ver qual seria o vencedor, qual o melhor, o mais certo. Isso fica claro com a expressão de Maria: *"...Deu-me a impressão de que ele era sempre o legal e eu a maldosa do casal..."*.

A forma como Claudio se expressava pareceu-nos demonstrar que ele começava a interligar estes dois "times". Como se percebesse que era assim que eles se constituíam, mas ele querendo explorar mais isso, querendo se entender, se fazer entender e entender como ela reagia a ele: *"Acho que vim buscar o entendimento das minhas atitudes e sentimentos, bem como me fazer entender e entender a forma como ela interagiu na vida"*.

A terapeuta percebeu a competição que havia entre eles mediante os efeitos que tal competição provocava em seu sentir, e a expressou deste modo: *"Me colocaram como juiz. Quando o entendo mais, acho-o mais certo, quando a entendo mais, acho-a mais certa. Não quero ser juiz da confusão deles..."*.

2ª Sessão

Parece ter havido uma tentativa de superação da idéia de competição, uma busca do que experienciavam, do elo de ligação entre eles. Assim, por parte de Maria: *" Em alguns momentos me senti ainda oprimida, mas em relação à sessão anterior consegui me soltar mais e falar mais sinceramente"*. E por parte da terapeuta: *"Me sinto mais inteira de poder ao final da sessão ver o que havia de comum ou de elo no casal. E que esse meu movimento (de busca do comum) também é o de vocês..."*.

Enquanto Claudio, uma vez que havia expressado essa postura de superação da competição (na sessão anterior), pôde nesta sessão se deter na forma de manifestação desta competição: *"[Existe um] algoz [e existe] uma vítima"*.

3ª Sessão

Cada um dos cônjuges pareceu-nos olhar mais profundamente para si próprio e para a relação. Claudio expressou uma percepção de si próprio que podia afetar a relação: *"O lado feminino que existe dentro de mim, parece tomar conta das minhas decisões"*. E Maria para pontos específicos da relação que desejava clarear: *"Pontos a serem retomados: onde foi que quebramos o pacto, auto-estima e relação de posse/fixação"*.

A terapeuta se ateuve ao significado deste aprofundamento para além da primeira sensação de confusão: *"... parece que está ficando um pouquinho mais fácil para cada um ouvir o outro, no que não diz respeito diretamente à relação."*

4ª Sessão

Num primeiro momento, o casal se defrontou com os aspectos que eram obstáculos à sua união. E a percepção destes obstáculos os angustiou de forma a terem pensado em abandonar tudo: terapia e relação.

Para Maria, o obstáculo de não se sentir entendida por ele a fez pensar em desistir: *"Dificuldade de me fazer entender por ele. Tem horas que tenho vontade de desistir..."*. Claudio manifestou ter tido a mesma intenção: *"Às vezes me senti com vontade de abandonar tudo..."*.

A terapeuta captou a matriz desta angústia como sendo: *"Ir às faltas de cada um, às falhas que cada um tem e a não aceitação delas..."*.

Num segundo momento, ambos expressaram a percepção de que esse abandonar tudo não seria solução; para Claudio: *"...Porém repito os mesmos movimentos. Será com ela ou com outra qualquer"*. E para Maria a superação desta desistência se deu pela esperança que tinha e pelo aspecto que levantou como "saída" a ser analisada: *"... ao final, ainda sinto que há uma ponta de esperança. Continuo achando importante a auto-estima"*.

Para a terapeuta, o aspecto de superação do desejo de abandono representava um confronto com as possibilidades reais de cada um para esta relação: *"...mas deixaram de falar do que gostariam que o outro fizesse para ter de encarar o que o outro não pode fazer"*.

5ª Sessão

Houve um aprofundamento das percepções de ambos acerca da relação e de seu papel nela. Maria referia-se a uma compreensão de ambos: *"...Até que enfim ele entendeu uma parte das coisas! E eu também!! ..."*.

Enquanto Claudio passou a questionar aspectos individuais relacionados a uma idéia de complementaridade na relação: *"Será que ela é tudo que eu um dia aboli do meu ser, e hoje vejo-me obrigado a aceitar que deveria ter feito?"*.

Para a terapeuta esta compreensão e aprofundamento foi muito importante, por provocar insights de Claudio e propiciar um novo nível de relação: *" Esta sessão foi extremamente importante [...] levou a um insight de percepção de Claudio, isto é, levou a um aprofundamento, talvez a outro nível de relação de vocês e nossa (dos três na sessão)"*.

6ª Sessão

O casal deparou-se com a questão do tempo que tinha para resolver seus vários problemas que eram, em muitos momentos, sentidos como sem solução.

A questão do tempo foi vivenciada por Maria em forma de exploração do futuro. Ela a expressou da seguinte maneira: *"Expectativas. Ansiedade de 'resolução' Velhice?? Sufoco. Quero resolver tudo com calma e com certeza"*.

Para Claudio havia a sensação de estar perdendo tempo, de que precisava ser rápido: *"O tempo me é precioso. Quero resolver e ser feliz agora"*.

E para a terapeuta, a questão do tempo se expressou pela noção de repetição apreendida como sufocadora e não solucionadora dos problemas deles: *"Uma repetição sem fim de tudo que fazem lá fora, sempre imperando o não ter saída para a relação..."*.

7ª Sessão

O movimento registrado na VS de Maria pareceu-nos ter sido o iniciador de um processo de aprofundamento de questões individuais extremamente importantes para a relação. Maria se viu às voltas com aspectos seus de que não gostaria de falar, mas que uma vez falados provocaram falas de Claudio que foram importantes para ela sentir confirmado o que percebia nele - Maria: *"Acho que é a primeira vez que me abro sobre minhas coisas [...], tenho a sensação de que foi bom porque imagino que facilitou ao Claudio [...] mostrar um lado dele que eu nunca via na terapia. Era como se esse lado só existisse em minha mente ..."*

Claudio levantou aspectos pessoais diretamente ligados à sua relação com Maria: *"Não suporto a sensação de estar causando pena, dó [...]. Acho que odeio a mulher. Acho que a amo também."*

A terapeuta captou esse movimento de individualização como aprofundador e solucionador da relação: *"O sentido dessa sessão foi para mim o de uma guinada no processo. Foi sair da relação para ir ao individual, [...] e ter como resultado que esse é o momento de que mais se falou da relação, dos dois [...]. E isto nesta relação talvez tenha o efeito de os desnudar, um para o outro [...]. De sair do plano das queixas sem solução."*

8ª Sessão

As VSs desta sessão pareceram-nos ter refletido um segundo momento do aprofundamento individual surgido na sessão anterior. A necessidade de se exporem um ao outro ficou mais forte e para Maria também mais angustiante: *"Nó na garganta, vontade de chorar, raiva [...], mas com certo receio de me expor..."*.

Claudio se confrontou com a necessidade de se expor e se propôs a baixar barreiras desde que Maria fizesse o mesmo: *"Abrir as portas. Baixar barreiras. Ver e deixar ser visto. Acho que é esta a minha proposta. desejo e concordo em ouvir e ceder, porém espero o mesmo da parte dela."*

O casal mostrou-se com medo de estar se expondo mais um ao outro, e este também foi o sentimento da terapeuta que captou a continuidade do

movimento de auto-exposição da sessão anterior, percebendo então mais claramente que eles se conheciam pouco e receando que fizessem apenas mudanças superficiais em razão do temor de se exporem e aos seus sentimentos: *"São tentadas mudanças em nível de comportamento, mas elas não surtem efeito porque não levam em consideração o sentimento [...]. Espero que estas mudanças atinjam o interno..."*.

9ª Sessão

Pareceu-nos ter havido uma superação do medo de se exporem, o que, embora não sendo fácil, foi enfrentado por eles. Para Maria talvez porque o seu falar não era criticado pelo outro: *"Falei bastante ! Gostaria de que esta situação (poder falar sem criticar e interromper o tempo todo) pudesse ocorrer mais vezes."*

Além da superação do medo de se exporem houve também para Claudio um sentimento de forte empatia por Maria e de uma vontade de ajudá-la: *"O individual dela me causa grandes preocupações. Tenho a impressão de enxergar onde estão "as causas" dos sofrimentos dela, e fico aflito em querer ajudá-la."*

A terapeuta percebeu que superaram o medo de se exporem, e ela (terapeuta) também superou o medo de que ficassem na superfície da resolução dos problemas: *"Sentido de um grande aprofundamento, as coisas faladas foram muito além da superfície. Ele pode ouvir mais a ela e que bom ! ela enfim pôde falar mais de si..."*.

10ª Sessão

Uma vez que puderam expor-se mais um ao outro, puderam tatear a exposição de sentimentos negativos que faziam mal ao outro, que feriam o outro. Ambos revelaram essa disponibilidade. Maria: *"[Os sentimentos presentes são] raiva, mágoa, carência e carinho. [Acho que] temos que esgotar o assunto raivas e mágoas para recomeçar a relação..."*.

E para Claudio essa disponibilidade era a saída para mudar sua vida: *"Acho que o próximo passo é externar de vez as antigas raivas, ou as atuais. Parece que sem externá-las, meu horizonte não mudará."*

A terapeuta também teve a mesma percepção do casal, de que precisavam se conhecer mais. Ela explorou mais os meandros deste desconhecimento de um em relação ao outro, que poderiam estar sendo o constituinte da raiva de que falava o casal: *"Eles parecem precisar se conhecer de novo, parecem não saber mais o que o outro quer, o que agrada ao outro. O que piora esta situação é o fato de que nenhum dos dois pede ao outro o que gostaria de pedir (ele pede menos). Me parecem também terem medo de receber, porque desvalorizam o que pedem, isto é, se recebem algo porque pediram, este algo já não tem valor, por não estar sendo dado espontaneamente"*.

11ª Sessão

Houve um desencontro entre eles, pois embora ambos se referissem à relação, falavam de pontos de vista diferentes.

Maria demonstrou estar preocupada diretamente com a relação: *"...o que eu faço de tão errado? Será que é errado mesmo? Por que ele não aceita parte das minhas colocações ao menos? ..."*.

Já Claudio mostrou-se exercitando aspectos para uma melhora da relação: *"A viagem para a praia foi o exercício das palavras ditas aqui"*.

Pareceu-nos que os dois não se comunicavam, que os dois não estavam se vendo. Isto foi percebido pela terapeuta como um: *"Procurar desembaçar os espelhos [...]. Nesta [relação] há um grande embaçamento..."*.

12ª Sessão

Claudio pareceu-nos fazer um balanço de aspectos próprios percebidos e de como deveria agir diante disto: *"Criar humildade em aceitar o pouco [... e em] ver somente o que sou. Ter somente aquilo que mereço."*

Enquanto Claudio nos pareceu estar pensando somente nele e reconhecendo que tem recebido pouco, Maria encontrava-se ainda insistindo

na solução dos problemas da relação. Ela levantou aspectos que desejava serem trabalhados: *"traição, cobrança, 'modelos', social..."*.

A terapeuta pareceu-nos pressentir uma provável desistência de Claudio em resgatar a relação. Valendo-se do uso da expressão *calmaria*, ela denominou o "enfraquecimento" do trabalho tumultuado da relação e sua substituição por um trabalho mais pessoal de Claudio: *" Calmaria. Hoje navegamos por ondas bravas, mas em calma. Ele retomou conteúdos da sessão passada e diz que tem coisas que têm feito eco para ele..."*.

13ª Sessão

A sessão pareceu-nos ter girado em torno da questão da confiança entre o casal e do risco que corriam na relação. Para Claudio havia os aspectos de *"Credibilidade - Risco - Confiança"*, enquanto que Maria apontava para uma necessidade de confiar: *"...Abaixar as guardas"*.

Ela ainda estava apontando por onde trabalhar na relação, enquanto ele se detinha nos problemas da relação pelos quais "culpava" Maria.

A terapeuta os percebeu como se defrontando com o real e abrindo mão de um ideal de relação: *"... Ambos querem vencer, querem ter uma relação 'ideal', e hoje puderam se confrontar com a idéia da relação que é possível ou não, mas jamais a ideal..."*.

14ª Sessão

Esta sessão teve como marca a separação do casal. Maria apontou para os aspectos que levaram a essa decisão: *"...Talvez seja realmente melhor separar, mesmo que o que eu realmente queria no início era ficar com ele !!"*

A falta de compreensão entre eles, que Maria levantou como motivo de raiva e desejo de separação, também estava expressa nas palavras da terapeuta: *"...Mas, como nenhum de vocês veio ao mundo para viver de acordo com as expectativas do outro e por acaso não se encontraram, então não restou nada a ser feito"*.

Quanto a Claudio, este caminhava para a separação, mas se deparando com a dificuldade que tinha em tomar uma decisão: *"Decisão. Ter que tomar"*

uma decisão individual, não coletiva; traz-me medo, confusão e vontade de desistir".

15ª Sessão

Esta sessão ocorreu em função de uma mudança de idéia do casal: eles recuaram diante da decisão de se separar. Esse recuo surpreendeu a terapeuta num primeiro momento, passando então a compreendê-lo melhor depois: *"Num primeiro momento uma surpresa, da separação da semana passada, vocês voltam unidos. Para vocês, ficar junto não é bom, mas é muito pior ficar sozinho..."*. A terapeuta os percebeu em dúvida: *"... ele fica na dúvida: ficar com ela e ela não o satisfazer? ou ficar sem ela e solitário?..."*.

Eles apontavam os meandros desta dúvida, que para Claudio se concentravam em: *"...Minha dificuldade é não deixar que as qualidades conceituais do outro se sobreponham às minhas. Desejo-me entender com esta dificuldade, buscando os comos de minha baixa auto-estima, para viver mais tranqüilo"*. E para Maria: *"... achei legal a colocação sobre os patamares diferentes em que estamos na resolução do problema. E ficou para mim dessa sessão pensar um pouco mais sobre a minha auto-defesa"*.

16ª Sessão

O casal pareceu-nos lidar com a idéia de não se "misturarem", não se unirem, por estarem sempre na defesa.

Maria expressou deste modo: *"O ponto que ficou importante para mim da sessão de hoje é como quebrar este círculo vicioso, esta barreira defensiva que ambos temos..."*. E Claudio: *"Acho que adquiri comportamentos efetivos de defesa, através da osmose da relação..."*.

Mas o casal estava junto neste olhar para a relação, olhar para o que não estava bem neste relacionamento. Isto foi captado pela terapeuta como: *"Na minha frente havia um casal, talvez pela primeira vez! ..."*.

17ª Sessão

Houve uma escuta transformadora e uma expressão de mágoas: Maria dizia ter medo de falar coisas a Claudio: "*Às vezes ainda tenho a sensação de [que ele está num] pedestal. Sinto medo de falar sobre coisas dele que me incomodam...*". Essa expressão provocava em Claudio uma aceitação do que Maria sentia e uma tentativa de melhorar isto, mesmo que fosse com mágoa por suas ofertas serem desperdiçadas: "*Tentarei aprender a contribuir de uma forma amena [...]. Deixar de emanar uma visão que soa como desperdício...*".

A terapeuta captou essa importância da escuta para a relação, especialmente a escuta aceitadora de Claudio: "*... Acho que vocês estão se escutando de uma forma diferente, melhor, principalmente Claudio [...] que tem ouvido melhor, se sentido menos acusado por ela*".

18ª Sessão

O casal demonstrou estar se sentindo pronto para uma decisão e, por isso, estar também sentindo medo.

Para Maria a decisão de se casar estava próxima, mas ambos poderiam se decidir pela separação: "*Pra mim fica a sensação de que se está perto de uma decisão. Ou se segue em frente ou se separa de uma vez...*".

Esse medo da decisão apareceu mais claro na VS de Claudio: "*É muito evidente o medo de encarar a suposição de um casamento, como também é evidente que eu desejo dar um passo*".

A terapeuta tinha uma percepção muito mais otimista do que a deles, via-os mais prontos para uma decisão do que eles mesmos: "*Casamento `a vista ! Para mim só resta o casamento para vocês, a convivência diária e me parece que vocês estão tranquilos para fazê-lo*".

19ª Sessão

O casal falou de aspectos que surgiam na convivência diária e com os quais tinham dificuldade para lidar e os quais também sentiam como dificultadores para a convivência de casal.

Para Maria estes aspectos ligavam-se a acordos quanto à organização da vida diária: *"...Discutir novamente a necessidade de abordar temas como o dinheiro, organização da vida, trabalho, etc, na prática. E fechar acordos sobre este pontos..."*.

Para Claudio, os aspectos que pareciam dificultar a relação dele com Maria estavam ligados à forma como expunham seus sentimentos e como os percebia recebidos por Maria, de um modo que o fazia sofrer: *"...Torno-os frios e alheios para que eu mesmo sinta compaixão daquilo que tolero..."*.

E com esta exploração que o casal fez acerca do que os dificultava estarem juntos, a terapeuta os percebeu com: *"... um 'potencial' para estarem juntos, mas ainda há muitos medos e um deles parece ser o de não saber lidar um com o outro quando um ou o outro ergue a barreira da defesa..."*.

20ª Sessão

O aspecto central dessa sessão pareceu-nos ser a constatação de que o que os impedia de estarem juntos era algo da esfera do individual.

Eles demonstraram-nos perceber que as defesas que erguiam os atrapalhavam, mas nenhum deles se propunha a ceder. Eram então aspectos individuais deles, não apresentados como relacionados a um passado remoto, mas sim relacionados à disposição atual, presente, para estarem nesta relação.

Maria referia-se a uma necessidade de Claudio para fazer terapia individual, bem como a algo que era exclusivamente dela e que precisava ser trabalhado: *"...Gostaria de que o Claudio realmente fizesse terapia, acho que também ajuda, assim como eu concordo que preciso me defender menos"*.

Claudio apontava sua questão individual, antes de mais nada, prejudicial a ele mesmo: *"...eu não causo mal nenhum a não ser a mim mesmo"*.

A terapeuta considerou um ritual obsessivo e cansativo a relação que acabavam mantendo e que oscilava entre unir-se ou separar-se, isto é, na relação dos dois havia uma possibilidade de união, e o potencial de cada um tornava mais difícil essa união porque eles não cediam: *"Primeiro, eu estou um pouco cansada [...] do vício que há na relação. Sinto que tenho que estar alerta"*

para não [...] tornar a terapia parte de um ritual obsessivo de vocês [...]. Alguém precisa quebrar ou não perpetuar o círculo vicioso e me ocorre que uma forma de fazer isto [...] seja pontuar as diferenças e abrir espaço para que elas existam...".

21ª Sessão

Novamente uma separação do casal. Mas agora como uma real tomada de decisão, apesar do sofrimento que ambos registraram por estarem se separando.

Claudio sentia que tomar esta decisão era dar um passo rumo a uma nova e longa direção: *"Para se percorrer mil KM é necessário dar o primeiro passo..."*. Maria se mostrou dividida entre a razão e a emoção: *"Racionalmente eu acho que a decisão é a mais correta. Emocionalmente é que é difícil de aceitar..."*.

A terapeuta os sentiu mais preparados para uma decisão (diferente da tomada na 14ª sessão). Percebeu-a como uma decisão mais amadurecida e também facilitada por uma possibilidade concreta de distanciamento físico dos dois: *"A relação parece ter terminado, acho que agora era mesmo a hora [...] pela primeira vez houve uma afirmação, ela se muda e não quer levá-lo junto"*.

SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE

Na análise anterior muitas frases das VSs não foram utilizadas porque apenas completavam a idéia já dita. Como por exemplo nas VSs das sessões: 4ª sessão - VS da terapeuta. A frase não utilizada: *"Vocês trocaram não só de lugar onde se sentam na sessão"*, exemplificava e complementava a idéia de mudança de conduta: *"deixaram de falar do que gostariam que o outro fizesse para ter de encarar o que o outro não pode fazer"*. (frase utilizada).

7ª sessão - VS da terapeuta. A frase não utilizada: *"Me faz lembrar de : 'O que há de mais individual é o que há de mais comum' ou quanto mais se caminha para o interior de seu próprio eu, mas se chega ao outro"*, complementava a

idéia de que exploraram coisas individuais de cada um, que um se deu a conhecer ao outro: "*Foi sair da relação para ir ao individual*" (frase utilizada).

Este recorte de frases, deixando de lado as que apenas completavam idéias, também ocorreu na análise quando se consideraram as seguintes VSs:

VS de Maria -	10 ^a sessão
VS da Terapeuta -	12 ^a sessão
Vs de Claudio -	15 ^a sessão
VS de Claudio -	17 ^a sessão
VS da Terapeuta -	17 ^a sessão
VS de Claudio -	19 ^a sessão
VS da Terapeuta -	19 ^a sessão
VS de Claudio -	20 ^a sessão
Vs da Terapeuta -	21 ^a sessão

As frases de Claudio não utilizadas:

- "*desejo expressar-me com lógica para ter um futuro mais tranqüilo*" (7^a sessão);
- "*creio ser importante também o porquê desse processo [de defesa dele]. Acho que tem a ver com minha auto-estima*" (16^a sessão);
- "*Estou hesitante, mas acho que dei o primeiro passo*" (21^a sessão).

Eram frases específicas de Claudio sobre aspectos individuais seus, o que nos pareceu reforçar a idéia de que ele não cedia, idéia esta que se expressou claramente para o casal, na 20^a sessão e que pareceu-nos justificar ou explicar o porquê da separação. Claudio não podia abrir mão de suas coisas. Pareceu-nos não se dar conta disto, mas sim de pressentir a possibilidade de que não cederia.

Algumas das frases de Maria, que não foram utilizadas anteriormente e que faziam parte das VSs das sessões 1/4/5/8, eram frases que se referiam a uma localização dela em face das sessões:

- *"Como primeira sessão acho que foi muito válida... Mas tive vontade de continuar o processo. Acho que vai valer a pena" (1ª sessão);*
- *"Mas felizmente nas últimas sessões e nessa em especial..." (4ª sessão);*
- *"Começo da sessão = difícil. Fim da sessão = Ufa ! Que alívio!" (5ª sessão);*
- *"Descrição do início da sessão: Mais calma e tranqüila com muitas coisas ainda por dizer...= descrição do fim da sessão".*

Com relação às outras frases elas nos fizeram refletir sobre aspectos já levantados na primeira análise, porque nos mostraram uma dificuldade de Maria em se expor, em se dar a conhecer:

VS da 7ª sessão *"Apesar de ter me sentido um pouco culpada por falar coisas ruins a meu próprio respeito".*

A VS da 13ª sessão: *"Voltar a discutir 'certo e errado' "* , mostrou-nos como ela também "participava" das idéias presentes na relação: de vencedor, de competição, de não ceder. Essa idéia ficou mais forte com a expressão da 14ª sessão na qual Maria dizia querer fazer uma "pesquisa" para saber quem estava certo ou errado, porque ela não agüentava ser considerada por Claudio como a errada: *"...Tenho vontade de sair fazendo uma pesquisa com outras pessoas..."*

Ainda na continuidade desta idéia, ela sentiu-se mais aliviada quando se sentiu entendida por ele na 15ª sessão. Não precisava mais ficar *"maluca"* : *"Alívio. Sensação de alívio..."* E aqui também Maria apontava um aspecto delineado na primeira análise: a questão da decisão, percebendo que a decisão seria mais dele, talvez porque o sentisse mais propenso a desistir da relação, como foi o que aconteceu.

Já na 16ª sessão, Maria apontava para a necessidade de uma decisão de ambos: *"...tentar ser o mais honesto possível... e dizer se queremos mesmo ficar com o outro".*

Na 17ª sessão, ela sentia que Claudio não mudaria: *"porque parece que ele nunca vai mudar"*, e na 18ª, ela o sentiu *"mais flexível na sessão de hoje"*.

Também na 17ª sessão apontava que *"falta pouco para resolver..."* e pareceu-nos que entendeu melhor esse pouco (na 18ª sessão) como: *"sair da teoria para a prática"*.

Repetiu esta idéia na 19ª sessão e na 20ª. Na 19ª sessão também apontou para a falta de acordos, o que nos remeteu ao aspecto levantado de que eles não cediam, e, por isso, a ausência de acordos.

Na 21ª sessão expressou uma idéia de "felicidade" pela separação: *"recomeçar, acho que é por aí - VIDA NOVA !"*.

Com as frases não utilizadas das VSs da terapeuta, no primeiro momento da análise, pudemos perceber que elas nos remetiam a considerações que foram sendo tecidas sobre o casal ou sobre o andamento da sessão, no decorrer do processo:

Na VS da 1ª sessão, a frase não utilizada: *"Me parecem um casal unido que não se une e um casal separado que não se separa"* mostrou-nos referir-se a uma percepção do vínculo do casal, pela terapeuta que se repetiu nas seguintes sessões:

3ª sessão - *"Parece que realmente não dá para vocês ficarem juntos [...] há duas pessoas em separado, que precisam ser ouvidas enquanto únicas, sozinhas"*.

15ª sessão - *"Acho que é o medo de se unirem, assumirem uma relação da qual necessitam, mas que não satisfaz plenamente"*.

E na 16ª sessão - *"Um casal que não se mistura..."*.

A terapeuta também nos mostrou ter se detido na questão sobre o que os estaria unindo:

2ª sessão - *"Vocês não estariam aqui se não houvesse algo de comum a ser resgatado, mesmo que não seja para ser re-unido"*.

E na 6ª sessão - *"Então por que vocês não terminam? Porque há algo a ser resgatado..."*.

Ela também constatou no decorrer do processo que eles se conheciam pouco (8ª) e nos apontou como percebeu que poderia ajudá-los nisso (11ª).

8ª sessão - *Vocês na verdade conhecem muito pouco um do outro..."*.

E na 11ª sessão - *"Nas relações as pessoas são espelhos para os outros [...], mas se posso eu também espelhar algo, preferencialmente de forma clara..."*.

Esse desconhecimento que havia entre eles pôde ser compreendido como decorrente de uma postura de competição entre eles: quem é certo, quem é errado. E as frases da 9ª e 13ª sessões mostraram-nos o que a terapeuta percebeu desta competição:

9ª sessão - *"... ele enfatiza as percepções dela [...] realçando-as como 'falhas' dela"*.

13ª sessão - *"...Impera quem está certo ou quem está errado"*.

As frases das VSs da terapeuta que não foram utilizadas nas análises da 5ª, 14ª e 20ª sessões versaram sobre a percepção que a terapeuta foi tendo sobre seu papel neste processo:

5ª sessão - *"Podemos nos falar mais. Da 'falação' teórica que em muitos momentos não me parecia levar a nada..."*.

14ª sessão - *"...Também me sinto um pouco como vocês: um pouco impotente"*.

20ª sessão - *"Só não entrando nisso (ritual obsessivo) é que talvez possa ajudá-los"*.

Pudemos perceber nas duas formas de análise das VSs dos participantes deste processo psicoterápico que o casal Claudio e Maria chegou para a 1ª sessão mostrando algo da relação que se notou ser central ao processo todo.

Eles chegaram mostrando-se em competição, querendo um juiz para dizer quem estava certo ou errado. Adentraram os aspectos que os ligava e, ao explorarem questões pessoais, pensaram até em desistir da relação, mas continuaram e compreenderam um pouco a função destas características individuais para a relação, até se darem conta de que não se mostravam ao outro como realmente eram. E quando então perceberam a necessidade de fazer isso houve um grande desencontro entre eles que culminou numa tentativa de separação.

Essa separação não se efetivou, houve um recuo e na continuidade do processo exploraram mais as questões da relação.

Pudemos perceber que até a 14ª sessão (separação), eles se detiveram mais em percepções e insights pessoais e que, a partir do reatamento (15ª) começaram a explorar mais a relação que mantinham, até se sentirem prontos para uma decisão, uma nova e definitiva separação.

Ficou-nos evidente ao final da análise do processo, e só ao final dela, que seria realmente difícil haver uma união entre este casal.

A dificuldade que eles tinham em estabelecer uma união pareceu-nos proveniente de uma dificuldade em aceitarem as suas diferenças. Para eles, tudo girava em torno do certo e do errado, sem a possibilidade do diferente. Algo como se houvesse neles, particularmente em Claudio, um não desejo de tê-la como companheira. E em Maria um querer um companheiro que não era bem como este.

Como nos diz o mito de Penia e Poros, o Amor conjuga riqueza e pobreza. Sem a conciliação das diferenças ficaria realmente difícil estabelecer uma união entre eles.

Ao observarmos as frases das VSs da terapeuta, percebemos que ela já se dava conta do germe de dificuldade para a união. Mas isto era apenas um pressentimento que, embora tendo sido expresso já na 3ª sessão, não podemos dizer que era algo consciente em um nível que pudesse ter dirigido o processo para a separação. Mesmo porque houve momentos em que ela própria acreditou na possibilidade de casamento entre os dois. Pareceu-nos, ao final desta análise, que a terapeuta percebia-os como podendo se unir, mas somente se aceitassem suas diferenças.

CASAL JOÃO E DOROTI

- **Apresentação do casal**

Quando iniciaram a psicoterapia de casal, João e Doroti estavam casados há cerca de cinco anos, sendo o primeiro casamento dela e o segundo dele.

João estava separado há um ano quando conheceu Doroti, namoraram três meses e passaram a morar juntos. Doroti fez João prometer-lhe que faria uma "loucura" com ela, ele concordou e prometeu mesmo sem saber o que seria. Ela colocou suas coisas na casa dele. João dizia que como havia prometido, não quis voltar atrás. Mas não era sua intenção casar-se com ela na época.

Três meses após a união deles, ela engravidou. O casamento era permeado por muitas brigas, provocadas também pelo fato de que ela não cuidava do filho quando este nasceu. Só recentemente tinha se aproximado mais dele, mas sem conseguir um grande envolvimento com a criança. Às vezes começava a brincar com ele e logo em seguida brigava, gritava por se incomodar com as brincadeiras e proximidade de Sérgio, o filho.

Ela não trabalhava fora de casa e ele se aposentou por doença há alguns anos. Isto provocava atritos entre eles. João e Doroti tinham uma diferença de idade de quinze anos.

As sessões de psicoterapia de casal foram semanais, com duração de oitenta minutos cada. Entre algumas sessões houve um intervalo maior do que o de sete dias, como se apresenta a seguir:

Entre a 3^a e 4^a sessões - Intervalo de 12 dias - houve uma troca no dia de atendimento.

Entre a 12^a e 13^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão de um feriado.

Entre a 14^a e 15^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão da falta deles.

Entre a 17^a e 18^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão da falta deles.

Entre a 20^a e 21^a sessões - Intervalo de 21 dias - férias da clínica.

Entre a 21^a e 22^a sessões - Intervalo de 21 dias - falta deles em uma semana e falta da terapeuta na semana seguinte.

Entre a 22^a e 23^a sessões - Intervalo de 15 dias - falta deles.

As faltas deles eram avisadas com antecedência.

ANÁLISE DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

1ª Sessão

A primeira sessão do casal João e Doroti pareceu-nos ter servido aos dois como forma de desabafo de coisas que, em não sendo faladas entre eles, não propiciavam o conhecimento um do outro, conforme a sessão propiciou. Doroti : *"Para mim significou a reunião de hoje um desabafo, um conhecimento também do meu companheiro"*. E João: *"O sentido dessa palestra [...] foi eu poder desabafar um pouco, falar o que eu estava sentindo sobre a relação com a minha companheira [...] e gostaria que no futuro [...] a gente continuasse a falar tanto coisas boas como também o que houve de ruim, para poder amadurecer um pouco"*.

A terapeuta os sentiu então disponíveis para trabalharem suas questões de casal: *"Me parece ter sido criado um espaço onde se pode trabalhar as questões do casal..."*.

2ª Sessão

O casal continuou desabafando até porque sentia o espaço como um local seguro onde se podiam falar coisas que davam medo de serem faladas em casa. Doroti: *"...Hoje eu vim mais com o intuito de desabafar, pôr para fora, porque em casa tenho muito medo de dizer..."* E João: *" O sentido da sessão de hoje foi proveitoso, porque está havendo um desabafo, jogando fora aquilo que dentro de casa a gente não consegue fazer..."*.

A terapeuta percebeu como impossibilitador de um diálogo em casa a imagem que passavam e que tinham de si mesmos: *"... São impotentes em caminhar sozinhos"*.

3ª Sessão

O casal mostrou-nos que continuava a usar o espaço para um desabafo, o que, no caso de João, lhe deu um alívio: *"... eu estou conseguindo jogar tudo fora, o que está guardado né, e para mim está se tornando um alívio"*.

Para Doroti, por meio do desabafo, ela sentiu ir podendo se conhecer mais e ao marido: *"Hoje [...], eu resumiria em uma palavra só, que é auto-conhecimento tanto meu quanto do meu companheiro"*.

Isso que disseram ao final da sessão pareceu-nos já se sobrepor ao que foi relatado no decorrer da sessão: as brigas que tinham em casa, que não propiciavam conhecimento um do outro e que foram percebidas pela terapeuta como sem função: *"... quando sentem raiva, brigam, mas logo passa a briga. É uma briga sem 'função' porque não dá escape à raiva"*.

4ª Sessão

O fato de a terapeuta ter mostrado suas percepções acerca das brigas deles, facilitou o surgimento de aspectos pessoais de cada um: *"A profundidade das emoções dos dois parece disfarçada. O que aparece são brigas e entendimentos com cara de 'foi de mentirinha'. Ao ser apontado isto surgem as insatisfações pessoais e profissionais de cada um"*.

Esses aspectos que puderam então ser ditos significaram para João: *"... eu estou parado e isso para mim está sendo um martírio porque eu não sei ficar parado, eu quero ter muita ação [...] é isto que está faltando para mim"*.

A fala de João teve como consequência a empatia de Doroti com o sofrimento do marido. Ela sentiu-se feliz por encontrar uma forma de ajudá-lo: *"...Achei uma solução de como auxiliá-lo nessa fase difícil dele. Se abriu uma luz no fim do túnel para que eu possa facilitar a ele..."*.

5ª Sessão

Eles passaram a expressar mais as mágoas que tinham um do outro. João mostrou-se descontente em lembrá-las: *"... para mim foi um saco lembrar o passado, espero superar tudo isso [eu denunciei minha mulher ao Juizado de Menores, por não cuidar bem do nosso filho, e nesta semana lhe contei que fui eu o denunciador]..."*.

Doroti mostrou-se mais esperançosa em superar estas mágoas: *"...Eu desejo que quando ele conhecer a nova Doroti, ele possa me amar melhor..."*.

Para a terapeuta essa expressão de mágoas foi sentida como importante para uma melhora da relação: *"Há mágoas do passado que permeiam a atual relação e que enquanto não puderem ser totalmente colocadas, a relação parece não progredir..."*.

6ª Sessão

A terapeuta registrou em sua VS a forma de relação que eles mostravam ter com o filho: deixavam-no interferir no casal: *"Se incomodam pouco com a interferência do filho no casal que formam. Ele parece gostar de acolher o filho quando este vem para a cama dos dois, sem se importar com a irritação da esposa"*.

Esta interferência do filho junto ao casal é permitida por João que se mostrou bastante envolvido com sua educação: *"A gente tocou num assunto muito delicado sobre educação do filho..."*. Mas a sessão mostrou-nos também que ao discutirem estes aspectos, abriram-se novas perspectivas aos dois para uma maior integração da criança. João mostrou que "abriu" mais espaço para Doroti na relação com o filho: *"... porque ele está desobedecendo à mãe dele. Só obedece a mim, eu não quero isso, quero que ele obedeça aos dois"*.

E para Doroti pareceu-nos que surgiram novas possibilidades na relação com o filho: *" O sentido para mim da reunião de hoje foi muito bom, porque eu aprendi como devo proceder com a educação de meu filho"*.

7ª Sessão

O casal demonstrou uma maior tranquilização que lhes possibilitou novos empreendimentos pessoais.

Para João: *"Eu estou mais contente agora, porque eu estou me encontrando melhor, Ne? E aproveitando meu tempo vago para um curso..."*.

Para Doroti: *"Hoje eu pensei muito no meu comportamento como mãe, que tem muitas coisas para consertar, fiquei muito triste de descobrir que não tenho o amor do meu filho [...] agora a próxima etapa é reconquistar o amor do Sérgio [filho]..."*.

A terapeuta captou esse movimento de busca de enriquecimento pessoal deles: *"As coisas parecem estar melhor entre eles. Eles próprios o dizem e isto se reflete no individual de cada um..."*.

8ª Sessão

Essa sessão permitiu a eles que tivessem uma idéia melhor da integração e influência de um membro da família sobre o outro. Ao colocarem a questão de que o filho falava muito em morte, João pôde se recordar da perda de seus filhos e pôde perceber a importância disso em relação ao filho Sérgio: *"Foi um saco lembrar o passado, me dói muito por dentro de eu relembrar. Mas isso é bom porque eu, lembrando o passado, posso jogar muitas coisas fora e tenho condições de orientar melhor o meu filho em relação a mim"*.

Para Doroti, a importância da sessão estava relacionada ao bem que causou a seu marido: *"Foi bom por que João soube pôr para fora o que está incomodando ele..."*.

A terapeuta registrou a interligação que havia entre eles, na questão da influência que o medo de João tinha sobre seu filho: *"Ele carrega com muita dor a marca da perda de quatro filhos [...]. Essa marca faz com que ele cobre da esposa um cuidado ao filho e explica por que a criança fala tanto em morte"*.

9ª Sessão

Ambos lidaram com os aspectos de suas vidas, que estavam difíceis de serem resolvidos. Para João o difícil era o fato de não trabalhar: *"... não aceito a situação que está acontecendo comigo, que eu sempre trabalhei e agora estou encostado no INPS ..."*.

Para Doroti o difícil era ouvir coisas a seu respeito: *"Hoje para mim o dia foi bastante difícil [...]. Eu não vim preparada para ouvir metade do que eu ouvi [dele, coisas que não gosta em mim] mas foi bom, eu aprendi que a gente tem que ter mais paciência e ouvir mais o companheiro..."*.

A terapeuta captou esse sofrimento deles diante do que estava difícil como: *"Me parece que vocês não conseguem lidar com aquilo que não podem*

resolver logo de imediato [...]. O difícil está em aceitar a realidade como ela é e em lidar com a impotência de cada um diante das circunstâncias da vida".

10ª Sessão

Eles falaram deles, casal com aceitação mútua das queixas. Após um incômodo, João resolveu ser mais espontâneo e falar do que não gostava em Doroti. Ela, por sua vez, pareceu respeitar essa espontaneidade dele.

João se expressou como: *"...aquele quadradão de sempre, tem coisas que eu aceito e eu espero que ela compreenda isso e que não me cobre nada..."*.

Doroti sentiu-se bem por ele confiar que ela aceitasse suas reclamações: *"O que me tocou mais hoje, na reunião, foi saber que ele está começando a confiar em mim e conseguiu pôr para fora. E pode ter certeza de que não vai ter cobrança..."*.

A terapeuta registrou o porquê do incômodo de João em se expressar: *"Ele se dizia receoso de falar algumas coisas na sessão e depois ela brigar com ele ..."*. E registrou também a mudança que essa expressão mais espontânea pôde ter provocado: *"... Parece ter havido uma mudança de percurso na terapia: do não colocar nada e manter a relação no mal estar ao resolver confrontar a situação"*.

11ª Sessão

Ambos pareceram-nos estar falando de aspectos individuais diretamente relacionados à sua relação. Eram questões pessoais das quais eles se percebiam dando conta e tentando trabalhá-las. João se viu mais livre para expor-se na sessão e poder falar de coisas a resolver: *"Eu estou agora começando a ficar mais contente em vir aqui, porque eu estou quebrando muita barreira [...] e agora estou tendo mais liberdade para conversar, para expor, o que se passa dentro de minha casa, comigo mesmo e com ela"*.

Doroti pôde então localizar sua dificuldade, muito provavelmente em função do falar mais livre de João: *"Hoje valeu só porque agora eu sei onde está a dificuldade, onde um, como eu devo agir de agora em diante..."*.

E a terapeuta concentrou-se nas dificuldades de Doroti: *"Ela parece se 'ausentar' do mundo real, é muito sonhadora e tem uma grande dificuldade de lidar com a realidade..."*.

12ª Sessão

O processo deles vinha registrando um movimentar-se mais livre, em especial ao se falarem um ao outro. Nesta sessão houve um contato maior entre eles, puderam falar entre si, como registrou a terapeuta: *"... quando um me conta algo, o outro pode entrar no meio e começar a conversar entre eles"*. Esse fato que a terapeuta registrou pareceu-nos ter sido proveniente da postura de Doroti na sessão: *"Hoje eu vim aqui mais com o interesse de ouvir mais [...] ver se aprendo mais..."*. E da postura de João que, talvez se sentindo ouvido por ela, pôde falar de seus sentimentos: *"... Um desabafo que pode expressar o que eu estou sentindo no momento..."*.

13ª Sessão

As questões de Doroti foram centrais na sessão. Ela se confrontou com suas dificuldades, apontadas por João, que nesta sessão se expôs menos, por já considerar "ter se encontrado".

Doroti disse: *"Hoje para mim foi difícil, porque mostrou as dificuldades..."*. E João: *"De hoje, primeiro ficou um pouco vago ainda, né? tem muitos crescimentos não da minha parte faltando, mas por parte de minha companheira, que eu quero que ela se encontre ela mesma..."*.

Para a terapeuta, João ter se exposto menos era algo que parecia deixá-lo ressentido: *"... ele, embora falando que o casamento está melhor, parece ressentido do fato de que na sessão de hoje, ela foi mais o centro das atenções"*.

14ª Sessão

Houve uma maior intercomunicação entre eles. João pôde se abrir mais e perceber que isto era importante para que ela o compreendesse melhor : "... *pude dizer, me abrir mesmo, e falar o que eu estou sentindo [...] para que ela compreenda melhor...*". Isso realmente repercutiu em Doroti, porque ela assim expressou-se: "... *finalmente eu entendi o que é que eu não entendia...*".

A terapeuta registrou os meandros deste entendimento que ocorreu entre os dois como provenientes de um movimento de abertura que tinham feito e que lhes permitia expressar-se novamente por meio de brigas, só que agora estas surtiam efeito positivo: " *A briga que tiveram durante a sessão pôde refletir o confronto dos sonhos dos dois que não têm se realizado...*".

15ª Sessão

O movimento de abertura deles mostrou-se tomando proporções maiores, levando ao nível de expressão de raiva e a um conseqüente confronto com seus limites.

Essas raivas foram registradas pela terapeuta: "... *Ele tem muita raiva dela, por ela não o respeitar, não o entender e não o valorizar. Ela tem uma grande dificuldade de auto-controle...*".

Pareceu-nos aqui que, neste ponto do processo, eles demonstraram sentir-se ameaçados: chegaram a um ponto doloroso e não sabiam o que fazer com isso. João sentia-se frustrado e Doroti, confusa:

João: " *Eu estou um pouco frustrado sobre a relação com ela e eu não queria mais ter essas frustrações, queria que ela mudasse...*".

Doroti: "... *eu quero fazer esse homem feliz e esse menino muito mais, porque eu os amo. E eu quero fazê-lo feliz, custe o que custar...*".

16ª Sessão

Eles fizeram um relato de uma experiência de grupo de que participaram e na qual puderam sentir-se bem.

Pareceu-nos que esta experiência foi crucial porque surgiu em um momento também crucial do processo psicoterápico. Na sessão anterior chegaram a um confronto com seus limites em estarem juntos. E agora então puderam extrapolar esse limite e viver algo bom e integrado.

A terapeuta pareceu-nos ter captado esta extrapolação quando registrou o seguinte: *"... puderam ir para esta experiência 'mais alertas' daquilo que têm sentido necessário para seus desenvolvimentos"*, e, por isso, a experiência ter sido crucial no processo deles. João: *"... estou muito satisfeito da minha esposa ter se soltado [...] ela está se integrando mais em grupo. Eu sempre lutei para isso e estou vencendo também..."*.

Doroti referiu-se a querer melhorar sua imagem, querer sair da submissão que demonstrou na sessão anterior: *"Eu senti vontade de contar isso para você por causa da última sessão, em que eu sai daqui dando a entender que eu estava muito deprimida [...]. Então eu quis vir aqui te contar: eu renasci, eu me encontrei..."*.

17ª Sessão

O casal pareceu-nos então usufruir da tranquilidade conquistada enquanto casal, possibilitando lhes voltarem-se mais para o filho.

Doroti expressou-se assim: *"Hoje para mim foi bom porque eu aprendi como que eu devo agir em relação à educação do meu filho..."*. E João se disse mais tranquilo e que a conversa da sessão foi como as que têm tido em casa: *"... para mim foi a maior tranquilidade, porque eu me encontrei comigo mesmo [...]. Para mim hoje foi um dia normal [...] um bate-papo normal como os que estamos tendo lá em casa agora"*.

A terapeuta captou a tranquilidade deles e a integração do filho à sua vida de casal: *"Falaram do filho praticamente toda a sessão, me parecendo estarem agora mais tranquilos enquanto casal e podendo acrescentar o filho à relação deles"*.

18ª Sessão

Essa sessão se realizou individualmente. Só João compareceu. Doroti havia arrumado um emprego do qual não poderia sair para ir à terapia.

João acabou por fazer uma revisão de sua história, e um balanço da psicoterapia até aquele momento: "*O sentido dessa terapia de casal ... para mim me ajudou muito e eu adquiri assim uma autoconfiança em mim mesmo que eu... pude controlar e contornar a situação do meu casamento, que antes eu não tinha esse controle...*".

Para a terapeuta, essa revisão de João lhe permitiu perceber qual o momento desse casamento: "*... Me parece que ele tem um casamento agora depois da terapia que é contornável ou 'controlado' como ele fala...*".

19ª Sessão

Esta sessão pareceu-nos ter sido um reflexo do que a elaboração da sessão anterior provocou em João, em nível prático: "*... eu estou muito nervoso com ela [...], se ela não melhorar, esse casamento será desfeito*". Ele mais confiante pôde exigir uma atenção maior dela.

Doroti reagiu à expressão de João e se viu em face da necessidade de tentar uma outra forma de ajuda (psicoterapia individual): "*... Também agora eu tive que tomar uma decisão aqui e agora [...]. Eu vou abraçar essa alternativa e eu entendi o porquê é importante [...] eu fazer um tratamento paralelo, individual...*".

A terapeuta se deu conta de que o ajudá-los enquanto casal parecia não ser suficiente para ajudar Doroti e, conseqüentemente, não poder ajudar completamente o casal: "*... Eles parecem se debater diante das dificuldades e sem conseguir sair do lugar. O contato com o casal parece 'ineficaz' em face dos problemas dela e o conseqüente limite*". No entanto, como se verá no final do processo, já havia sido possível um fortalecimento do casal, para que essa impossibilidade sentida aqui pudesse ser superada por eles.

20ª Sessão

Esta sessão propiciou um re-encontro deles com sua história. Re-encontro porque pareceu-nos que a história deles pôde ter tomado um rumo diferente do que seguia em seu início, e agora deste novo local é que olhavam sua história.

Doroti apontou que tinha dificuldades pessoais que lhe eram dolorosas de enfrentar, mas que se sentia segura em fazê-lo por ter em quem confiar: "*Para mim está sendo bem difícil ainda porque eu tô lidando com meus traumas [...], mas tá valendo a pena porque eu estou vendo que eu tenho um companheiro que está a fim de batalhar pela minha felicidade...*".

João mostrou-se feliz em recapitular seu casamento, fazendo então uma reflexão diferente dos "desabafos" anteriores: "*...porque a gente falou sem desabafo, sem nada, [mas] foi recapitulando o começo da vida conjugal...*".

E para a terapeuta ocorreu um novo olhar para a história deles, um olhar de pessoas mais flexíveis: "*Houve um resgate da história do casamento, vista agora por outros olhos [...]. Vivem um casamento onde há uma maior flexibilidade de papéis...*".

21ª Sessão

O casal pareceu-nos estar ressignificando suas vivências, saindo de uma fala conflitiva sobre problemas para um relato de novas experiências. Doroti se disse mais relaxada: "*... eu estava nervosa para vir aqui. Não estava querendo muito não, por causa que ... ah! ficar lembrando dos problemas... Mas, depois eu fui relaxando e vi que eu agora estou no caminho certo...*".

João apontou as coisas boas que fez, o retomar de atividades: "*...Eu estou um pouco deprimido por causa do problema da insulina, mas eu sei que vou superar, né [...]* e quando eu tenho alguma atividade [...] esqueço esse problema...".

A terapeuta captou esse novo momento deles, bem como os novos passos que haviam dado: "*Há uma grande tranqüilidade entre eles se refletindo na relação do casal e com o filho e possibilitando uma participação política na comunidade*".

22ª Sessão

Esta sessão se realizou individualmente. Só Doroti compareceu, porque o marido estava trabalhando e não podia vir à sessão. Ela disse que desejava muito uma sessão individual para falar de coisas dele, que temia falar em sua frente e ele então pedir a separação: *"O que valeu de hoje ter sido individual para mim [...] porque eu pude me abrir [...] pôr para fora um monte de coisa que eu queria [...] e agora eu estou nessa decisão do que eu tenho que tomar [de que tipo de relação pretendo daqui para a frente]..."*.

A terapeuta percebeu essa fala de Doroti como uma fala do casal, um momento de decisões para eles: *"Parece que eles chegaram num ponto que o que há para ser construído agora fica a critério dos dois..."*.

23ª Sessão

Fizeram uma avaliação do processo e tomaram a decisão de finalizá-lo. Doroti referiu-se ao que conquistou nestes meses, como algo para ela e para ele: *"A terapia me ensinou o valor da palavra respeito, compreensão. Eu conheci o meu companheiro, eu aprendi a respeitá-lo, a entendê-lo, a me respeitar e a me conhecer..."*.

João expressou-se de forma mais auto-centrada: *"Para mim esta terapia [...] me deu uma autoconfiança que eu não tinha[...] e sei conversar com as pessoas..."*.

A terapeuta também fez uma avaliação do processo e considerou-os como melhores em expressar o que ocorreu com eles: *"O sentido dessa sessão foi o de poder avaliar um processo psicoterápico, e poder dizer que se chegou a algum lugar: não ao paraíso, mas se saiu do inferno [...]. Mas, as palavras deles dizem melhor como eles estão e o que este processo representou em suas vidas"*.

SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE

Algumas frases das VSs não foram citadas no primeiro momento da análise porque apenas complementavam a idéia das frases utilizadas, como, por exemplo:

Na VS da terapeuta para a 1ª sessão, a frase não utilizada: *"... ele já queria há algum tempo terapia de casal e ela parece bastante disponível"* completava a idéia de disponibilidade do casal da frase utilizada: *"Me parece ter sido criado um espaço onde se podem trabalhar as questões do casal..."*.

Na VS de João para a 3ª sessão, a frase não utilizada: *"Para mim foi importante porque a gente..."* complementou o que ele considerava importante: *"... eu estou conseguindo jogar tudo fora, o que está guardado, né? e para mim está se tornando um alívio"*. (frase utilizada).

Esta complementação de idéias das frases utilizadas ocorreu também nas seguintes VSs:

VS de João	1ª sessão
VS de Doroti	2ª sessão
VS de Doroti	3ª sessão
VS de João	4ª sessão
VS de Doroti	4ª sessão
VS de Doroti	5ª sessão
VS de João	5ª sessão
VS de Doroti	6ª sessão
VS de João	6ª sessão
VS de João	7ª sessão
VS da Terapeuta	7ª sessão
VS de Doroti	8ª sessão
VS da Terapeuta	8ª sessão
VS de João	9ª sessão
VS de João	10ª sessão
VS de João	11ª sessão
VS de João	12ª sessão
VS da Terapeuta	12ª sessão

VS da Terapeuta	13ª sessão
VS de João	15ª sessão
VS da Terapeuta	15ª sessão
VS da Terapeuta	16ª sessão
VS de João	19ª sessão
VS de João	20ª sessão
VS de João	21ª sessão
VS de Doroti	21ª sessão

As frases das VSs de João que não foram inicialmente utilizadas referiam-se a expressões dele quanto à terapia, quanto à esposa e quanto a ele próprio:

Na 2ª sessão - *"... Espero que na próxima a gente jogue mais coisas fora ainda"*. Mostrou-nos o objetivo que ele tinha em relação ao que poderia trabalhar na psicoterapia. Já na 13ª sessão, João demonstrou que até não gostaria de ter ido para a sessão, uma vontade de faltar: *"Eu vim para cá hoje, porque estava marcado, porque eu não queria vir não; a minha vontade hoje era ir direto para casa, mas como eu tenho, gosto de honrar meus compromissos, por isso eu vim, senão não teria vindo..."*. Esta frase enfatizava a idéia que se expressou na análise anterior de que ele estaria ressentido em ter sido Doroti o centro de atenção da sessão; assim como também enfatiza sua idéia de "ter que honrar compromissos", a mesma que o fez se casar sem "vontade".

Já a frase não utilizada da VS da 4ª sessão revelou-nos que João se percebia em pleno movimento de abertura, vendo o que não fazia nas sessões anteriores e o que pretendia fazer: *"... Como das outras vezes, eu não me abria, eu falei que estava tudo vago, hoje não, hoje eu disse, eu gostaria... é que o tempo é pouco porque eu tinha mais coisas ainda para falar"*.

Na 16ª sessão João estendeu-se em descrever as mudanças da esposa que o tinham deixado feliz: *"...Pode ver que até a semana passada ela estava numa redoma de vidro [...]. E na verdade ela mudou mesmo [...] eu espero que ela consiga, que ela tenha mais participação em grupo"*.

Na 17ª sessão, João mostrou-nos que, além de ficar feliz com as mudanças de Doroti (16ª sessão), ele aceitava as diferenças que tinha dela: *"[...] cada um tem seu ponto de vista..."*.

Nas VSs das 18ª e 23ª sessões, João revelou, nas frases não utilizadas anteriormente, maiores detalhes do que percebia ter mudado em si e do que ainda teria que fazer: *"... que agora eu tenho um controle; já tenho mais cabeça para pensar antes de falar alguma palavra [...]"*. E *"... tem falhas, mas pelo menos agora eu estou sabendo corrigi-las, que é coisa que eu não sabia antigamente"*.

Estas frases detalharam com maior clareza o que se percebeu de "ganhos" dele com esta psicoterapia.

As frases das VSs de Doroti não utilizadas, pudemos notar que se referiam à percepções dela sobre a importância do filho e do marido, à percepções de aspectos seus, e a falas de futuro - de como pretendia ser dali para a frente:

Na 7ª sessão - *"... já consegui reconquistar mais da metade do amor do meu esposo [...]. Porque esses dois homens são os mais importantes da minha vida. Agora o objetivo é conseguir o emprego para ter condições de fazê-los mais felizes"*.

Na 15ª sessão - *"... e esse menino muito mais porque eu os amo. E eu quero fazê-lo feliz, custe o que custar, e eu vou chegar a esse ponto nem que eu morra. Eu vou fazer de tudo para chegar neste ponto"*.

Estas frases mostraram-nos uma postura de submissão de Doroti, já apontada na análise anterior com um misto de desespero em perder o marido e o filho.

As frases das VSs da 9ª, 10ª e 19ª sessões também pareceram evidenciar-nos essa postura "submissa" de Doroti, em responder em como se corrigirá. Como se fosse uma menininha acuada dizendo que não faria mais "artes" e em que iria corrigir-se:

9ª sessão - *"... para poder conhecê-lo melhor, para poder ajudá-lo, para saber como auxiliá-lo, enfim ser melhor esposa, melhor companheira"*.

10ª sessão - *"... em casa não, só vai ter resultado. Eu vou respeitar o jeito que ele é, só isso não vou cobrar nada não"*.

11ª sessão - "... tentar fugir do meu mundinho, apesar de que eu gosto muito dele".

19ª sessão - "... de imediato, ou vai ou racha [eu vou abraçar essa alternativa] de fazer um tratamento paralelo [...]. Vamos ver se assim eu me encontro e passo a sofrer um pouco menos nessa vida, porque sofrer todo mundo sofre, mas um pouco menos".

Na 13ª, 17ª e 20ª sessões, as frases não utilizadas das VSs de Doroti revelaram-nos que ela estava se dando conta de aspectos pessoais difíceis para ela.

13ª sessão - "...[me sentir inferior, me sentir cobrada e não me envolver]. É tudo bem, eu sei quais são as dificuldades, mas ainda estou bastante insegura, com bastante medo ... [quero] ver se eu consigo superar tudo ".

17ª sessão - "... porque eu estou tendo muita dificuldade em educá-lo, entender os problemas dele...".

20ª sessão - "... eu tô lidando com meus medos, minhas inseguranças. Para mim está sendo bastante doloroso ainda...".

E as frases da 12ª, 14ª, 16ª, 22ª e 23ª sessões pontuaram aspectos que Doroti sentia precisar mudar ou manter e também a percepção de aspectos que já haviam se modificado:

12ª sessão - "... eu tenho de deixar um pouco mais o orgulho de lado, e pensar mais na situação financeira, tá? Deixar não só o orgulho, mas também o sonho de lado, pôr um pouco o pé na terra e pensar nas profissões mais humildes".

14ª sessão - "... Antes eu ficava na dúvida, pensava que queria mandar em mim, eu entendia tudo errado. Hoje não, hoje eu tô entendendo tudo certo...".

16ª sessão - "...Nesse encontro, eu perdi vários medos, eu tô mais confiante em mim, mais confiante no meu companheiro...".

22ª sessão - "... quase certeza que eu vou querer um relacionamento mais maduro, mais sólido, mais decisivo, um relacionamento adulto, do que um relacionamento de faz-de-conta".

23ª sessão - "...Ainda vou continuar com terapia individual, para eu superar agora os pontos falhos que existem em mim, que eu quero que esse relacionamento venha a crescer cada vez mais e se frutificar".

As frases das VSs da terapeuta que não foram utilizadas anteriormente sugerem-nos aspectos que complementavam as idéias da análise anterior.

As frases da 2ª, 3ª, 5ª, 9ª e 14ª sessões mostraram-nos o que a terapeuta ia percebendo a respeito do casal no decorrer do processo e como o fazia.

2ª sessão - *"Passam uma imagem de 'fracos' diante das coisas..."*.

3ª sessão - *"Há muita raiva que ainda não foi elaborada. Parecem ter dificuldade em aceitá-la..."*.

5ª sessão - *"...Há ainda muita agressão entre eles, ela o acusa do que ele não pode suprir na casa e ele a acusa de que antes ela não o amava"*.

9ª sessão - *"...Ele quer resolver logo a situação de não poder trabalhar [procurar bicos] e ela acha que logo vai estar trabalhando e que tudo se resolverá. Se ele tem um sonho [desejo], ela acha que deve ser realizado logo"*.

14ª sessão - *"Ela queria um marido provedor financeiro, ele uma esposa mais companheira"*.

Na 10ª, 18ª e 19ª sessões, a terapeuta registrou percepções de João sobre Doroti:

10ª sessão - *"...Por fim acabou falando algumas coisas nas quais se sente desrespeitado por ela e a vê infantil em termos de manifestações de carinho em público logo após algumas brigas"*.

18ª sessão - *"Ele fez uma revisão e reflexão de sua história de casado, pode-se falar das sérias dificuldades emocionais da esposa e da dificuldade, em conseqüência, que ele tem para viver com ela..."*.

Nesta sessão, a terapeuta registrou também o quanto ainda considerava que eles pudessem "crescer": *"... mas que não se constitui ainda numa relação saudável e madura"*.

19ª sessão - *"...Ele não agüenta mais as dificuldades dela, que não consegue se controlar, sendo impulsiva e imprevisível..."*.

Na VS da 23ª sessão a terapeuta relatou o que percebeu deles e também de si própria neste processo: *"... O casal que estava aqui hoje era um casal com muitas mais habilidades para se relacionar. Eles disseram que aprenderam nestes meses, mas eu também aprendi muito sobre o estar junto, sobre o relacionar-se..."*.

Por intermédio destas detalhadas análises do processo psicoterápico do casal João e Doroti, pudemos perceber que eles trilharam um caminho de mudanças.

Apresentaram-se no início da psicoterapia como um casal no qual ele era o "paizão" e ela a "filhinha". Mas essa configuração não era a verdade absoluta do casal: Doroti rebelava-se contra João, apontando-lhe em que ele não era o "bom pai" - não era um completo provedor financeiro da casa. E João não a queria somente no papel de "filhinha" e sim que ela assumisse mais o filho deles. Isto tudo delineava um cenário de brigas, e de uma certa forma de "abandono" do filho.

Demonstraram que sem a presença de um terceiro, no caso a terapeuta, não dariam conta de defrontarem suas mágoas sozinhos.

No decorrer do processo puderam se dizer mutuamente sobre raivas e mágoas e chegar à percepção das grandes insatisfações pessoais das quais eram portadores. Doroti acabou então por confrontar-se com uma dificuldade emocional em estar próxima ao filho e cuidar dele, e com sua dificuldade de autocontrole, acabando por aceitar a ajuda de uma psicoterapia individual.

João, que era muito próximo ao filho, foi percebendo que, se realmente quisesse que Doroti cuidasse mais da criança, tinha também ele que dar-lhe mais espaço, mesmo que isso o deixasse ressentido. Enfrentou a mudança de papéis: ela deixando de ser a "filhinha dele" e podendo ser mãe do filho deles ou até "mãe" dele próprio. Flexibilizaram-se os papéis.

Antes porém que chegassem a esse ponto, defrontaram-se com um nível profundo de expressões de raivas, chegaram ao limite de sentirem-se muito ameaçados um pelo outro. Pareceu-nos que a confrontação com este limite, com uma situação vista como sem saída, os fez darem-se conta de suas reais necessidades. E nesse momento a experiência grupal que vivenciaram encontrou-os como novas pessoas, capazes de uma maior integração de suas vivências.

A partir deste ponto passaram a estar mais tranquilos e a perceber que uma fala em ruptura de casamento era apenas uma forma de "ameaça" ou um forma de pedido de que isso não acontecesse.

Sérgio, o filho, passa então a integrar-se ao casal.

Embora alguns outros progressos no casamento dependam agora da terapia individual dela, o casal pôde ao final desta psicoterapia ter um casamento não mais constituído apenas de brigas.

CASAL ROMEU E ANTONIA

- **Apresentação do casal**

Romeu e Antonia estavam casados há quatorze anos, quando iniciaram a psicoterapia de casal. Tinham dois filhos: Rodrigo de treze anos e Clara de seis anos.

Clara era portadora de uma deficiência física congênita, a qual não a impedia de convivência social normal, uma vez que não lhe trazia limitações físicas.

Romeu e Antonia casaram-se porque Antonia estava grávida, já namoravam há algum tempo e pensavam em se casar, mas um pouco mais tarde.

Eles foram encaminhados para psicoterapia de casal, após o psicodiagnóstico de Clara.

As sessões foram realizadas semanalmente com duração prevista de oitenta minutos cada. Eles sempre chegavam com um atraso de 10 a 20 minutos, em razão do trabalho dele.

Houve um intervalo entre as sessões maior do que sete dias:

Entre a 4^a e 5^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão de um feriado.

Entre a 7^a e 8^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão da falta deles.

Entre a 8^a e 9^a sessões - Intervalo de 15 dias - em razão da falta deles.

Entre 11^a e 12^a sessões - Intervalo de 4 semanas - Uma semana em razão da falta deles, e três semanas em razão das férias da clínica.

Quando faltaram às sessões sempre avisaram com antecedência.

ANÁLISE DO PROCESSO PSICOTERÁPICO

1ª Sessão

O casal mostrou-se reticente em iniciar a psicoterapia. Romeu dispendo-se a estar presente, mas sem acreditar em mudanças: "*... Eu vou vir, tá bom? Mas não sei se vai mudar alguma coisa*". E Antonia pensando em possíveis mesmo que vagas melhoras. Depois de ouvir Romeu, disse: "*[Bem eu então] espero [que as coisas em casa] melhorem, espero que possa melhorar*".

A terapeuta sentiu-se bastante disponível para estar com eles, mas em dúvida quanto à disponibilidade deles para a psicoterapia: "*Espero que possamos estar juntos [...]. Mas como senti vocês muito resistentes [...] não sei se estaremos*".

2ª Sessão

O casal demonstrou ter "redescoberto" o filho Rodrigo. Perceberam-se dando conta da existência dele em nível emocional. Romeu retratou esta

"descoberta": *"Eu achei interessante pelo seguinte, estamos descobrindo [...] sem ser a Clara, o Rodrigo..."*.

Antonia mostrou-se interessada pelas coisas novas conversadas acerca do filho: *"A gente aprende muitas coisas conversando [referindo-se ao filho Rodrigo]..."*.

A terapeuta captou este movimento de descentralização da atenção para com Clara: *"... A filha tem sido o foco de atenção até por problemas físicos. E onde andam os sentimentos do filho? Pôde-se voltar para ele hoje"*.

3ª Sessão

Continuaram a lidar com a questão do filho e perceberam que ele precisava de ajuda. Antonia referiu-se a estar tendo novas aprendizagens: *"... que a gente vai aprendendo a lidar com o filho"*. E Romeu a ter descoberto novas formas de ajudar seu filho: *"... nós tentamos descobrir um meio de ajudar o filho a desenvolver [...]"*.

A terapeuta percebeu que, além de estarem redescobrimo este filho, manifestavam um desagrado pelas coisas dele: *"...Eles parecem nunca gostar de nada que o filho faz"*.

4ª Sessão

O casal relembrou a história dos cuidados que tiveram com a filha Clara, desde que nasceu e retomou seus sentimentos de dor. Antonia: *"Falamos da Clara, das coisas tristes que a gente passou..."*.

Para Romeu a retomada desses momentos difíceis lhe pareceu importante: *"...então eu achei bom porque a gente voltou a lembrar do passado [...] eu achei interessante e ao mesmo tempo sofredor"*.

A terapeuta sentiu como importante para eles o lembrar de toda a história, como um desprender-se dessa dor: *"Vocês puderam lembrar o passado, e entrar em contato com a dor [...]. Aos poucos parece que essa dor vai se soltando"*.

5ª Sessão

O casal referiu-se à sessão como um momento de desabafo, de falas que nem sempre eram expressas.

Para Antonia: *"...Achei bom conversar, desabafar, serviu para desabafar"*.

Para Romeu: *"... Achei interessante, pôs para fora aquilo que a gente sente às vezes e não pode, né? falar..."*.

A terapeuta mostrou-nos que esse não falar acabou por se manifestar em somatizações. Ela percebeu que para eles o corpo era um canal mais simples para a expressão: *"Me parece que eles guardam muito, os mal-estares da vida, não põem para fora seus sentimentos e têm manifestado somatizações. Pelo corpo é mais fácil demonstrar seus sentimentos do que pela fala"*.

6ª Sessão

Os filhos foram o centro desta sessão. Antonia sentindo-se aliviada pela conversa da sessão: *" O que eu senti foi um alívio, conversando a gente vai melhorando mais e foi boa a conversa de hoje..."*. E Romeu percebendo por onde modificar a conduta para com o filho: *"... a gente tem que dar mais liberdade a ele..."*.

Para a terapeuta esse falar dos filhos mostrava-os mais soltos na psicoterapia e mostrava também maiores nuances da relação de Antonia com Rodrigo: *"... Mas, aos poucos vão se soltando e falando dos filhos. Ela demonstra muitas preocupações com o filho, o prende muito..."*.

7ª Sessão

Eles começaram a falar deles, casal. Antonia soltou-se a ponto de revelar aspectos que desgostava em Romeu e queria até falar mais coisas: *"... ficou faltando mais coisas para falar dele"*.

E Romeu brincou com o fato de ter sido colocado na berlinda por ela: *"... e eu fui o mais prejudicado aqui, agora..."*.

A terapeuta captou a abertura que eles fizeram para expressar aspectos do casamento e percebeu que isto era algo que lhes faltava: *"Aos poucos vão falando mais do casamento [...]. Ela parece estar 'discretamente' sedenta de poder falar dele [...]"*.

8ª Sessão

Eles falaram de si enquanto pais. Antonia, percebendo que (segundo a VS da terapeuta) seria ela que estava atrapalhando Rodrigo e se sentindo bem em desabafar sobre isso: *"...a gente vai soltando tudo [...] e que às vezes você quer desabafar e não consegue..."*.

Para Romeu, as constatações e falas de Antonia eram percebidas como sendo as reclamações de sempre: *"...mais foi a Antonia que comentou sobre a vida dela [...]. Ela mais que reclamou na verdade, normal..."*.

Talvez esse tipo de percepção é que tenha sido propiciador do *"não conseguir desabafar"* de Antonia.

A terapeuta percebeu-os como pais que sentiam necessidade de tomar atitudes opostas às que têm tomado: *"Eles falam deles enquanto pais, ele precisando ter mais firmeza com os filhos e ela precisando relaxar mais ..."*.

9ª Sessão

Romeu e Antonia "dispuseram-se" a tentar mudar com Rodrigo, mas pareceu-nos que estavam um pouco discrentes quanto à melhoras do filho. Romeu: *"... a gente vai tentar mudar para ver se melhora..."*. Antonia: *"Acho que foi boa a conversa de hoje, mas tá difícil de fazer ele [Rodrigo] melhorar"*.

A terapeuta registrou aqui o que se colocou como um "talvez" na análise da sessão anterior: *"...Entre eles também há essa falta de comunicação, um já não ouve muito o outro"*. E percebeu que esse padrão se repetia na relação dos filhos com eles: *"Eles reclamam que os filhos não os ouvem, não os levam a sério..."*.

10ª Sessão

A sessão foi usada para falarem do casamento deles, das brigas, da forma de se relacionarem e do estilo de cada um. Como captou a terapeuta: *"... da tentativa de Romeu se controlar para não ser 'estúpido' e o quanto Antonia é mais fechada..."*. O estilo de ser de Antonia mostrou-se na sua repetida forma de expressão em suas VSs: *"Achei que foi boa a conversa de hoje, que a gente desabafou muita coisa..."*.

Romeu mostrou-nos ter se sentido bem em falar do casamento, de falar só dos dois, mas pareceu-nos também querer se livrar da percepção de que o casamento tinha problemas; preferindo ver o problema não como conjugal, mas sim familiar e decorrente dos problemas do filho: *"...Saiu da rotina de falar sobre o Rodrigo, então achei mais interessante falar sobre nós [...]. Apesar que tudo é um problema só. Mas foi mais interessante falar entre a gente, da gente"*.

11ª Sessão

O casal voltou a falar do filho, só que agora Antonia não via como difícil uma possibilidade de mudança de Rodrigo, mas sim como difícil uma mudança dela em relação a ele: *"... A gente está tentando melhorar, mas está difícil, é isso. Eu tenho medo de soltar [o filho] a gente quer soltar, mas vem preocupação na cabeça"*.

Romeu pareceu-nos um pouco "irritado" com o fato do assunto das sessões girar sempre em torno de Rodrigo, mas apontou também que algo da relação dele com Antonia precisava ser alterado para se atingir Rodrigo: *" Foi a mesma coisa de sempre, porque é sempre em função do Rodrigo, sempre sobre o Rodrigo [...] porque não tem jeito, não chega num acordo entre eu e a Antonia..."*.

A falta de acordo entre o casal foi sentida pela terapeuta como sendo proveniente das diferenças entre eles, e do viver em função de filhos e/ou outros familiares: *"Elas vivem ou em função das doenças dos familiares [...] ou em função dos filhos. Me parece que eles [...] têm objetivos diferentes e manifestam isso na forma de educar os filhos..."*. Pareceu-nos também que o

fato de se voltarem para os outros poderia ser decorrente de não haver entrosamento entre eles.

12ª Sessão

O casal discutiu na sessão sobre drogas e os receios quanto aos filhos, mas para Antonia a conversa foi tranqüila: *"Hoje foi tranqüilo..."*. E para Romeu foi interessante: *"Achei interessante a gente conversar sobre isso..."*.

E a terapeuta captou da sessão o quanto eles se sentiam bem em superar os obstáculos de doenças na família: *"As doenças familiares imperam na vida deles. É como se representassem um obstáculo para eles vencerem. E são os obstáculos que os fazem caminhar, isto é, a vontade de vencê-los"*, questionamo-nos então se a tranqüilidade deles em falar sobre drogas não estaria nos apontando que um possível uso de drogas pelos filhos não seria para eles mais um desses obstáculos que gostam de superar?

13ª Sessão

O casal se deu conta do quanto são ansiosos e antecipam o futuro. Romeu percebeu que é assim, mas que considera difícil mudar este estilo: *"... não adianta ter pressa para fazer as coisas [...]. Mas o problema é que eu sou assim, não tem jeito [...]. É difícil eu mudar"*.

Esta expressão de Romeu, embora falando que não mudaria, foi sentida pela terapeuta como uma mostra de: *"... Sinto que há um envolvimento maior dele, parece se dar conta das coisas..."*.

E a repetição do padrão de VS de Antonia: *"Acho que foi boa a conversa..."*, pareceu-nos mostrar o que a terapeuta captou da expressão dela durante a sessão: *"... ele expressa isso [dar-se conta das coisas] enquanto que ela não"*.

14ª Sessão

Nesta sessão, enquanto Antonia se referia à importância do espaço terapêutico para desabafo de coisas que não tinha onde falar: *"...Eu achei que*

foi bom porque lá [na rua em que moro] tem mais é que ficar quieta". Romeu, além de assinalar esta mesma importância acrescentava que mesmo sendo bom para eles desabafarem na sessão, não ocorriam mudanças deles em casa, particularmente dela, porque para ele Antonia não se curava de seu nervoso: "...vem aqui, a gente fala tudo que tem em casa [...] chega lá em casa a gente fica novamente na mesma coisa [...] ela volta a ficar nervosa do mesmo jeito que ela é..."

Pareceu-nos que a terapeuta percebeu a importância do uso do espaço em permitir desabafos, como podendo vir a evitar somatizações: *"Houve um uso do espaço da sessão para se falar de coisas que atrapalham, que provocam nervoso e somatizações"*.

15ª Sessão

O casal constatou que não existem acordos entre eles. Antonia: *"... nosso acordo, né? não tem acordo..."*. E Romeu: *"... foi igual de sempre e que nós chegamos em acordo nenhum..."*.

A terapeuta mostrou-nos ter percebido que essa falta de acordo os magoava, mas que não se falavam sobre estas mágoas. E esse não falar deles se repetia nas sessões: *"Eles falam da falta de acordo que há entre eles. Isso me parece que os magoa, mas eles não conversam sobre estas mágoas [...]. Acho que não querem se confrontar, então isso explica a dificuldade de falarem na sessão"*.

16ª Sessão

Pela expressão da terapeuta, pareceu-nos que eles retomaram as dores do passado com Clara, mas de uma forma mais profunda, até porque ela estava iniciando terapia: *"...Relembrar o passado com a família podendo explorar sentimentos mais profundos deles [a filha está iniciando terapia]"*.

Para Antonia: *"... quando a gente fala da Clara, a gente fica mais triste..."*.

Para Romeu: *"... E cada vez que se fala da Clara a gente lembra o passado, e tudo isso se torna triste"*.

17ª Sessão

A sessão pareceu-nos ter sido sinalizadora de mudanças: tanto na forma de estarem em terapia, quanto no conteúdo que exploraram. A terapeuta mostrou-nos que: *"...Estiveram mais 'soltos'. Começar a falar parece ter sido menos difícil, hoje..."*.

O resgate de aspectos positivos de Rodrigo foi demonstrado por Antonia e Romeu. Antonia: *"É o que estava faltando era falar bem do Rodrigo..."*. Romeu: *"...E descobrimos que o Rodrigo tem várias partes boas..."*.

SEGUNDO MOMENTO DA ANÁLISE

Algumas frases das VSs deste casal e da terapeuta não foram utilizadas na análise anterior.

No caso das VSs de Antonia, as frases que não foram utilizadas, completavam a idéia da frase utilizada, mesmo porque grande número delas repetia um padrão de início de fala: *"Achei interessante"* e *"Achei bom"*.

Frases não utilizadas anteriormente complementando as idéias expressas nas frases utilizadas também foram encontradas nas seguintes VSs:

VS da 1ª sessão de Romeu

VS da 2ª sessão da Terapeuta

VS da 3ª sessão de Romeu

VS da 4ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 5ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 6ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 7ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 8ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 9ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 10ª sessão de Romeu e da Terapeuta

VS da 11ª sessão da Terapeuta

VS da 12ª sessão de Romeu e da Terapeuta
 VS da 13ª sessão de Romeu e da Terapeuta
 VS da 14ª sessão da Terapeuta
 VS da 15ª sessão de Romeu e da Terapeuta
 VS da 16ª sessão de Romeu e da Terapeuta
 VS da 17ª sessão da Terapeuta

Das frases das VSs de Romeu não utilizadas na análise anterior, e que também não foram consideradas complementares, obteve-se:

VS da 2ª sessão: *"...Achei interessante por causa de saber lidar com o Rodrigo, que a gente conseguiu aprender alguma coisa, como tratar o Rodrigo melhor, né? diferente, né? do que a gente costuma tratar"*.

VS da 11ª sessão: *"...A gente está tentando ver se consegue, como se diz, melhorar, é sei lá... ou solta mais ele ou prende ele, porque não tem jeito..."*.

Estas frases explicitavam a preocupação de Romeu com o filho Rodrigo, já demonstrada na análise anterior.

VS da 14ª sessão: *"...É lógico que aqui não é um lugar que vem curar ninguém, isso a gente sabe. É isso (a conversa daqui não provoca mudanças em vocês?...) É não provoca mudanças, o problema é esse aí..."*.

Esta frase pareceu-nos demonstrar não só a idéia já expressa por Romeu na análise anterior - de que ele não percebia mudanças para eles com a terapia de casal - mas também a idéia de que talvez procurasse uma "cura", especialmente para o nervoso da esposa. Pareceu-nos também que a idéia de cura que não encontrava nesta psicoterapia, talvez estivesse associada ao modelo médico, do qual eram assíduos freqüentadores.

VS da 17ª sessão: *"... E que também tem as partes que a gente não gosta que ele faz... mas achei interessante"*.

Esta frase reforçava a idéia já expressa anteriormente de desagrado deles, no caso Romeu, com os comportamentos de Rodrigo.

As frases das duas VSs da terapeuta não utilizadas anteriormente, mostraram-nos sua empatia com a dor do casal em terem uma filha com uma deficiência, e sua vontade de ajudá-los: *"... Sinto que vocês enfrentam uma dor profunda, principalmente Romeu, a qual acho que posso ajudar a administrar"*

melhor...". (1ª sessão). E mostrou-nos também que logo no início (3ª sessão) ela percebeu a distinção que o casal fazia entre os filhos e suas consequências: "Eles se atém muito a filha que tem problemas físicos, mas o filho parece estar desenvolvendo problemas emocionais...".

No momento da análise do processo psicoterápico deste casal, eles ainda se encontravam em psicoterapia. Portanto, o número de dezessete sessões apresentadas aqui deveu-se ao fato da questão do tempo e prazos que tínhamos para concluir o estudo.

Das dezessete sessões apresentadas apenas em três delas o casal discutiu/trabalhou questões específicas de casal. Eles pareceram-nos muito mais centrados na questão familiar. E assim, como no caso do casal Pedro e Lurdes, levantamos novamente a questão de que se o casamento é antecipado por uma gravidez, não favorece uma formação familiar logo de início, deixando um espaço menor para o casal, mormente no caso de Romeu e Antonia cujo segundo filho era uma menina que nascia precisando de muitos e intensos cuidados, e fazendo-os colocar de lado sua própria relação.

Pareceu-nos que essa falta de contato entre eles como casal talvez os estivesse deixando menos disponíveis para um trabalho de psicoterapia de casal, como demonstraram na 1ª sessão. Em sendo esta nossa hipótese verdadeira, podemos nos perguntar sobre o que os fez voltar para uma segunda sessão e continuar o processo: pareceu-nos que eles, centrados ou não no casal, preocupados ou não exclusivamente com a família, sentiram o espaço como proveitoso e útil, mesmo que não provocasse mudanças, como se queixou Romeu. Eles podiam desabafar, falar de coisas que não falavam em outro local e puderam também redescobrir o filho, mudar o foco de atenção deles da filha Clara para Rodrigo, pois foram percebendo que ele também necessitava da sua ajuda.

No decorrer deste processo que se centralizou na questão dos filhos deles (o que nos parece bastante coerente com a configuração deles, como casal), Romeu e Antonia puderam também se defrontar com as dores pela deficiência da filha, com as somatizações que mostravam e puderam perceber que os problemas de comunicação que tinham com os filhos também ocorriam entre eles. Na relação com Rodrigo passaram de uma visão do filho,

particularmente como problema, para se verem eles mesmo com problemas em lidar com o filho até que conseguissem ver Rodrigo como um filho de boas características.

Quanto aos momentos do processo em que especificamente aproximaram-se da exploração da relação entre eles, demonstraram que falar do casal era algo que lhes faltava. A terapeuta percebeu que resvalaram por caminhos em que Romeu mostrou que poderia estar inibindo falas de Antonia, em que poderia estar vendo os problemas como familiares, mas não como problemas conjugais e por uma demonstração de mágoas que não chegaram a ser muito exploradas.

Pareceu-nos que este período do processo pôde ajudá-los enquanto "chefes" de uma família tendo agora maior consciência das interligações e influências entre eles, mas pareceu-nos também que, como não estavam mais resistentes a lidar um com o outro e que, uma vez que mostraram abertura e necessidade para este tipo de atenção, poderiam vir também a se beneficiar não só como família, mas como marido e mulher.

IV- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Antes que pudéssemos dizer daquilo que compreendíamos destes quatro processos psicoterápicos, pareceu-nos importante iniciar nossas conclusões finais acerca do método utilizado como acesso ao processo psicoterápico, uma vez que este caracterizou nossa pesquisa, como portadora de uma metodologia diferente das que têm sido usadas em pesquisas de processo psicoterápico (Henry, Strupp & Schacht, 1990; Garfield, 1990 e Hill e Corbett, 1993, entre outros) e o qual também nos permitiu obter resultados que delinearam uma concepção de processo psicoterápico sem que precisássemos uniformizá-los para todos os casais.

1- Acerca Das Versões De Sentido

Pelas explicações fornecidas na descrição de nosso método acerca do que constituiria uma VS, ficou evidente para nós que o material que estávamos usando para entender o processo psicoterápico traduzia o que era esse processo, uma vez que percebíamos que os clientes gravando ou escrevendo suas VSs pareciam nos demonstrar estarem ainda na sessão, falando à terapeuta aquilo que haviam elaborado ou o novo que vinha surgindo, ou, em alguns momentos, respondendo ao que o cônjuge dissera na sessão. Isso nos fez concluir que as VSs foram incorporadas à sessão de terapia. E

essas VSs, assim como os próprios processos, foram diferentes para cada casal e para cada pessoa.

A VS até hoje vinha sendo utilizada, isto é, escrita no âmbito da Psicologia Clínica, apenas pelos terapeutas. Estes as redigiam ao final da sessão e depois por meio da leitura de uma seqüência delas, podiam obter uma descrição do processo psicoterápico vivido. Estes psicólogos também podiam levar estas VSs para suas supervisões, e, assim, valendo-se da leitura de seus conteúdos e da reflexão conseqüente, irem apreendendo seu estilo de ser terapeuta, assim também como apreendendo aspectos da sessão e do cliente.

Isto se constituía no que estamos chamando de um trabalho com VSs em interlocução. Amatuzzi em seus textos (1991, 1996a) mostrou-nos esse "poder" da Vs em resgatar o vivido, com toda sua intensidade de forma que na interlocução da VS (do autor com outra pessoa) relembriaria e reviveria aspectos e sentidos da sessão.

Em nosso estudo ampliamos o uso das VSs para os clientes. E com eles não exercitamos o momento de interlocução, isto é, não se dialogou com os clientes acerca do conteúdo expresso em suas VSs: não houve da parte deles nenhum pedido para isto e também esse não era o nosso objetivo. Nossa intenção era apenas saber qual havia sido para eles o sentido da experiência de estar em uma sessão de Psicoterapia Conjugal e não dialogar com eles acerca deste sentido. Acreditamos, assim, que este potencial da VS não foi utilizado neste estudo, e assim não poderíamos afirmar que a redação da VS ou sua gravação tenham propiciado uma mudança nos clientes, como se percebeu ocorrer com os terapeutas que escreviam suas VSs, liam-nas para um outro, com quem mantinham um "diálogo" acerca de toda a vivência despertada pelo conteúdo da VS. Mas, ficou-nos a impressão de que a escrita ou gravação da VS, uma vez que foi incorporada à sessão, propiciou ou deixou de propiciar as mesmas mobilizações que propiciavam as vivências da própria sessão.

Já com relação às VSs da terapeuta, ocorreram momentos de uma interlocução. A terapeuta, como já dissemos, lia suas VSs e as dos clientes com um parceiro de pesquisa de forma a clarear, ou ampliar, ou referendar o movimento registrado nas sessões. Quer dizer, a interlocução aqui se referia à

uma leitura das três VSs (cônjuges e terapeuta) e não especificamente à da terapeuta, como nos casos de supervisão, porque também não era nosso objetivo dizer da terapeuta neste processo e sim descrever o processo tomando-se por base os seus três participantes.

Em nossa prática clínica constatamos que enquanto terapeutas podemos perceber aquilo que o cliente usufruiu da sessão apenas quando ele nos fala diretamente (o que nem sempre é freqüente), ou nos demonstra indiretamente, ou então quando olhamos de "fora" para um período de tempo de psicoterapia. Enquanto vivenciávamos a sessão com os clientes, estávamos percebendo-os no aqui-agora, localizados em suas histórias. Entretanto, alcançamos com o uso da VS a reflexão feita pelo cliente no presente. Pudemos ter acesso aos caminhos percorridos pelos clientes, saber por onde eles estavam "andando" durante as sessões.

Constatamos também que o estilo de fala/escrita que o cliente mantinha na sessão era reproduzido em sua VS. Um exemplo disto, pareceu-nos serem as VSs de Antonia e as de Doroti. Esta mantinha na sessão um discurso de tipo responsivo e apresentava o mesmo em suas VSs. Antonia era sempre muito sintética em suas falas no decorrer da sessão e o mesmo se reproduziu nas VSs.

Ficou-nos evidente que, independente do estilo de escrita - por provérbios, no caso de Lurdes; por itens, no caso de Maria ou por citações, no caso de Claudio - as falas expressas puderam ser compreendidas, enquanto no contexto geral do relato, indicadoras de uma vivência.

Pudemos perceber também que as VSs constituíram-se numa resposta até porque disparadas por uma pergunta. E como toda resposta tem um destinatário, elas foram também emitidas de forma dirigida a um destinatário. Concluimos que isto não influiu na viabilidade do uso da VS, mas refletiu a riqueza de sua experiência. As VSs eram em muitos momentos uma resposta que o cliente dava a si próprio - as VSs de Claudio explicitavam bem isso: às vezes ele se auto-questionava, às vezes citava uma letra de música que exemplificava aquilo que percebia de si. As VSs de Maria segundo seus itens nos mostravam-nos que ela "programava" aspectos a serem trabalhados em uma próxima sessão.

As VSs também foram usadas para responder ao cônjuge. Isto ficou mais evidente com o casal João e Doroti, mas também ocorreu com o casal Pedro e Lurdes. E as VSs também eram emitidas para a terapeuta, "apenas" para responder a ela, que com eles questionava acerca do sentido daquela sessão.

Acreditamos que estas falas, mesmo que dirigidas a outrem, eram sempre auto-dirigidas. Amatuzzi (1989) citando Buber, enfatizou esta nossa percepção:

"Quando falo a alguém, ouço sua resposta, posiciono-me face a ela, gerando outra resposta, e assim por diante. É só no dinamismo dessa seqüência que me encontro em ato comigo mesmo, que estou sendo e também me conhecendo" (p.43).

Ainda acerca do estilo de escrita da VS e de seu destinatário, consideramos aqui as VSs da terapeuta. Percebemos que seu estilo de escrita se assemelhava a um retratar da sessão. Em muitos momentos quando da leitura das VSs dos cônjuges e da leitura das VSs da terapeuta, percebíamos que a fala desta última nos traduzia acerca de que conteúdo se referiam às VSs dos cônjuges. O foco destas VSs concentrou-se no processo no casal, ou em um dos cônjuges e em poucos momentos voltou-se para sua própria atuação ou sua auto-percepção. Consideramos que isto foi decorrente de uma concepção de papel de terapeuta: alguém voltado ao outro no decorrer do processo, preocupado com a facilitação do andamento da psicoterapia. Isto também ficou evidente para nós ao percebermos que, pela leitura da VS da terapeuta, esta não se dava conta do que o casal estava apreendendo, porque sua preocupação não estava voltada para isso (de forma direta), mas, sim, em facilitar que o casal continuasse a apreender suas vivências.

Em contrapartida, percebemos que a terapeuta em alguns momentos registrou em sua VS algo que poderia ser definido como uma percepção "adiantada", isto é, ela registrou algo que só muito mais tarde foi delineado e aprofundado no processo.

Quanto ao destinatário de suas VSs, percebíamos que estas foram escritas ainda em diálogo com os casais ou dirigidas para si mesma, como se dizendo daquilo que percebia neles.

Com relação à gravação das VSs, pareceu-nos ser importante acrescentar que não havia "cópia" da VS de um para com o outro. Embora um deles pudesse dizer "Ah, para mim foi o mesmo que para ela", acabava por complementar a frase com o seu sentido. Também encontramos a ausência desta "cópia" entre a VS da terapeuta e do casal. Foi interessante perceber que havia mais proximidade de conteúdo entre as VSs da terapeuta e a do casal - quando escritas - do que com as VSs gravadas. A terapeuta não copiou a VS do casal, como se poderia pressupor no caso de gravação. Mas falou de temas próximos ao do casal, no caso da escrita, isto é, a forma de registro não interferiu. A proximidade de conteúdo nos pareceu ser um reflexo da "proximidade" entre os três, vale dizer da troca intersubjetiva.

As VSs também puderam dizer do processo psicoterápico de cada casal, quando olhadas conjuntamente. Pareceu-nos que as VSs dos três participantes (cônjuges e terapeuta) em cada processo, iluminavam-se mutuamente, possibilitando-nos, com as três em paralelo, captar o denominador comum ou a essência do movimento do processo para além das particularidades de cada um.

Este denominador comum não foi um resumo das três VSs, mas constituiu-se no ponto de cruzamento que nos mostrou a essência do movimento psicoterápico.

Em suma, foi-nos possível trabalhar com VSs tanto escritas quanto gravadas, contendo diferentes estilos de fala/escrita e destinadas a quem quer que fosse.

Cabe-nos ainda ressaltar aqui que não era nossa pretensão neste estudo fazer uma "validação" das VSs enquanto "instrumento" de acesso ao processo psicoterápico, mas simplesmente explorar suas possibilidades para uma caracterização do processo. Nesse sentido, a VS mostrou-se um **"instrumento" bastante rico e econômico, um "instrumento" de mais fácil e mais rápido acesso na exploração dos processos psicoterápicos.**

Comparando a VS com outros instrumentos de acesso ao processo psicoterápico - gravações de sessões, uso de questionários - pareceu-nos que a resposta a uma pergunta de questionário bem como o conteúdo de gravação de uma sessão, mesmo em se tratando também de material produzido pelos próprios clientes, apenas registrariam o processo psicoterápico, enquanto que

as VSs pareceram-nos fazer "brotar" o processo. A VS, se constituindo num instrumento portador de uma fala significativa carregada de sentimentos ainda existentes no indivíduo, quando de seu registro, puderam nos fornecer elementos da ordem da significância dada pelo próprio cliente, diferente de uma gravação ou questionário que seria interpretado (resignificado) por uma outra pessoa que não o cliente.

Uma outra forma que percebemos ser propiciadora de uma "validade" para as VSs relacionou-se ao fato de ela permitir a um estranho ao processo sua visualização.

Pedimos a alguns colegas que lessem o material das VSs e nos dissessem o que percebiam. "Surpreendemo-nos" ao constatar que pessoas "estranhas" aos processos psicoterápicos estudados podiam captar-lhe seu movimento e resgatar também aspectos, colocações, hipóteses semelhantes aos obtidos pela terapeuta, mesmo que não literalmente registrados nas VSs. Lembramos aqui uma frase de Amatuzzi (1989) que parece explicitar nossa percepção:

"Um resultado a nível de expressão acabada não é a dedução de uma vivência, mas transporta a própria vivência para outro estágio existencial, representando isso uma mutação e não apenas uma decorrência" (p.194).

Por fim, gostaríamos de registrar algo que pode ter sido decorrente de nossa preferência, mas que, sem dúvida, foi também originário do trabalho com as VSs. Consideramos que a forma escrita de registro de VSs nos pareceu mais adequada ao que se propunha a VS: ser uma reflexão. Acreditamos que, pelo fato de a escrita constituir-se num momento solitário em que se busca qual a melhor palavra a ser escrita, e por não ter alguém "aguardando" a resposta, acaba por propiciar um refletir antes do automatismo da escrita, ao passo que a gravação pareceu-nos ter constituído uma fala fornecida mais "rapidamente", isto é, com menor reflexão.

2- Acerca Dos Processos Psicoterápicos

Um processo psicoterápico pode ser estudado, partindo-se de seus detalhes ou entendendo-se o seu todo. Em nosso estudo escolhemos a segunda opção, não adentramos os detalhes e implicações de cada sessão, de cada fala, mas sim o seu sentido global, obtido mediante a seqüência das VSs, visando mais a descrição de um movimento que à delimitação de fases.

Constatamos também que, mesmo usando um forma de acesso ao processo, que nos pareceu ser a forma mais próxima de atingi-lo, acabou esta também por não poder "cobri-lo" completamente, ficou faltando o registro do "tom das vozes, o brilho do olhar, as expressões faciais e corporais, as risadas, os sorrisos e as lágrimas" (Ancona-Lopez, 1996, p.131). Não poderíamos deixar de levar em consideração o fato de que nenhuma forma de registro de uma sessão poderia ser completa, nenhum acesso ao processo psicoterápico seria plenamente completo. E foi a partir desta constatação que finalizamos aqui nossas conclusões: não houve a possibilidade de esgotar toda a "verdade" de uma psicoterapia, não há a possibilidade de dizer toda a "verdade" do humano.

Mas foram os "poucos/muitos" elementos obtidos que, construindo uma realidade por nós vivenciada, permitiu-nos chegar ao ponto de algumas conclusões que esperávamos fossem possibilitadoras de reflexões àqueles que se ocupam da prática da psicologia clínica e de sua pesquisa.

Na realização dos atendimentos destes quatro casais, era-nos "suficiente" que eles pudessem vir a compreender melhor suas dificuldades, expectativas e frustrações, passando então a conviver de forma mais amadurecida com as dificuldades inerentes ao íntimo compartilhar da vida cotidiana. Desejávamos que a psicoterapia lhes representasse a possibilidade de vir a viver de forma mais prazerosa ou a possibilidade de virem a buscar, a partir de então, este prazer.

Na concretização desta pesquisa objetivamos "caminhar" com os cônjuges de modo a termos uma idéia dos movimentos que se presentificavam no decorrer do processo.

Atendemos a quatro casais diferentes e com necessidades diferentes. Apenas um deles, Claudio e Maria, procurou espontaneamente pela

psicoterapia. Isto pareceu-nos que os diferenciou um pouco dos outros, não pela disponibilidade em realizar a psicoterapia, mas sim pelo que objetivaram com ela. Claudio e Maria queriam entender porque estavam juntos, porque se separavam e o que os levava a isto, ao passo que para os outros casais o porquê de estarem juntos era algo que não questionavam, apenas lidavam com a realidade de estarem casados.

Os outros casais que nos foram encaminhados pareceram-nos usufruir da psicoterapia já desde o primeiro momento, mesmo que não a tivessem procurado. O casal João e Doroti referiu ter pensado em terapia de casal, mas ainda não a haviam buscado espontaneamente. Talvez por isto, dos três casais encaminhados, a partir do psicodiagnóstico dos filhos, este foi o único que iniciou o processo não pelo filho, mas sim pelos problemas de relacionamento conjugal.

Com relação aos outros dois casais: Pedro e Lurdes, e Romeu e Antonia, seus processos psicoterápicos se centralizaram em grande parte nos seus papéis de pais, embora tenham-nos mostrado usufruir e até terem trabalhado aspectos exclusivamente conjugais. Nossa intenção foi a de não dirigir a psicoterapia para o âmbito da conjugalidade, mas sim respeitar aquilo que era trazido para a sessão: se era o papel de pais, ou seja, a preocupação com os filhos, era com isto que iríamos trabalhar. Esta atitude, além de nos parecer ser a única eticamente viável, mostrou-nos ao final ter sido o caminho possível para que estes casais, pudessem chegar até eles próprios. Nossa postura nos remeteu à experiência relatada por Ancona-Lopez (1996) de dar atenção a quem estiver presente na sessão - no caso da autora, à mãe e não à criança da qual esta supostamente vinha falar. Em nosso caso aos pais e não ao casal que sabíamos que também formavam, e que era nosso foco de atenção.

Assim como eram casais diferentes, com expectativas diferentes, propiciaram-nos análises também diferentes, até no estilo de escrita, mesmo que mantendo a coerência de se obedecer aos mesmos passos. Aquilo que poderíamos ter falado de único, de cada casal, de seu percurso, foi dito por meio da análise, sessão a sessão.

O que pretendíamos esboçar agora era um nível "comparativo" entre eles com o objetivo de registrar seus movimentos de aprofundamento no

decorrer do processo psicoterápico, enfocando que não pretendíamos delinear uma teoria das fases do processo de psicoterapia conjugal, "apenas" possibilitar como já dissemos, uma reflexão da prática, e enfocando também que nenhuma forma de conclusão geral diminuiria a importância da análise do processo único de cada casal.

Nossa preocupação não esteve diretamente relacionada com a mudança de personalidade ocorrida na psicoterapia, ou com o que nela havia sido eficaz, como nos estudos de processo psicoterápico desenvolvidos por Rogers. Embora tivéssemos realizado um estudo sobre o mesmo tema, considerávamos "suficiente" para esta pesquisa saber qual era o percurso percorrido pelos casais ao atingir não uma mudança de personalidade, mas sim ao se defrontarem com a real situação de seus relacionamentos e atingir ou um melhor entrosamento ou uma decisão de separação.

Esperamos que futuras pesquisas possam vir a detalhar fases do processo de psicoterapia conjugal, de forma tão clara como o fez Rogers em relação à psicoterapia individual (1985) e até mesmo com grupos de encontro (1987a). Entretanto, acreditamos que os casais por nós atendidos percorreram um caminho psicoterápico, que assim como Rogers o entendia, levou-os de um ponto de rigidez emocional a um ponto de maior fluidez:

"Vejo-a [experiência do processo psicoterápico] como um longo e árduo caminho de mudanças e desenvolvimento. Determinado cliente, começa a terapia em algum ponto desse caminho e, se for ajudado, caminha uma distância variável, rumo ao objetivo. Espero que a natureza desse caminho se torne mais clara no que se segue. Deve ser suficiente, por ora, dizer que começa numa extremidade, com um tipo de funcionamento psicológico rígido, estático, indiferenciado, não sentido e impessoal. Evolui através de vários estágios, até a outra extremidade, num nível de funcionamento marcado pela mutabilidade, fluidez, reações ricamente diferenciadas, experiência imediata de sentimentos pessoais assumidos em profundidade, como próprios e aceitos" (1961, in Wood et al, 1994, p.103 e 104).

Em analogia a essa descrição de Rogers, do processo psicoterápico individual, pudemos dizer que os casais iniciaram a terapia não em um ponto rígido e estático de funcionamento pessoal, mas sim que suas relações eram

de alguma forma estáticas. Como mostramos com a ilustração literária do conto de Calvino, estes casais não estavam se encontrando, se relacionavam por "esbarrões". Em alguns momentos pudemos até perceber que estas relações de poucos encontros poderiam ser provenientes de um funcionamento psicológico individual rígido, mas como nossa atenção voltou-se para o conjugal e não para o individual, ficamos aqui com a percepção da relação na compreensão dos movimentos destes quatro processos psicoterápicos.

Chamou-nos a atenção, logo de início, que os casais com quem estávamos entrando em contato, tinham todos eles se unido coincidentemente de forma circunstancial. Iniciaram seus casamentos, ou movidos por uma gravidez (como Pedro e Lurdes e Romeu e Antonia) ou por necessidades financeiras - seria mais econômico dividir despesas - (como Claudio e Maria), ou de forma "casual" - prometer fazer uma loucura e não poder voltar atrás (como João e Doroti).

A forma de união destes casais pareceu-nos relevante por entendermos que talvez todos eles estivessem concretizando uma relação de cujo significado não estavam "plenamente" conscientes, isto é, não se davam conta de outros elementos que também estariam presentes nesta experiência do casamento. Seus casamentos pareceram-nos terem sido simbolizados apenas com elementos concretos - a necessidade "prática" do casar, sem a presença da atitude de escolha.

Estes casais pareceram-nos ser autênticos representantes dos modelos familiares pós-modernos, uma vez que mantinham entre eles as mais variadas configurações.

Pedro e Lurdes, Romeu e Antonia e João e Doroti mantinham uma estruturação familiar na qual os maridos eram os únicos provedores financeiros da casa, e as esposas responsáveis pela manutenção do lar e filhos.

Entre os casais deste estudo também encontramos situações de recasamento, como João e Claudio que estavam no segundo casamento. E tivemos representações não muito freqüentes de estruturas familiares em que o pai ao se separar ficou com os filhos (Claudio), e em que a mulher tinha

vencimentos maiores que o marido, voltando-se exclusivamente para o trabalho, enquanto o marido tornava-se o responsável pela casa (Maria e Claudio).

Estes casais também nos pareceram ser representantes de uma "nova conjugalidade", isto é, constituíam-se casais cujas relações pareceram-nos caracterizadas de forma societária, na qual não havia o predomínio da palavra "amor". Provavelmente seriam concordantes com a estatística de pesquisa "*A Nova Cara do Amor*" (citada em nossa introdução), em que o amor seria o sentimento considerado como de importância em quarto lugar nas relações conjugais.

E quando estes casais iniciaram a psicoterapia, a rigidez do caráter de suas relações manifestava-se por atitudes competitivas entre quem seria o cônjuge certo ou errado, o provocador ou a vítima dos problemas de relacionamento, como com o casal Claudio e Maria. Delineava-se também como no caso dos casais Pedro e Lurdes e Romeu e Antonia por uma falta de atenção aos sentimentos e falas do outro e por uma visão de seus filhos, como sendo apenas crianças problemáticas.

As relações também se manifestavam, como no caso de João e Doroti, repletas de brigas que chegavam a nenhum lugar, que não davam vazão ao sentimento de raiva.

Estes quatro casais, no decorrer da psicoterapia, apesar de suas inúmeras diferenças e da unicidade de cada um deles, mostraram-nos terem experienciado um fluxo linear rumo ao aprofundamento de suas experiências, embora o conteúdo destas não tenha tido esta linearidade (e nem seria necessário ter).

Percebíamos que o movimento de uma sessão era proveniente do experienciar da sessão anterior. Delineamos a imagem de uma corrente em que cada elo seria uma sessão, todas elas encadeadas em busca de um aprofundamento, de uma melhoria da relação, de uma busca de solução, em suma, rumo ao objetivo de uma vida e/ou relação mais saudável.

Pareceu-nos que os caminhos que estes casais percorreram, ao sair de um ponto estático da relação - mesmo que variando para cada casal e cônjuge - tiveram como elemento comum um desnudamento. Num primeiro momento era um mostrar-se à terapeuta que estava ali para ouvi-los, para saber do

casamento deles. Eles se viram então diante de um expressar de suas relações. Apresentaram o casamento que tinham, suas queixas e suas expectativas. E como acreditamos que o falar ao outro propicia um ouvir-se e um falar a si próprio, puderam então também se ouvir sobre suas relações. Pensamos ter sido este o "start" de uma mudança terapêutica, o primeiro momento do dar-se conta daquilo que estavam vivendo, do afirmar suas relações.

Uma vez iniciado este processo constatamos que se abriu a possibilidade de novas percepções. Pedro e Lurdes passaram a perceber boas características do filho; Romeu e Antonia passaram a perceber um filho que estavam deixando um pouco de lado. Já com João e Doroti e Claudio e Maria percebemos que fizeram um movimento de exploração de aspectos pessoais. João e Doroti, por aquilo que os deixava individualmente insatisfeitos e Claudio e Maria pela forma de ser de cada um que não agradava ao outro. Neste dois casos, houve um movimento de constatar a necessidade de se conhecerem melhor, que para João e Doroti levou a uma percepção de que havia uma interligação entre eles e com Claudio e Maria a um confronto com o medo de se exporem um ao outro, medo este que, ao ser vivenciado, levou-os a uma idéia de separação.

Com os casais Pedro e Lurdes e Romeu e Antonia, cujas psicoterapias foram bastante permeadas por seus papéis de pais, percebemos que à medida que puderam falar sobre estes papéis se deram conta de que seus filhos não existiam isolados deles e que podiam até estar se comportando de uma forma que os desagradava, graças à forma como eles (pais) se comportavam com os filhos. Lurdes manifestou esta percepção da seguinte forma: *"Acho que somos nós que enlouquecemos o Gabriel"*, e Antonia: *"Acho que talvez seja eu mesma que atrapalho o Rodrigo"*.

Pareceu-nos que à medida que puderam se dizer enquanto pai e mãe, verem sua atuação, é que se tranqüilizaram para tentarem então ver-se como marido e mulher. Pedro e Lurdes voltaram-se para a família de origem deste e toda a problemática que perceberam interferir em seu casamento. Romeu e Antonia, ao se queixarem de que os filhos não os ouviam, perceberam que eles também não se ouviam, o que os levou a falarem de si na próxima sessão e nas sessões seguintes a se perceberem em relação com os filhos.

Para estes dois casais, a psicoterapia (ou no caso de Romeu e Antonia, o período aqui analisado) pareceu-nos ter lhes propiciado relações enquanto pais, que nomeamos aqui de mais fluidas - em oposição ao estático, aos "esbarrões".

As atitudes que mantinham com os filhos é que foram as beneficiadas por este processo. Se não se encontraram diretamente entre eles, reencontraram-se com seus filhos. O que acreditamos ter sido também propiciador de um re-encontro consigo próprio, uma vez que constatar que aquilo que haviam produzido (os filhos) não era algo tão ruim assim, pareceu-nos que poderia levá-los a um contato com maior prazer nas relações, ou no mínimo ao alívio de uma possível culpa anterior, por serem pais de filhos que não eram assim "tão bons".

O caminhar de João e Doroti e de Claudio e Maria levou-os em nossa compreensão a um trabalho conjugal de maior intensidade. Pareceu-nos que a cada passo que davam no rumo de uma exploração também individual, confrontaram-se com os limites que tinham para o estarem juntos. O que constatamos como o cerne de seus processos foi a liberdade que conquistaram em se expor ao outro, se desnudar. Relembramos aqui que João ao se referir à melhora da relação, dizia que as sessões agora já não eram mais desabafos. Pareceu-nos que ele refletia exatamente a importância que teve para ele um espaço no qual podia se expor livremente. Ocorreu-nos que muito provavelmente para este dois casais, a psicoterapia tenha possibilitado benefícios individuais até maiores do que os relacionais. Dizemos isto em função dos movimentos individuais que demonstraram (não só) e também dos resultados finais.

João e Doroti se deram conta de que o que podiam trabalhar enquanto casais tinha o limite das questões individuais não resolvidas de Doroti. Claudio e Maria encerraram o processo numa separação: o individual sobreviveu e cresceu, o conjugal não.

O movimento que permitiu a João e a Doroti constatar que estavam se encontrando, permitiu a Claudio e Maria desencontrarem-se definitivamente, isto é, houve um movimento de exploração da relação com base nas pessoas que eram, seus desejos, necessidades e expectativas.

Pareceu-nos agora, ao final deste estudo, que foi necessário tão pouco para propiciar tanto. Constatamos aqui no papel/vivência de terapeuta que quase nada fizemos, a não ser oferecer-nos com nossa escuta e nossa presença àqueles que tão generosamente se entregaram um pouco a nós. Retomamos aqui que:

- acreditávamos que algo poderia ser feito pelo outro;
- acreditávamos que aquele que tinha o problema tinha também os recursos para solucioná-lo;
- tínhamos "compaixão" pelos indivíduos, respeito pela sua autonomia e dignidade;
- reconhecíamos a importância da interação social para o ser humano;
- tolerávamos as incertezas das relações;
- tínhamos o desejo de agir construtivamente e a intenção de sermos eficazes neste objetivo, tendo uma flexibilidade de pensamento e ação;
- estávamos aberto a novas descobertas;
- buscávamos ser hábil em nos concentrarmos profundamente ao apreender a linearidade do surgimento da realidade total do outro, e
- tínhamos um bom senso de humor, humildade e curiosidade (Wood, 1995).

O pouco que nos pareceu ter sido oferecido a eles foi permeado por "inúmeras lutas". Era um registrar o processo, dar bem conta dele, ficar atenta para não perder seu fio, ir registrando por onde se percebia a caminhada dos clientes, estar com eles, distanciar-se, misturar-se, sentir sua dor, confundir-se, resgatar-se, estar inteira, manter a unidade a cada diferença; de forma a responder, a "interpretar", a ser empática, congruente e aceitadora.

O resultado destes processos psicoterápicos pareceu-nos ser decorrente da troca intersubjetiva, no caso da psicoterapia conjugal, da troca entre três subjetividades. A subjetividade de alguém que se oferece e as subjetividades daqueles que solicitam. Esta idéia de psicoterapia como o estabelecimento de relações intersubjetivas, bem como preocupada com os aspectos culturais presentes no seus processos (e delineados no breve panorama social que traçamos em nossa introdução) fizeram-nos considerar que desempenhamos

aqui uma psicoterapia que, uma vez também identificada com os outros princípios propostos por Rogers (condições necessárias e suficientes), poderia ser nomeada por "Psicoterapia Centrada na Pessoa" (Cury, 1993).

Este pareceu-nos ser também aquele espaço terapêutico de que Rogers tanto falou. À luz de seus conceitos, pôde-se oferecer um espaço que se constituiu terapêutico pela disponibilidade de seus ocupantes e não pelas técnicas utilizadas.

Constatamos assim que, só ao final do processo psicoterápico é que pudemos saber dele, e isto não nos pareceu "incompetência profissional", pareceu-nos sim a constatação de uma realidade que não se antevia, porque se mostrava à medida que se construía.

E se foi ao final da psicoterapia que dela pudemos ter um retrato, foi também ao final da pesquisa que dela pudemos constatar seu procedimento.

Utilizamos aqui, de passos bem delineados, que nos pareceram conter um mínimo de coerência de que necessita a ciência. Mas, olhando para trás, fica-nos claro que os passos seguidos foram muito mais dimensões de uma análise, do que passos que se faz necessário seguir rigidamente.

3- Resumo Das Conclusões

Pontuamos aqui, de forma sucinta as conclusões que obtivemos em nosso estudo:

1- Oferecemos a estes quatro casais um **espaço que se mostrou terapêutico**, porque lhes possibilitou rever suas relações e transformá-las, sem que fossem diretamente conduzidos a isto. Foi um espaço objetivado como "conjugal", mas que pôde ser aproveitado de forma familiar e individual.

2 - Dentro desta forma de atendimento, constatamos que o caminho trilhado pelos casais em seus processos psicoterápicos, mostrou-se **coerente com o objetivo que tinham para a psicoterapia**. Os quatro casais, mesmo os que se centraram nos papéis de pais, acabaram por trabalhar questões conjugais.

3 - Os quatro casais partiram de um ponto, no qual **suas relações se mostravam rigidamente estruturadas**, e chegaram a um ponto em que **estas relações se mostraram mais fluidas**.

4 - Os quatro processos psicoterápicos foram permeados por um **fluxo linear de aprofundamento das experiências**, permitindo-nos constatar que a vivência de uma sessão se encadeou à vivência da outra, sendo os meandros deste aprofundamento diferentes para os casais centrados na questão conjugal e para os que focalizaram mais seus papéis de pais.

Para todos os casais, o processo se iniciou por um **desnudamento** que fizeram de suas relações diante da terapeuta, o que consideramos ter sido o âmago do primeiro momento de seus processos - o **dar-se conta da relação que mantinham**.

4.1 - Para os casais que se ativeram com mais intensidade às questões conjugais constatamos que o segundo momento de seus processos foi marcado por uma **exploração de aspectos individuais** pertinentes à relação.

O terceiro momento consideramos ter sido o **defrontar-se com medos e angústias** diante do cônjuge, o que conduziu a um quarto momento que se mostrou em um casal, pela **concretização de uma separação** e, no outro, por uma **melhor convivência**.

Para ambos os casais, este quarto momento delineou um maior auto e hetero conhecimento.

4.2 - Para os casais que focalizaram mais a questão de serem pais, constatamos que o segundo momento de seus processos se constituiu **numa mudança de percepção acerca de seus filhos** e à percepção da interligação entre todos eles. Este momento foi possibilitador de uma tranquilização enquanto pais que os conduziu num terceiro momento a uma **exploração de questões conjugais**. Consideramos que o quarto momento do processo destes casais se concretizou de no **estabelecimento relações mais fluidas com seus filhos**.

5 - Constatamos também estarem estes casais "alinhados" às atuais concepções de configurações familiares. Eram representantes de variados e possíveis modelos de **famílias pós-modernas**. Mantinham

segundos casamentos, casamentos com o marido sendo o único provedor financeiro da casa e casamentos no qual a esposa tinha rendimentos maiores que o marido.

Também nos demonstraram terem se unido e manterem casamentos, no qual a palavra Amor era pouco usada, aparentando serem casais societários, como apontaram as recentes pesquisas.

6 - Por fim pudemos concluir que fizemos uso de um **instrumento** de acesso ao processo psicoterápico que se mostrou rico, econômico e **facilitador deste acesso**, respeitando as mais variadas formas de expressão dos "sujeitos" desta pesquisa.

*EU VIM PARA AJUDAR MEU FILHO,
E DESCOBRI QUE POSSO SER
AJUDADA TAMBÉM.*

*CONVERSAMOS ALGUMA COISA
SOBRE MARIDO E MULHER,
EXISTE ALGUMA COISA QUE
PODE SER MUDADA.*

ME COLOCARAM DE JUIZ.

*O TEMPO ME É PRECIOSO, QUERO
RESOLVER E SER FELIZ AGORA.*

*JOGANDO FORA AQUILO QUE DENTRO DE
CASA A GENTE NÃO CONSEGUE FAZER.*

*SÓ QUE EU FALO DUM JEITO,
ELA QUER DO OUTRO E NÃO DÁ
CERTO... É ISSO AÍ.*

*O QUE EU SENTI FOI UM ALÍVIO,
CONVERSANDO A GENTE VAI MELHORANDO.*

"Ele estava livre, infinitamente, a ponto de não mais se sentir pesar sobre a terra. [Mas] faltava-lhe esse peso das relações humanas que entrava o passo, essas lágrimas, esses adeuses, essas queixas, essas alegrias, tudo que um homem acaricia ou dilacera toda vez que esboça um gesto, esses mil laços que ligam aos outros e o tornam pesado".

Saint-Exupéry.

V- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As datas entre parênteses referem-se ao original das obras

- A NOVA Cara do Amor. **Revista Cláudia**, 35: 234-261, maio de 1996.
- ALMEIDA, A. (org.) Notas sobre a família no Brasil. In ALMEIDA, A. **Pensando a Família no Brasil**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.
- AMATUZZI, M. M. **O Resgate da Fala Autêntica**. Campinas, Papirus, 1989.
- _____ et al. O Sentido que faz Sentido: Uma Pesquisa Fenomenológica no Processo Terapêutico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 7(1): 1-12, 1991.
- _____ O uso da Versão de Sentido na Formação e Pesquisa em Psicologia. In CARVALHO, R. M. L. L. **Repensando a Formação do Psicólogo: Da Informação à Descoberta**. Coletâneas da ANPEPP, 1(9):11-24, 1996a
- _____ Apontamentos Acerca da Pesquisa Fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 1996b.
- _____ Símbolo, Discurso e Diálogo Psicológico. Campinas, 1996c (mimeografado).
- ANCONA-LOPEZ, S. **A Porta de Entrada: Da Entrevista de Tiragem à Consulta Psicológica**. Tese de Doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- ANDERSON, W. J. Family Therapy in the Client-Centered Tradition: A Legacy in the narrative mode. **Person-Centered Review**, 4(3):295-307, 1989a.

- _____. Client/Person - Centered Approaches to Couple and Family Therapy: Expanding Theory and Practice. **Person-Centered Review**,4(3):245-247, 1989b.
- ARIÈS, P. (1973). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- BARRETT-LENNARD, G. The world of Family Relationships: A Person-Centered Systems View. In LEVANT, R. & SHLIEN, J. (eds) **Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Therapy, Research and Practice**. New York: Praeger, 1984.
- BOZARTH, J. D. Beyond Reflection: Emergent Modes of Empathy. In LEVANT, R. & SHLIEN, J. (eds) **Client-Centered Therapy and the Person-Centered Approach: New Directions in Therapy, Research and Practice**. New York, Praeger, 1984.
- BOZARTH, J.D. & SHANKS, A. Person-Centered Family Therapy with couples. **Person-Centered Review**, 4(3): 324:343, 1989.
- BOWEN, M. C. V. B. Psicoterapia: O Processo, O Terapeuta, a Aprendizagem. In SANTOS, A. M. et al. **Quando fala o coração**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- CALIL, V. L. **Terapia Familiar e de Casal**. São Paulo, Summus Editorial,1987.
- CALVINO, I. **Os Amores Difíceis**. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- CAMPOS, R. F. **Um Percurso Pático da Clínica**. São Paulo, 1996. Dissertação de Mestrado - Instituto de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- COADY, N. Rationale and Directions for an increased emphasis on the therapeutic relationship in Family Therapy. **Contemporary Family Therapy**, 14(1): 467-479, 1992.
- COLLIER, J., ROSALDO, M. & YANAGISAKO, S. Is There a Family ? New Antropological Views. In In THORNE, B. & YALOM, M. **Rethinking The Family**. Boston, Northeastern University Press, 1992.
- CORRÊA, M. (org) Repensando a Família Patriarcal Brasileira - Estudos sobre a família no Brasil. In _____. **Colcha de Retalhos**. São Paulo, Brasliense, 1982.

- CURY, V. E. **Abordagem Centrada na Pessoa. Um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a Terapia Centrada no Cliente.** Campinas, 1993. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas.
- ELLIOTT, R. "That in your Hands". A comprehensive Process Analysis of a significant Event in Psychotherapy. **Psychiatry**, 46:113-129, 1983.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Terapia Familiar. Das Divergências às Possibilidades de Articulação dos Diferentes Enfoques. **Psicologia, Ciência e Profissão**, ano 16 (1): 38-42, 1996.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** São Paulo, Folha de São Paulo e Nova Fronteira, outubro/94 à fevereiro/95.
- FORGHIERI, Y .C. **Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, Método e Pesquisas.** São Paulo, Pioneira, 1993.
- FRIEDLANDER, M. Psychotherapeutic Process: About the Art, About the Science. **Journal of Counseling and Development**, 70: 740-741, 1992.
- GARFIELD, S. Issues and Methods in Psychotherapy Process Research. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 58 (3): 273-280, 1990.
- GAYLIN, N. Family-centered Therapy. In LIETAER, ROMBAUTS & VAN BALEN (eds) **Client-Centered and Experimental Psychotherapies in the nineties.** Leuven, Leuven University Press, 1990.
- GIORGI, A. Sketch of a Psychological Phenomenological Method. In _____. **Phenomenology and Psychological Research.** Pittsburg, Duquesne University Press, 1985.
- GOLDBERG, J. P. O Exorcista do Amor. **Revista IstoÉ**, 1370: 5-7, 8/01/96.
- GORDON, T. A Theory of Healthy Relationships and a Program of Parent Effectiveness Training. In HART & TOULINSON. **New Directions on Client-Centered Therapy.** Boston, Houghton Mifflin-Company, 1970.
- GUERNEY, M. & GUERNEY, Jr. Child Relationship - Enhancement: Family Therapy and Parent Education. **Person-Centered Review**, 4(3): 344-357, 1989.
- HEATHERINGTON, L. & FRIEDLANDER, M. Complementarity and Symmetry in Family Therapy Communication. **Journal of Counseling Psychology**, 37(3): 261-268,1990.

- HENRY, W., STRUPP, H. & SCHATCH, T. Patient and Therapist Introject Interpersonal Process, and Differential Psychotherapy Outcome. **Journal of Counseling and Clinical Psychology**, 58(6): 768-774, 1990.
- HEPPNER, P., HEDGESPETH, J. & ROSENBERG, J. Three Methods in Mensuring the Therapeutic Process: Clients' and Counselours' Construtions of the Therapeutic Process Versus Actual Therapeutic Events. **Journal of Counseling Psychology**, 39(1): 20-31, 1992.
- HILL, C. Exploratory In - Session Process Research in Individual Psychotherapy: A Review. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 58(3): 288-294, 1990.
- _____ & CORBETT, M. A Perspective on the History of Process and Outcome Research in Counseling Psychology. **Journal of Counseling Psychology**, 40(1): 3-24, 1993.
- JOHNSON, S. M. & GRINBERG, L. S. Relating Process to Outcome in Marital Therapy. **Journal of Marital and Family Therapy**, 14(2):175-183, 1988.
- LEVANT, R. F. Client-Centered Skills - Training Programs for the Family: A Review of the Literature. **The Counseling Psychologist**, 11(3): 29-46, 1983.
- LAMANNO, V .L. C. Casamento e Divórcio: Um estado mental. In PORCHAT, I. (org) **Amor, Casamento e Separação - A Falência de um Mito** . São Paulo, Brasiliense, 1992.
- MACFARLANE, A. **História do Casamento e do Amor**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- MAHRER, A. Discovery-Oriented Psuchotherapy Research. Rationale, Aims and Methods. **American Psychologist**, 43(9): 694-702, 1988.
- MARTINS, J & BICUDO, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos**. São Paulo, Editora Moraes, 1989.
- MATOS, D. M. S. **A experiência de Ser Pai de Uma Mulher**. São Paulo, 1995. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia - USP.
- MOON, S., DILLON, D. & SPRENKLE, D. Family and qualitative Research. **Journal of Marital and Family Therapy**, 16: 357-373, 1990.
- MUCHIELI, A. **Les Méthodes Qualitatives**. Paris, Presses Universitaires de France, 1991.

- MUSZKAT, M. Descasamento: A Falência de um Ideal. In PORCHAT, I. (org) **Amor, Casamento e Separação - A Falência de um Mito**. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- O'LEARY, C. J. The Person-Centered Approach and Family Therapy. A Dialogue Between Two Traditions. **Person-Centered Review**, 4(3): 308-323, 1989.
- PORCHAT, I. (org.) Pensando a dor da Separação Conjugal. In _____ **Amor, Casamento e Separação- A Falência de um Mito**. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- QUINTEIRO, M. C. **União Conjugal: A Grande Busca**. São Paulo, 1993. Tese de Doutorado. USP.
- ROGERS, C. R. (1951) **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- _____. (1955) Persons or Science? A Philosophical Question. *The American Psychology*. 10(7): 267-278. E traduzido in WOOD, J. K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Espírito Santo, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.
- _____. (1957) The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change. **Journal of Consulting Psychology**, 21(2):95-103. E traduzido in WOOD, J. K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Espírito Santo, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.
- _____. (1961) The Process Equation of Psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy*, 15(1): 27-45. E traduzido in WOOD, J. K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Espírito Santo, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.
- _____. (1961) **Tornar-se Pessoa**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- _____. (1970) **Grupos de Encontro**. São Paulo, Martins Fontes, 1987a.
- _____. (1972) **Novas formas do Amor. O casamento e suas alternativas**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1987b.
- _____. (1980) **Um jeito de Ser**. São Paulo, EPU, 1983.
- ROSEMBERG, R. L. Indivíduo, Família e Casamento. **Psicologia Atual**, 34:11-13 set/out 1983.

- _____. O Casamento não é mais Aquele. **Viver. Revista de Psicologia**, 2(16): 11-13, 1986.
- SAMARA, E. M. Tendências Atuais da História da Família no Brasil. In ALMEIDA, A. (org) **Pensando a Família no Brasil**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987.
- SARTI, C. Contribuições da Antropologia para o Estudo da Família. **Psicologia USP**, 3 (1/2): 69-76, 1992.
- SHOHAM-SALOMON, V. Interrelating Research Process of Process Research. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 58(3): 295-303, 1990.
- SNYDER, M. The Relationship Enhancement Model of Couple - Therapy: An Integration of Couple-Therapy: An Integration of Rogers and Bateson. **Person-Centered Review**, 4(3): 358-383, 1989.
- SPIEGELBERG, H. **Phenomenology in Psychology and Psychiatry. A Historical Introduction**. Evanston: Northwestern University Press, 1972.
- STACEY, J. Backward toward the Postmodern Family: Reflections on Gender, Kinship, and Class in the Silicon Valley. In THORNE, B. & YALOM, M. **Rethinking the Family**. Boston, Northeastern University Press, 1992.
- STEVENSON, C. Combining Quantitative and Qualitative Methods in Evaluating a Course of Family Therapy. **Journal of Family Therapy**, 15: 205-224, 1993.
- THORNE, B. Feminism and the Family: Two Decades of Thought. In _____. **Rethinking the Family**. Boston, Northeastern University Press, 1992.
- VAITSMAN, J. **Flexíveis e Plurais - Identidade, Casamento e Famílias em Circunstâncias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- VAN DER VEEN, et al. Relationships between the parents' concept of family and the family adjustment. **American Journal of Orthopsychiatry**, 34: 45-55, 1964.
- YAMAMOTO, K. Estudo do Método e Resultados da Psicoterapia Preventiva da Família. São Paulo, 1990. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia USP.
- WARNER, M.S. Empathy and Strategy in the Family System. **Person-Centered Review**, 4(3): 324-343, 1989.

WOOD, J.K. et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. Espírito Santo, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.

_____. Person-Centered Approach: Toward an Understanding of its implications. **Person-Centered Journal**, 1995.

VI -ANEXOS

ANEXO Nº 1

AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA: (preenchida separadamente por cada um dos cônjuges).

Nome da Psicóloga

Psicóloga CRP:

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a utilização de dados do processo psicoterápico vivenciado no período de à , com a psicóloga
- para fins de pesquisa. Sabendo que serão tomadas as precauções para que não haja identificação das pessoas envolvidas.

NOME:

R.G.

Nome da Psicóloga

CRP:

R.G.:

ANEXO Nº 2**ANEXOS DO CASAL PEDRO E LURDES**

As VSs do casal foram escritas por ambos os cônjuges. As frases entre colchetes serviam para complementar o sentido da VS.

1ª SESSÃO

VS DE LURDES

Eu vim para ajudar meu filho, e descobri que posso ser ajudada também.

VS DE PEDRO

No sentido de melhorar o jeito de ser do meu filho Gabriel, também tivemos algumas orientações.

VS DA TERAPEUTA

Me parece que não há espaço para eles, como casal: tudo que falam é em função do filho que parece também servir para que eles pais não se aproximem enquanto casal.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Relatam que procuraram atendimento para o filho, porque ele é muito desobediente e tem brincadeiras perigosas. Eles foram encaminhados para terapia de casal pela psicóloga que fez o psicodiagnóstico da criança.

2ª SESSÃO

VS DE LURDES

Hoje eu saio daqui muito incomodada, pois o assunto não estava aonde eu quis chegar. Eu não quero saber o problema dos outros, mas sim os meus que não são poucos.

VS DE PEDRO

O assunto do problema do meu pai também faz parte da nossa conversa, pois é o acontecimento do dia-a-dia.

VS DA TERAPEUTA

Há tanta confusão com antecedentes familiares misturados na atual família, que fica difícil discernir este relacionamento atual. E entre eles um não ouve os sentimentos do outro e também não fala dos próprios.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Moram num porção da casa do pai de Pedro: já moraram separados da família dele, mas ele não quer sair desta casa para não facilitar a vida do pai e para que este não doe à atual mulher parte do que era da mãe de Pedro, que já faleceu.

3ª SESSÃO

VS DE LURDES

Hoje meu assunto foi mais aproveitável, pois falou da minha vida, do meu interesse. [Falou mais sobre o filho e pôde dizer algumas de suas qualidades].

VS DE PEDRO

O Gabriel, apesar de não ser obediente, é muito esperto.

VS DA TERAPEUTA

Por meio do filho e da relação que mantém com ele, podem ir se ouvindo mais, nas suas coisas e histórias, isto é, podem até vir a falar do casal que formam, do que fazem de sua vida. Tudo isto por meio da percepção que vão tendo do filho e da relação que mantêm com ele.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Pedro leva o filho para a escola logo cedo e volta para casa para estudar - faz supletivo - e pega o filho na escola antes de ir trabalhar. Diz que quando a criança está em casa o atrapalha nos estudos. Neste período da manhã também não conversa com a esposa que o acha muito "seco". Percebem que este clima é ruim para eles e para a criança.

4ª SESSÃO

VS DE LURDES

Hoje o assunto foi legal, estou resolvendo o problema do Gabriel que não era bicho de sete cabeças.

VS DE PEDRO

As opiniões minha e de minha mulher às vezes são contraditórias fazendo que o Gabriel fique confuso, e perdido nas suas brincadeiras.

VS DA TERAPEUTA

Ela tem tido mais insights sobre a relação que mantém com o filho: "Acho que somos nós que enlouquecemos o Gabriel" (sic). Ele faz colocações sobre o filho como um peso grande a ser carregado.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Relatam as desobediências de Gabriel percebendo o quanto contribuem com isso: ou porque ameaçam e não cumprem ou porque se repetem muito.

5ª SESSÃO

VS DE LURDES

Eu acho que se todos os seres humanos tivessem o que fazer, não haveria tanta discórdia de uns com os outros.

VS DE PEDRO

Conversamos um pouco sobre marido e mulher, existe alguma coisa que pode ser mudada.

VS DA TERAPEUTA

O casal, a vida a dois, está surgindo nas sessões; parece que as coisas com o filho estão mais calmas, então podem tentar começar a falar deles.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela pela primeira vez se queixou que o marido não a trata tão bem, que o filho vê isto e que talvez seja o que o motive a desrespeitá-los, uma vez que fora de casa respeita todos. Ela também fala do ressentimento para com a família dele, que sempre a maltratou.

6ª SESSÃO**VS DE LURDES**

Não devemos exigir de nossos filhos o que eles não conseguem nos dar. Devemos esperar o tempo se encarregar um pouco disso.

VS DE PEDRO

O Gabriel às vezes é um obstáculo, mas temos que rever nosso jeito de agir e pensarmos um pouco sobre nós. Fazendo isto é bom para todos.

VS DA TERAPEUTA

É realmente difícil falar do casal, pois mal começam a falar de si e já entram no assunto das desobediências do filho. Ao final, percebem que são eles que não entram em acordo em como educá-lo.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles têm muito medo de arriscar e "soltar" o filho, temem pelo futuro dele e acham que soltando-o ele vai virar vagabundo.

7ª SESSÃO**VS DE LURDES**

A esperança é a última que morre. A vida não é um bicho de sete cabeças. Com concordância, tudo se resolve.

VS DE PEDRO

A idéia da aula de hoje é que temos que ter um espaço mais amplo para com o Gabriel. Isso faz com que o mesmo melhore o seu relacionamento.

VS DA TERAPEUTA

Há uma maior tranquilidade para lidar com o filho, e este também parece estar mais tranqüilo. Mas, continuo com a sensação de que falando do filho, "escapam" de se verem como casal.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Contaram como se casaram. Ela grávida, a mãe a forçou. Ele achando que já estava na idade de se casar. Atualmente ela está grávida e não querem uma filha porque "dá mais trabalho que menino". Ele se mostra mais próximo ao filho.

8ª SESSÃO

VS DE LURDES

Não há coisa melhor do que ter o que é da gente.

VS DE PEDRO

O problema de que falamos hoje é sobre a atitude do meu pai que também influi na vida de casal.

VS DA TERAPEUTA

Pôde-se falar de assuntos outros que não o filho. Pedro ainda se encontra muito ligado à sua mãe, embora esta já tenha morrido, e a faz sutilmente "presente" entre ele e a esposa. Puderam perceber o quanto algo não concreto também pode estar atrapalhando.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles moram na casa que fica junto à casa do pai de Pedro. A casa está ficando pequena para eles, mas ele se recusa a sair porque teme que seu pai ao vender todas as casas, doe uma parte à atual esposa. Pedro não concorda que parte do que sua mãe conquistou vá para sua madrasta.

9ª SESSÃO

VS DE LURDES

Quando a mente não pensa, o corpo padece.

VS DE PEDRO

A discordância entre duas pessoas, às vezes, atrapalha um relacionamento.

VS DA TERAPEUTA

Desentendimento. Confusão. Falta de acordo. Eles não se entendem no modo como vêem as coisas. Um acha que a forma de perceber do outro está sempre errada. Não há meio termo, apenas raiva.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles não têm idéias iguais; ela fica com muita raiva, mas acha impossível mudar. Ele não muda a situação, então não resta para ela nada a fazer a não ser se conformar; mas ela guarda raiva pela situação. Ele também não concorda com ela, mas não fala muito; é como se as coisas fossem assim e ponto final.

10ª SESSÃO

VS DE LURDES

Hoje para mim foi muito agradável, falamos de tudo um pouco: do Gabriel, do meu marido e do parto.

VS DE PEDRO

Hoje foi conversado sobre algumas coisas que têm a ver com o Gabriel e seus pais.

VS DA TERAPEUTA

Explorar medos, fantasias e estilos. Os receios dela quanto ao parto, à saúde do filho que vai nascer, às emoções que tudo isso provoca e o quanto ela não gosta de se "misturar" a estes sentimentos. O filho reflete o estilo desconfiado e racional dos pais.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela conta que mente para o filho fazer as coisas, e que ele não come na escola por nojo dos talheres; ela também é assim e reconhece isso no final da sessão. Ela e o marido são muito desconfiados e o filho é igual.

11ª SESSÃO

VS DE LURDES

O que não tem remédio, remediado está.

VS DE PEDRO

Deixar o Gabriel à vontade tem feito resultado, mas ainda tem que ter algumas mudanças. Isto fará bem para ambas as partes.

VS DA TERAPEUTA

Há entre eles e o filho uma competição: se fizerem as coisas do jeito do filho, levando-o em consideração, acham que esse filho sairá vencedor e vai ficar mal acostumado. Se fazem do jeito deles é porque é assim que deve ser. Não há a crença de que as coisas podem se encaixar de um jeito mais natural, só pela força se encaixam.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Contam como batem no filho: usam mangueira para bater mas, na maioria das vezes, para ameaçá-lo.

12ª SESSÃO

VS DE LURDES

Ontem, hoje e amanhã sempre será um novo dia. Alegrias, tristezas e dificuldades sempre terá.

VS DE PEDRO

Na nossa conversa destes três meses teve alguma repercussão sendo que mudou alguma coisa no sentido de melhoria e também nas atitudes houve alguma melhora, espero ainda mais.

VS DA TERAPEUTA

Acredito que vocês puderam usufruir destes atendimentos e puderam mudar aspectos da conduta enquanto pais. Acredito que houve um tempo pequeno para que pudesse surgir mais do casal. É como se precisassem ter antes esgotado tudo do filho para depois chegar somente a vocês.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela admite que o filho mudou porque eles mudaram um pouco. Diz que o filho está mais tranquilo porque ela não fala a mesma coisa inúmeras vezes para ele. O marido também percebe essas mudanças, mas sempre enfatiza o fato de ficar muito pouco tempo com o filho.

ANEXOS Nº 3**ANEXOS DO CASAL CLAUDIO E MARIA**

As VSs do casal foram escritas. As frases entre colchetes serviam para complementar o sentido das VSs.

1ª SESSÃO

VS DE MARIA

Como 1ª sessão acho que foi muito válida. Gostaria de ter tido mais tempo para falar mais. Algumas vezes me senti reprimida pelas colocações do Claudio. Deu-me a impressão de que ele era sempre o legal e eu a maldosa do casal. Mas tive vontade de continuar o processo. Acho que vai valer a pena.

VS DE CLAUDIO

Acho que vim buscar o entendimento das minhas atitudes e sentimentos, bem como me fazer entender e entender a forma como ela interagiu na vida.

VS DA TERAPEUTA

Me colocaram como juiz. Quando o entendo mais, acho-o mais certo, quando a entendo mais, acho-a mais certa. Não quero ser juiz da confusão deles. Me parecem formar um casal unido que não se une e um casal separado que não se separa.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Os dois reclamam de não serem ouvidos nem compreendidos um pelo outro. A união parece impossível.

Com tantas queixas e reclamações não se separam definitivamente.

O silêncio dela é percebido por ele como indiferença quanto ao futuro da relação.

2ª SESSÃO

VS DE MARIA

Em alguns momentos me senti ainda oprimida, mas em relação à sessão anterior consegui me soltar mais e falar mais sinceramente.

VS DE CLAUDIO

[Existe um] algoz [e existe uma] vítima.

VS DA TERAPEUTA

Me sinto mais inteira de poder ao final da sessão ver o que havia de comum, ou de elo. E que esse meu movimento -de busca do comum - também é de vocês. Vocês não estariam aqui se não houvesse algo de comum a ser resgatado, mesmo que não seja para ser re-unido.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Há uma grande confusão na relação deles entre ficarem juntos e ficarem separados: porque não se separam definitivamente. Ele não arruma outra mulher e os namoros dela não passam de namoro. Parece que o que os une não os separa.

3ª SESSÃO

VS DE MARIA

Pontos a serem retomados:

- onde foi que quebramos o pacto
- auto-estima
- relação de posse/fixação

VS DE CLAUDIO

O lado feminino que existe dentro de mim parece tomar conta das minhas decisões

VS DA TERAPEUTA

Confusão.

Parece que realmente não dá para vocês ficarem juntos.

Ele quer resolver tudo logo.

A indefinição dela o agride.

Antes da relação, do conjunto dos dois, há duas pessoas em separado, que precisam ser ouvidas enquanto únicas, sozinhas.

Tem-se aberto esse espaço e parece que está ficando um pouquinho mais fácil para cada um ouvir o outro, no que não diz respeito diretamente à relação.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Há uma dificuldade em cada um falar de si. Quando um diz como é, o que sente, isto é ouvido pelo outro como agressão. Um fica tentando mudar o outro. Ele mais, ela diz já ter desistido.

4ª SESSÃO

VS DE MARIA

Dificuldade de me fazer entender por ele. Tem horas que tenho vontade de desistir. Mas, felizmente, nas últimas sessões e nessa em especial, ao final ainda sinto que há uma ponta de esperança. Continuo achando importante a auto-estima.

VS DE CLAUDIO

Às vezes me senti com vontade de abandonar tudo. Porém repito os mesmos movimentos. Será com ela ou com outra qualquer.

VS DA TERAPEUTA

Ir às faltas de cada um, às falhas que cada um tem e a não aceitação delas.

Vocês trocaram não só de lugar onde se sentam na sessão, mas deixaram de falar do que gostariam que o outro fizesse para ter de encarar o que o outro não pode fazer.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ocuparam na sala um local diferente dos anteriores.

Substituíram a verbalização de queixas e reclamações por um enfrentamento de "falhas" próprias e do outro.

5ª SESSÃO**VS DE MARIA**

Começo da sessão = difícil...

Fim da sessão = Ufa! Que alívio!

Até que enfim ele entendeu uma parte das coisas! E eu também!!

Acho que é um ótimo começo !!

VS DE CLAUDIO

Será que ela é tudo aquilo que eu um dia aboli do meu ser, e hoje vejo-me obrigado a aceitar que deveria ter feito?

VS DA TERAPEUTA

Esta sessão foi extremamente importante, pudemos nos falar mais. Da "falação" teórica que em muitos momentos não me parecia levar a nada; levou a um insight de percepção de Claudio, isto é, levou à um aprofundamento, talvez à outro nível de relação de vocês e nossa - dos três na sessão.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

A sessão passou de uma inicial conversa "teórica" para um momento mais experiencial. Este "teórico" cansava a terapeuta.

Claudio percebe que não gosta de se impor, o que Maria faz sem problemas.

6ª SESSÃO**VS DE MARIA**

-Expectativas

-Ansiedade de "resolução"

-Velhice??

-Sufoco. Quero resolver com calma e com certeza.

VS DE CLAUDIO

O tempo me é precioso. Quero resolver e ser feliz agora.

VS DA TERAPEUTA

Uma repetição sem fim de tudo que fazem lá fora, sempre imperando o não ter saída para a relação. Então por que não terminam? Porque há algo a resgatar. Da sessão de hoje pode-se dizer que parte do que há para ser resgatado é a participação de Maria na relação e na terapia.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele diz que sente que só ele é o cliente; "ela vem trazê-lo para a terapia". Ela, ao ouvir isto, diz que percebe que tem participado pouco na sessão e na relação, e isto porque tem estado "desistente", diz que tudo que fala não é ouvido então tem ficado calada. A relação que se estabelece na sessão tem a mesma dinâmica da relação que vivem lá fora: um não ouve o outro. Mas nesta sessão acho que, de alguma forma me viram presente - nem que seja sendo terapeuta só de um - talvez isso mude algo.

Às vezes me parece que eles têm medo de se separar, por isso estão juntos. O medo dele me parece maior.

7ª SESSÃO

VS DE MARIA

Acho que é a primeira vez que me abro sobre minhas coisas. Apesar de ter me sentido um pouco culpada, por falar coisas ruins a meu próprio respeito, tenho a sensação de que foi bom porque imagino que facilitou ao Claudio - mesmo que inconscientemente - mostrar um lado dele que eu nunca via na terapia. Era como se esse lado só existisse em minha mente, e às vezes criava dúvidas.

VS DE CLAUDIO

- Não suporto a sensação de estar causando pena, dó.
- Desejo expressar-me com lógica, para ter um futuro mais tranquilo.
- Acho que odeio a mulher.
- Acho que a amo também.

VS DA TERAPEUTA

O sentido dessa sessão foi para mim o de uma guinada no processo. Foi sair da relação para ir ao individual, ao eu de cada um e ter como resultado que esse é o momento em que mais se falou da relação, dos dois.

Me faz lembrar disto : "O que há de mais individual é o que há de mais comum" ou quanto mais se caminha para o interior de seu próprio eu, mais se chega ao outro. E isto nesta relação talvez tenha o efeito de os desnudar, um para o outro; de os expor como realmente são; de sair do plano das queixas sem solução.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Falaram da imagem interna que têm a respeito do sexo oposto; e constataram que essas imagens individuais estão presentes na relação.

Ele fala muito mais da sua imagem de mulher.

8ª SESSÃO

VS DE MARIA

- Nó na garganta, vontade de chorar, raiva = Descrição do início da sessão.
- Mais calma e tranqüila com muitas coisas ainda por dizer, mas com certo receio de me expor = Descrição do fim da sessão.

VS DE CLAUDIO

Abrir as portas. Baixar as barreiras. Ver e deixar ser visto. Acho que é esta a minha proposta.

Desejo e concordo em ouvir e ceder, porém espero o mesmo da parte dela.

VS DA TERAPEUTA

São tentadas mudanças em nível de comportamento, mas elas não surtem efeito porque não levam em consideração o sentimento. Vocês na verdade conhecem muito pouco um do outro, não sabendo o que se passa no interior de cada um. Espero que estas mudanças atinjam o interno...

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele passa a ser mais duro, nega-se a falar com ela, quando ela lhe telefona e pede para ele ir até lá. Só que faz isso num momento em que ela precisava muito falar com ele. Ele sente que ela se arrependeu de tê-lo liberado na sessão passada a fazer coisas sem ela e, por isso, ela lhe telefonou mais vezes, mas ele mesmo não tendo gostado de ter sido liberado, não aproveitou essa volta atrás dela.

9ª SESSÃO

VS DE MARIA

Falei bastante!

Gostaria que esta situação - poder falar sem criticar e interromper o tempo todo - pudesse ocorrer mais vezes.

VS DE CLAUDIO

O individual dela me causa grandes preocupações. Tenho a impressão de enxergar onde estão "as causas" dos sofrimentos dela, e fico aflito em querer ajudá-la.

VS DA TERAPEUTA

Sentido de um grande aprofundamento, as coisas faladas foram muito além da superfície. Ele pode ouvir mais a ela e, que bom! ela enfim também pode falar mais de si. Embora ao final eu perceba que ele enfatiza as percepções dela, meio como que realçando-as como "falhas" dela.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele ao final da sessão olha para o relógio e diz "passamos da hora". Eles sempre passam uns minutos da hora, mas como hoje ele falou menos, terá se cansado mais?!

Ela falou de coisas íntimas, de suas escolhas de homem e de trabalho e da relação com os pais.

10ª SESSÃO

VS DE MARIA

[Os sentimentos presentes são] raiva, mágoa, carência e carinho. [Acho que] temos que esgotar o assunto raivas e mágoas para recomeçar a relação. Ambos temos raivas/mágoas um do outro.

VS DE CLAUDIO

Acho que o próximo passo é externar de vez as antigas raivas, ou as atuais. Parece que sem externá-las, meu horizonte não mudará.

VS DA TERAPEUTA

Eles parecem precisar se conhecer de novo, parecem não saber mais o que o outro quer, o que agrada ao outro. O que piora esta situação é o fato de que nenhum dos dois pede ao outro o que gostaria de pedir - ele pede menos. Me parecem também terem medo de receber, porque desvalorizam o que pedem,

VS DE CLAUDIO

Criar humildade em aceitar o pouco.

Criar humildade em ver somente o que sou. Ter somente aquilo que mereço.

VS DA TERAPEUTA

Calmaria. Hoje navegamos por ondas bravas, mas em calma. Ele retomou conteúdos da sessão passada e diz que tem coisas que têm feito eco para ele, têm provocado sensações. Acredito que como ele está se ouvindo mais, está também podendo ouvi-la melhor, não há brigas.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eu achava que eles tinham medo de se separar, hoje o medo parece ser o de se unir. Concordaram com isso. Ele acha que ela não o valoriza. Coloco que os dois parecem não valorizar um ao outro, perceber que está com alguém legal, também porque não se autovalorizam. Ele dá um retorno da importância da terapia: "as coisas não entram por um ouvido e saem pelo outro, as coisas são ouvidas e escarafunchadas". Eu sinto que ele realmente entrou num processo de terapia e sinto que tem crescido com isso e se defrontado com as dores desse processo.

13ª SESSÃO**VS DE MARIA**

- Voltar a discutir "certo e errado"

- "Abaixar as guardas"

VS DE CLAUDIO

Credibilidade - Risco - Confiança

VS DA TERAPEUTA

Desnudamento, brigas, mágoas e ressentimentos.

Impera quem está certo ou quem está errado. Ambos querem vencer, querem ter uma relação "ideal", e hoje puderam se confrontar com a idéia da relação que é possível ou não, mas jamais a ideal. Foi um forçado abrir mão do ideal ou abrir mão da relação.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles brigam por causa de dinheiro. Eles têm um acordo de que ela dá uma quantia de dinheiro por mês para ele, por conta de estar ele morando num apartamento mais dispendioso, para qual se mudariam quando casassem. Como isto não ocorreu, ele acabou ficando só no apartamento.

O dinheiro aparece como um reflexo, e é por meio dele que se permitem brigar.

14ª SESSÃO

VS DE MARIA

Às vezes eu tenho muita raiva, porque parece que eu falo grego. Tenho vontade de sair fazendo uma pesquisa com outras pessoas, só para confirmar ou desconfirmar o que eu falei. Me fica a sensação de que eu estou completamente maluca.

Talvez seja realmente melhor separar, mesmo que o que eu realmente queria no início era ficar com ele !!

VS DE CLAUDIO

Decisão. Ter que tomar uma decisão individual, não coletiva, traz-me medo, confusão e vontade de desistir.

VS DA TERAPEUTA

Vocês chegaram ao fim da relação... e da terapia. Também me sinto um pouco como vocês: um pouco impotente.

Mas, como nenhum de vocês veio ao mundo para viver de acordo com as expectativas do outro e por acaso não se encontraram, então não restou nada a ser feito.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele inicia a sessão fazendo um histórico desde que a conheceu e termina esse histórico dizendo que não dá mais para continuar, que é horrível ele estar sem ela, mas vai ser melhor, porque ele não agüenta pedir, não agüenta ser desvalorizado.

Ele me parece bem decidido e em alguns momentos achei que poderia estar realmente entendendo que espera de Maria algo que não é o estilo dela, e que se separava pelas suas necessidades não estarem sendo iguais as dela. Mas, percebi que no fundo ele se sente lesado, acha que termina por causa dela, e ela não faz quando "poderia fazer, se gostasse dele".

Ela me parece chocada, mas tenta não demonstrar e parece que fica mais brava com o fato de ele a acusar do que por ele estar rompendo a relação.

15ª SESSÃO

VS DE MARIA

Alívio! Sensação de alívio, parece que finalmente ele (ou eu) entendeu! Acho importante voltar a questão da decisão dele. E achei legal a colocação sobre os patamares diferentes em que estamos na resolução do problema. E ficou pra mim dessa sessão pensar um pouco mais sobre a minha "auto-defesa".

VS DE CLAUDIO

Sinto que tenho muitas qualidades. Qualidades que conceituo como boas para alguém. Minha dificuldade é não deixar que as qualidades conceituais do outro sobreponham-se às minhas. Desejo me entender com esta dificuldade, buscando os comos de minha baixa auto-estima, para viver mais tranqüilo.

VS DA TERAPEUTA

No primeiro momento uma surpresa, da separação da semana passada vocês voltam unidos. Para vocês ficarem juntos não é bom, mas é muito pior ficarem sozinhos. Ela topa ficar junto assim. Ele fica na dúvida: ficar com ela e ela não o satisfazer? ou ficar sem ela e solitário? De novo acho que o medo é de se unirem. De assumirem uma relação da qual necessitam, mas que não satisfaz plenamente.

Acho que nesta sessão respondi mais ao casal.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Para ele a terapia não resolve, porque não muda a Maria, para ficar do jeito que ele gostaria. Ela fala o quanto têm se ouvido mais e ele fala de questões que são mais pessoais dele. Me parece que há mais casal, uma vez que os aspectos individuais de cada um têm ficado mais reconhecidos.

16ª SESSÃO

VS DE MARIA

O ponto que ficou importante para mim da sessão de hoje é como quebrar este círculo vicioso, esta barreira defensiva que ambos temos. Talvez antes de responder à pergunta acima, seja tentar ser o mais honesto possível - comigo mesma e também com Claudio - e dizer se queremos mesmo ficar com o outro!

VS DE CLAUDIO

Acho que adquirir comportamentos efetivos de defesa, pela osmose da relação. Creio ser importante também o porque deste processo. Acho que tem a ver com minha auto-estima.

Se dá certo com ela...

VS DA TERAPEUTA

Na minha frente havia um casal, talvez pela primeira vez!

Um casal que não se mistura, são como água e óleo querendo provar que água é melhor que óleo e vice-versa. A novidade do dia é vocês poderem constatar que não se misturam e ficar impregnados por esta idéia, sem querer explicá-la, assim como explicam que a água é importante, por isso e isso, e que o óleo é importante por isso e isso.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Pela primeira vez foram sentidos como casal porque trouxeram questões que podem ser vistas e analisadas a dois: questões de casal.

17ª SESSÃO

VS DE MARIA

Às vezes ainda tenho a sensação de [que ele está num] pedestal, sinto medo de falar sobre coisas dele que me incomodam, porque parece que ele nunca vai mudar. A sensação é de que falta tão pouco para resolver [a relação], mas este pouco é o mais difícil.

VS DE CLAUDIO

Tentarei aprender a contribuir de uma forma amena, eu tentarei deixar que ela aprenda sozinha. Deixar de emanar uma visão que soa como desperdício. O meu tempo e espaço e o dela.

VS DA TERAPEUTA

A novidade da escuta. Acho que vocês estão se escutando de uma forma diferente, melhor, especialmente Claudio. Acho que tem ouvido melhor, se sentido menos acusado por ela.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela disse que tinha coisas para falar, mas que tinha medo de falar e ele romper a relação, então ele opta por deixar a relação assim mesmo, ruim. Embora durante a sessão esse padrão tenha mudado e ela tenha falado mais das coisas de que não gosta nele.

18ª SESSÃO**VS DE MARIA**

Sair da teoria para a prática. Pra mim fica a sensação de que se está perto de uma decisão. Ou se segue em frente ou se separa de uma vez. Claudio parece estar mais flexível na sessão de hoje.

VS DE CLAUDIO

É muito evidente o medo de encarar a suposição de um casamento, como também é evidente que eu desejo dar um passo.

VS DA TERAPEUTA

Casamento à vista! Para mim só resta o casamento para vocês, a convivência diária, e me parece que vocês estão tranquilos para fazê-lo.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles se percebem como sendo muito teóricos, não partem para a prática. Ele reconhece que optou sempre mais pelos filhos e pouco por ele. Agora me parece pensando mais nele, tem colocado limites aos filhos.

19ª SESSÃO**VS DE MARIA**

Voltar a ponto de sair da teoria para a realidade!
Discutir novamente a necessidade de abordar temas como o dinheiro, organização da vida, trabalho, etc, na prática. E fechar acordos sobre estes pontos. A sensação é de que enquanto não tivermos "acordos", a gente não decolará.

VS DE CLAUDIO

A arte do convencimento é a minha maneira de expor meus sentimentos. Torno-os frios e alheios pra que eu mesmo sinta compaixão daquilo que tolero. É como me dar valor por algo que gostaria que fosse valorizado pelo outro.

VS DA TERAPEUTA

Acho que vocês têm um "potencial" para estarem juntos, mas ainda há muitos medos e um deles parece ser o de não saber lidar um com o outro quando um ou o outro ergue a barreira da defesa; a relação desanda e não mais se unem.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Achei interessante ela, ao iniciar a redação da VS, dizer que não sabia o que escrever e brincar com ele dizendo "vamos fazer em parceria".

20ª SESSÃO**VS DE MARIA**

Parece que estamos na "reta final" da corrida. Esta sensação é cada vez mais presente. Só falta, na minha opinião, agir.

Gostaria de que o Claudio realmente fizesse terapia, acho que também ajuda, assim como eu concordo que preciso me defender menos.

VS DE CLAUDIO

"... eu não causo mal nenhum a não ser a mim mesmo, a não ser a mim" .

Lobão.

VS DA TERAPEUTA

Primeiro, eu estou um pouco cansada de vocês, ou como o próprio Claudio falou, do vício que há na relação. Sinto que eu tenho que estar alerta para não me contaminar com o vício de vocês e para não tornar a terapia parte de um ritual obsessivo de vocês. Só não entrando nisso é que posso talvez ajudá-los. Alguém precisa quebrar ou não perpetuar o círculo vicioso e me ocorre que uma forma de fazer isto seja admitir a essência "louca" que há nas relações, talvez seja pontuar as diferenças e abrir espaço para que elas existam. Não há mesmo muita igualdade nas relações.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles se queixam de que na terapia fica tudo muito teórico porque não põem nada em prática.

Estão falando mais entre eles na terapia. Sinto que Claudio está num processo intenso de busca de sua essência, (este não é o mesmo movimento de Maria que fica mais na defensiva) e sinto que na terapia de casal não dispõe de toda ajuda de que precisa (terapia individual) e que este não é o mesmo movimento de Maria que fica mais na defensiva.

21ª SESSÃO**VS DE MARIA**

Racionalmente eu acho que a decisão é a mais correta.

Emocionalmente é que é difícil de aceitar - afinal nós tínhamos muita coisa em comum. Mas, como eu sou de curtir a "fossa" até o fim e depois recomeçar, acho que é por aí - VIDA NOVA !

VS DE CLAUDIO

Provérbio chinês:

"Para se percorrer mil KM é necessário dar o primeiro passo".

Estou hesitante, mas acho que dei o primeiro passo.

VS DA TERAPEUTA

A relação parece ter terminado, acho que agora era mesmo a hora de terminar, não era antes e nem depois da hora. Porque pela primeira vez houve uma afirmação, ela se muda de cidade e não quer levá-lo junto.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Sinto-a aliviada de estar rompendo a relação, mas como é um pouco obsessiva carrega o não conformismo de não ter dado certo.

Ele me parece apreensivo de ter de encarar a separação. Mas agora, diferente da outra vez que falaram em se separar, parece não haver culpados, se separam como "adultos".

Ela deve se mudar de cidade e não quer levá-lo junto.

ANEXOS Nº 4**ANEXOS DO CASAL JOÃO E DOROTI**

As VSs do casal foram gravadas, e transcritas na seqüência em que foram gravadas. Da 5ª à 8ª sessão as VSs de Doroti foram escritas. As frases entre parênteses foram perguntas feitas pela terapeuta durante a gravação e as frases entre colchetes serviam para complementar o sentido da VS.

1ª SESSÃO

VS DE JOÃO

O sentido dessa palestra, para mim é uma palestra, foi eu poder desabafar um pouco, falar o que eu estava sentindo sobre a relação com a minha companheira, nosso procedimento, e gostaria que no futuro a gente ainda continuasse tanto no caminho, a gente continuasse a falar tanto coisas boas como também o que houve de ruim, para poder amadurecer um pouco.

VS DE DOROTI

Para mim significou a reunião de hoje, um desabafo, um auto-conhecimento meu, e um conhecimento também do meu companheiro.

VS DA TERAPEUTA

Me parece ter sido criado um espaço onde se podem trabalhar as questões do casal: ele já queria há algum tempo terapia de casal e ela parece bastante disponível.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Há muitas brigas no casamento desde que se casaram, graças aos comportamentos dela.

Ela diz que se casou com ele para mostrar à mãe que iria conseguir um marido e porque também queria sair de casa. Quando ele ficou sabendo disso, já depois de casado, ficou muito bravo. Ele havia se encantado com ela e daí acabou o encantamento (sic).

2ª SESSÃO

VS DE JOÃO

O sentido da sessão de hoje foi proveitoso, porque está havendo um desabafo, jogando fora aquilo que dentro de casa a gente não consegue fazer. Espero que na próxima a gente jogue mais coisas fora ainda.

VS DE DOROTI

Para mim também, hoje eu vim mais com o intuito de desabafar, pôr para fora, porque em casa tenho muito medo de dizer e aqui como tenho orientação eu aproveito aqui para desabafar. Hoje para mim foi como um desabafo.

VS DA TERAPEUTA

Passam uma imagem de "fracos" diante das coisas. São impotentes para colocar limites nos obstáculos e se esforçar em caminhar sozinhos.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Hoje ela diz gostar mais dele, mas há muitas brigas.

Ela não trabalha fora e ele está aposentado, fica em casa e acaba sendo ele quem cuida do filho. As brigas surgem daí, quando o filho era bebê, ela não cuidava dele.

3ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Hoje, o resumo de hoje, eu resumiria em uma palavra só, que é auto-conhecimento tanto meu quanto do meu companheiro.

VS DE JOÃO

Para mim foi importante porque a gente, eu estou conseguindo jogar tudo fora, o que está guardado, né? e para mim está se tornando um alívio.

VS DA TERAPEUTA

Há muita raiva que ainda não foi elaborada. Parecem ter dificuldade em aceitá-la, quando sentem raiva brigam, mas logo passa a briga. É uma briga sem "função" porque não dá escape à raiva [são brigas que ocorrem em casa e que foram relatadas na sessão].

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

As queixas e reclamações que um faz do outro parecem não ter solução.

4ª SESSÃO

VS DE JOÃO

No íntimo meu o que ficou assim desse encontro é atividade, né? porque eu estou parado e isso para mim está sendo um martírio porque eu não sei ficar parado, eu quero ter muita ação, muita atividade, eu quero trabalhar, é isso que está faltando para mim.

VS DE DOROTI

Para mim ficou assim: achei uma solução de como auxiliá-lo nessa fase difícil dele. Se abriu uma luz no fim do túnel para que eu possa facilitar a ele, ajudá-lo nesse momento difícil que ele está passando.

VS DA TERAPEUTA

A profundidade das emoções dos dois parece disfarçada. O que aparece são brigas e entendimentos com cara de "foi de mentirinha". Ao ser apontado isto surgem as insatisfações pessoais e profissionais de cada um.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

O casal não reflete sobre seus problemas, talvez por isso o seu tipo de VS não reflexivo.

5ª SESSÃO

VS DE DOROTI *(vs escrita)*

O dia de hoje foi mais ou menos bom, porque pelo menos o João pode me conhecer melhor. Eu desejo que quando ele conhecer a nova Doroti, ele possa me amar melhor porque eu amo demais mesmo.

VS DE JOÃO

Olha, vou ser franco, para mim foi um saco lembrar o passado e jogar tudo fora, espero superar tudo isso [eu denunciei minha mulher no Juizado de Menores por não cuidar bem do nosso filho, e nesta semana lhe contei que fui eu o denunciador].

VS DA TERAPEUTA

Há mágoas do passado que permeiam a atual relação e que enquanto não puderem ser totalmente colocadas, a relação parece não progredir. Há ainda muita agressão entre eles, ela o acusa do que ele não pode suprir na casa e ele a acusa de que antes não o amava.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele contou para ela durante a semana que havia sido ele o denunciador dela para o Juizado de Menores. Ele, como não está suprindo financeiramente a casa pensou em se separar e levar o filho, assim com um a menos ficaria mais fácil sustentar.

6ª SESSÃO**VS DE DOROTI** *(vs escrita)*

O sentido para mim da reunião de hoje foi muito bom, porque eu aprendi como devo proceder com a educação do meu filho Sérgio. Eu sei que de agora em diante saberei como proceder em relação a ele.

VS DE JOÃO

O encontro de hoje foi bacana, né? porque a gente tocou num assunto muito delicado sobre educação do filho e espero que no próximo encontro a gente termine de concluir como que a gente pode educar melhor o nosso filho, porque ele está desobedecendo à mãe dele. Só obedece a mim, eu não quero isso, quero que ele obedeça os dois.

VS DA TERAPEUTA

Se incomodam pouco com a interferência do filho no casal que formam. Ele parece gostar de acolher o filho - quando este vem para a cama dos dois - sem se importar com a irritação da esposa.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

O filho vai para o quarto dos pais toda noite. Parece se formar um "casal" entre o pai e o filho. O pai se sente feliz do filho querê-lo por perto e também que o filho gosta mais dele do que da mãe. O filho diz para a mãe "o pai é meu". Isso talvez ocorra pela forma como foi criado: a mãe não cuidava muito dele. Hoje ela tem dó de puni-lo assim como diz que sua mãe tinha dó de puni-la.

7ª SESSÃO

VS DE DOROTI *(vs escrita)*

Hoje eu pensei muito no meu comportamento como mãe, que tem muitas coisas para consertar, fiquei muito triste de descobrir que não tenho o amor do meu filho. Já consegui reconquistar mais da metade do amor do meu esposo, agora a próxima etapa é reconquistar o amor do Sérgio. Porque esses dois homens são os mais importantes da minha vida.

Agora o objetivo é conseguir o emprego para ter condições de fazê-los mais felizes.

VS DE JOÃO

Eu estou mais contente agora, porque eu estou me encontrando melhor, né? E aproveitando meu tempo vago para um curso, e eu espero daqui para a frente melhorar mais ainda.

VS DA TERAPEUTA

As coisas parecem estar melhor entre eles. Eles próprios o dizem e isto se reflete no individual de cada um: Ele está fazendo um curso para trabalhar em casa. Teve um bom insight de algo que poderia fazer para ajudá-lo a ter mais dinheiro.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele faz um curso de corte-costura e é bom cozinheiro e dono-de-casa. Ela pode trabalhar fora à vontade, essa inversão não os atrapalha.

8ª SESSÃO

VS DE DOROTI *(vs escrita)*

Foi bom porque o João soube pôr para fora o que está incomodando ele, e principalmente [porque este tema também é] o verdadeiro motivo porque nosso filho está tão incomodado com [o tema da] morte. E [pôde também] descobrir [falar das] causas das mortes dos filhos.

VS DE JOÃO

Foi um saco lembrar o passado, me dói muito por dentro, de eu relembrar. Mas, isso é bom porque eu relembrando o passado posso jogar muitas coisas fora e tenho condições de orientar melhor o meu filho em relação a mim.

VS DA TERAPEUTA

Ele carrega com muita dor a marca da perda de 4 filhos, e principalmente dos dois meninos, ainda bebês. Essa marca faz que ele cobre da esposa um cuidado ao filho e explica por que a criança fala tanto em morte.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele disse que não queria vir hoje, que acha um saco falar do passado, das mortes dos filhos.

Ele também me parece um cliente não empático, por não captar a minha empatia em relação à sua dor.

9ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Hoje para mim o dia foi bastante difícil, bastante pesado. Eu não vim preparada para ouvir metade do que eu ouvi [dele, coisas que não gosta em mim], mas foi bom, eu aprendi que a gente tem que ter mais paciência e ouvir mais o companheiro para poder conhecê-lo melhor, para poder ajudá-lo, para saber como auxiliá-lo, enfim ser melhor esposa, melhor companheira.

VS DE JOÃO

Para mim é aquele negócio que eu ainda não me encontrei ainda, que eu até agora não aceito a situação que está acontecendo comigo, que eu sempre trabalhei e agora estou encostado no INPS e eu por enquanto ainda não consegui aceitar a situação que eu me encontro.

VS DA TERAPEUTA

Me parece que vocês não conseguem lidar com aquilo que não podem resolver logo de imediato. Ele quer resolver logo a situação de não poder trabalhar [procurar bicos] e ela acha que logo vai estar trabalhando e que tudo se resolverá.

Se ele tem um sonho [desejo], ela acha que deve ser realizado logo. O difícil está em aceitar a realidade como ela é e em lidar com a impotência de cada um diante das circunstâncias da vida.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele diz não aceitar o fato de estar vivendo com a metade do dinheiro que poderia viver, se estivesse na ativa, também diz isso em relação aos gastos dela, que ao vê-lo desejar algo, vai e compra e ele é quem tem que pagar.

10ª SESSÃO

VS DE DOROTI

O que me tocou mais hoje, na reunião foi saber que ele está começando a confiar em mim e conseguiu pôr para fora. E pode ter certeza de que não vai ter cobrança em casa não, só vai ter resultado. Eu vou respeitar o jeito que ele é só isso, não vou cobrar nada não.

VS DE JOÃO

Eu continuo, como se diz, aquele quadradão de sempre, tem coisas que eu aceito [e coisas que eu não aceito] e eu espero que ela compreenda isso e que não me cobre nada, que deixe eu ser quadrado mesmo.

VS DA TERAPEUTA

Ele se dizia receoso de falar algumas coisas na sessão e depois ela brigar com ele em casa. Por fim acabou falando algumas coisas nas quais se sente desrespeitado por ela e a vê infantil em termos de manifestações de carinho em público logo após algumas brigas.

Parece ter havido uma mudança de percurso na terapia: do não colocar nada e manter a relação no mal estar ao resolver confrontar a situação.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela parece não ter um grande contato com a realidade. Toma suas fantasias e idéias como reais e age segundo elas, o que o deixa sem entendê-la.

11ª SESSÃO

VS DE JOÃO

Eu estou agora começando a ficar mais contente em vir aqui, porque eu estou quebrando muita barreira, que eu não conseguia quebrar no passado e agora eu já consegui quebrar muitas barreiras no passado e agora estou tendo mais liberdade para conversar para expor, o que se passa dentro da minha casa e comigo mesmo e com ela.

VS DE DOROTI

Hoje valeu só porque agora eu sei onde está a dificuldade, onde eu, como eu devo agir de agora em diante: tentar fugir do meu mundinho, apesar de que eu gosto muito dele.

VS DA TERAPEUTA

Ela parece se "ausentar" do mundo real, é muito sonhadora e tem uma grande dificuldade de lidar com a realidade. Ele tem percebido isto e diz que ela ainda não se encontrou, como ele. Até o filho deles percebe o distanciamento dela que influi na relação no sentido dela não ser capaz de cooperar com a renda familiar.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela parece ouvir o que se fala e responde a isso, mas parece não se misturar, não se envolver com o assunto. Eles têm uma grande dificuldade financeira, e ela desiste logo de tentar trabalhar, ou procura ocupações para as quais não está preparada.

12ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Hoje eu vim aqui mais com o interesse de ouvir mais; hoje eu vim mais para ouvir mais, ver se aprendo mais e falar menos. Ouvir mais (pergunto e do que você ouviu o que mexeu mais com você, o que te ficou?) Ficou que eu tenho de deixar um pouco mais o orgulho de lado, e pensar mais na situação financeira, tá? Deixar não só o orgulho, mas também o sonho de lado, pôr um pouco o pé na terra e pensar nas profissões mais humildes.

VS DE JOÃO

O sentido de hoje para mim foi mais um desabafo. Um desabafo que pode expressar o que eu estou sentindo no momento, o que eu não estou fazendo. Então foi mais como um desabafo mesmo.

VS DA TERAPEUTA

Há uma "evolução" porque podem se falar, isto é, quando um me conta algo, o outro pode entrar no meio e começar a conversar entre eles. É como se pudessem se falar sem intermediários, eu ficando de espectadora.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles me parecem meio crianças no sentido de que não se acham preparados para ir fazendo coisas, parecem ficar esperando um salvador ou então que eles no futuro tenham mais experiência e aí então dêem conta das coisas.

13ª SESSÃO**VS DE JOÃO**

Eu vim para cá hoje, porque estava marcado, porque eu não queria vir não; a minha vontade hoje era ir direto para casa, mas como eu tenho, gosto de honrar meus compromissos, por isso eu vim, senão não teria vindo (o que ficou de hoje para você?). De hoje, primeiro ficou um pouco vago ainda né, tem muitos crescimentos, não da minha parte, faltando, mas por parte da minha companheira; que eu quero que ela se encontre ela mesma, se encontre dentro dela para poder voltar a ser aquela Doroti que eu conheci anos atrás.

VS DE DROTI

Hoje para mim foi difícil, porque mostrou as [minhas] dificuldades [me sentir inferior, me sentir sempre cobrada e não me envolver]. É tudo bem, eu sei quais são as dificuldades, mas ainda estou bastante insegura, com bastante medo...[quero] ver se eu consigo superar tudo.

VS DA TERAPEUTA

Ela falou mais, pôde expor mais suas dificuldades, ele, embora falando que o casamento está melhor, parece ressentido do fato de que na sessão de hoje, ela foi mais o centro das atenções.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela pode falar mais e apontar suas dificuldades, a partir das queixas dele, mas como se cobra muito, sente que todos a estão cobrando também. Ele parece incomodado por ter sido ela o centro das atenções na sessão.

14ª SESSÃO**VS DE JOÃO**

Para mim ficou porque eu pude falar o que eu ...pude dizer, me abrir mesmo, e falar o que eu estou sentindo, o que eu não gosto, o que eu gosto, né? para que ela compreenda melhor. Como das outras vezes eu não me abria, eu falei que estava tudo vago, hoje não, hoje eu disse, eu gostaria... é que o tempo é pouco porque eu tinha mais coisas ainda para falar.

VS DE DROTI

Para mim foi aquilo que eu falei, hoje finalmente eu entendi o que é que eu não entendia. Antes eu ficava na dúvida pensava que queriam mandar em mim, eu entendia tudo errado. Hoje não, hoje eu tô entendendo tudo certo, hoje foi falado o português claro. Valeu hoje.

VS DA TERAPEUTA

A briga que tiveram durante a sessão pôde refletir o confronto dos sonhos dos dois que não têm se realizado. Ela queria um marido provedor financeiro, ele uma esposa mais companheira.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Brigaram na sessão.

Ela considera tudo do ponto de vista de estar sendo cobrada e acusada, reage dizendo que vai se corrigir imediatamente. Ele não agüenta mais o jeito de ser dela, que o ofende, pede desculpas e volta a fazer a mesma ofensa. É como se ela não refletisse. Ele também não agüenta o fato de não poder prover financeiramente a casa, como gostaria. Ela diz que seu sonho é ser apenas dona-de-casa e não quer trabalhar fora, mesmo sabendo que precisa.

15ª SESSÃO**VS DE JOÃO**

Eu estou um pouco frustrado sobre a relação com ela e eu não queria mais ter essas frustrações, queria que ela mudasse. Mas, já mudou, um pouco, mas eu queria que ela mudasse muito mais para não deixar eu frustrado e nem nervoso. Só isso.

VS DE DOROTI

Eu estou confusa, estou muito confusa, muito perdida, eu quero fazer esse homem feliz e esse menino muito mais, porque eu os amo. E eu quero fazê-lo feliz, custe o que custar, e eu vou chegar a esse ponto nem que eu morra. Eu vou fazer de tudo para chegar neste ponto.

VS DA TERAPEUTA

Houve um "mergulho" nas mágoas e rancores presentes na relação.

Ele tem muita raiva dela por ela não o respeitar, não o entender e não o valorizar. Ela tem uma grande dificuldade de autocontrole, estoura fácil, fala coisas das quais se arrepende depois; mas esse seu arrependimento não o convence.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Novamente quase brigaram na sessão. Ele conta tudo o que fez por ela, tratando-a com respeito quando ela não era "mulher de respeito" (sic), mas muito ressentido dela não o valorizar. Ela explica "teatralmente" todos os seus "defeitos", mas não consegue corrigi-los.

16ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Eu senti vontade de contar isso para você por causa da última sessão, em que eu saí daqui dando a entender que eu estava muito deprimida, precisando muito até de uma ajuda de uma auxiliar... extra. Então eu quis vir aqui te contar: olha eu não estou precisando, eu renasci, eu me encontrei, nesse encontro; eu perdi vários medos, eu tô mais confiante em mim, mais confiante no meu companheiro... então é por isso que eu cheguei aqui... tipo assim aquela filha que chega em casa, que quer contar para a mãe como foi o piquenique, o que aconteceu, o que deixou de acontecer. Então para mim foi isso hoje.

VS DE JOÃO

Para mim contar o que se passou foi muito importante: eu estou um pouco assim meio deprimido pela minha doença, né? mas eu sei que eu vou superar isso. E também estou muito satisfeito da minha esposa ter se soltado. Pode ver que até a semana passada ela estava numa redoma de vidro. Ela não aceitava que a gente falasse nada, hoje ela parece uma tagarelinha, fala o que houve: ela mudou. E na verdade ela mudou mesmo. Ela mudou 100% e assim eu espero que ela continue, que ela está dando provas disso, ela está se integrando mais em grupo. Eu sempre lutei para isso e estou vencendo também, que ela consiga, que ela tenha mais participação em grupo.

VS DA TERAPEUTA

Eles vivenciaram uma experiência de grupo que foi extremamente importante para resgatarem sua auto-estima. Me parece também que puderam ir para esta experiência "mais alertas" daquilo que têm sentido como necessário para seus desenvolvimentos.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Participaram de encontro de casais, no qual se sentiram queridos, valorizados e prestigiados pela comunidade. Ela se soltou muito nesse grupo como resposta à sessão anterior, na qual havia sido encaminhada para psicoterapia individual.

Ele tem estado com problemas sérios de saúde o que também a faz ter mais paciência com ele. Ao final ele diz que acham que estão perto do fim da terapia.

17ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Hoje para mim foi muito bom porque eu aprendi como que eu devo agir em relação à educação do meu filho, porque eu estou tendo muita dificuldade em educá-lo, entender os problemas dele; e distinguir o que é amor do que é autoridade. Então eu entendi um pouquinho mais da diferença desses dois, sei que, ainda tenho que me aprofundar nesse tema. Mas, já está dando para entender o início.

VS DE JOÃO

Para mim hoje, foi como um dia comum. Um dia normal porque nós conversamos, para mim foi a maior tranquilidade, porque eu me encontrei comigo mesmo, né? Então eu tenho a minha opinião, não criticando a minha parceira; é meu ponto de vista. Cada um tem seu ponto de vista. O meu é meu ponto de vista assim sem crítica e se for para fazer crítica é crítica construtiva. Para mim hoje foi um dia normal, uma conversa, um bate-papo normal como os que estamos tendo lá em casa agora.

VS DA TERAPEUTA

Falaram do filho praticamente toda a sessão, me parecendo estarem agora mais tranquilos enquanto casal e podendo acrescentar o filho à relação deles.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela logo no início da sessão ouviu o choro do filho que esperava na sala de espera. Foi a primeira vez que ela percebeu, ele diz que isso sempre ocorre, depois ele pára. Ela diz estar mais atenta ao filho e ao marido.

18ª SESSÃO**VS DE DOROTI**

- Ela não compareceu a esta sessão. -

VS DE JOÃO

O sentido dessa terapia de casal... para mim me ajudou muito e eu adquiri assim uma auto-confiança em mim mesmo que eu... pude controlar e contornar a situação do meu casamento, que antes eu não tinha esse controle, que agora eu tenho um controle; já tenho mais cabeça para pensar antes de falar alguma palavra. Então para mim esse encontro foi muito bom, até essa data de hoje, foi muito bom.

VS DA TERAPEUTA

Ele fez uma revisão e reflexão de sua história de casado, pôde falar das sérias dificuldades emocionais da esposa e da dificuldade, em consequência, que ele tem para viver com ela.

Me parece que ele tem um casamento agora depois da terapia, que é contornável ou "controlado" como ele fala, mas que não se constitui ainda numa relação saudável e madura.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Só ele compareceu porque ela está trabalhando o dia todo e de segunda a sábado sem possibilidade de continuar a terapia. Ele relata a falta de controle dela que se dá pela forma de escândalos públicos quando algo a desagrada e pelos gastos excessivos e desnecessários, e também pela agressão verbal (já foi física) ao filho.

Ele parece ter ficado mais consciente de que não pode esperar dela respostas que outras pessoas lhe dariam, "ela parece que tem menos juízo do que meu filho" (sic).

19ª SESSÃO

VS DE DOROTI

Para mim foi até que ... teve altos e baixos. Também agora eu tive que tomar uma decisão aqui e agora, de imediato... ou vai ou racha, ou endireita agora de uma vez, ou entorta de uma vez toda, para todo o sempre. Eu vou abraçar essa alternativa e eu entendi o porquê é importante essa alternativa, de eu fazer um tratamento paralelo, individual. Vamos ver se assim eu me reencontro e passo a sofrer um pouco menos nessa vida, porque sofrer todo mundo sofre, mas um pouco menos.

VS DE JOÃO

O sentido da sessão de hoje foi que eu estou muito nervoso com ela, certo? e não estou suportando mais. Vou dar mais uma oportunidade para ela, se ela não melhorar, esse casamento será desfeito.

VS DA TERAPEUTA

O casamento parece estar por um fio. Ele não aguenta mais as dificuldades dela, que não consegue se controlar sendo impulsiva e imprevisível. Eles parecem se debater diante das dificuldades e sem conseguir sair do lugar. O contato com o casal parece "ineficaz" diante dos problemas dela e o consequente limite.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela parece ter aceitado melhor a indicação de psicoterapia individual, pois ela mesma reconheceu suas dificuldades.

20ª SESSÃO

VS DE JOÃO

Hoje foi um bate-papo gostoso, porque a gente falou sem desabafo, sem nada, [mas] foi recapitulando o começo da vida conjugal. Foi muito bom o bate-papo de hoje. Foi jóia, como se diz na gíria, foi um bate-papo legal.

VS DE DOROTI

Para mim está sendo bem difícil ainda porque eu tô lidando com meus traumas, com meus medos, com minhas inseguranças. Para mim está sendo bastante doloroso ainda, mas tá valendo a pena porque eu estou vendo que eu tenho um companheiro que está a fim de batalhar pela minha felicidade e pela felicidade de meu filho também.

VS DA TERAPEUTA

Houve um resgate da história do casamento, vista agora por outros olhos, isto é, apenas como história, hoje eles são outros, não há a mesma emoção da época. Vivem um casamento onde há uma maior flexibilidade de papéis. Ela não só o vê como "pai", mas também acaba sendo "mãe" dele.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele diz ficar confuso sem saber o que fazer quando ela reage com raiva em momentos imprevisíveis, mas que tem procurado contornar a situação sem brigas. Diz que foi com a terapia de casal que foi sendo possível ver com outros olhos o casamento.

21ª SESSÃO

VS DE DOROTI

De hoje ficou... eu estava nervosa para vir aqui. Não estava querendo muito não, por causa que ... ah! ficar lembrando dos problemas...Mas, depois eu fui relaxando e ví que eu agora estou no caminho certo, que estou mais confiante em fazer essa terapia paralela.

VS DE JOÃO

Para mim foi bom falar as "artes" que eu aprontei. Eu estou um pouco deprimido por causa do problema da insulina, mas eu sei que vou superar, né? E quando eu estou fazendo, quando tenho alguma atividade, como já falei antes, se eu tenho atividade esqueço esse problema. E continuo fazendo as minhas "artes", participando de ... [protestos públicos].

VS DA TERAPEUTA

Há uma grande tranqüilidade entre eles se refletindo na relação do casal e com o filho e possibilitando uma participação política na comunidade.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ele tem estado bastante ligado à participação política em seu bairro. Ela iniciou terapia individual.

22ª SESSÃO

VS DE DOROTI

O que valeu de hoje ter sido individual para mim... foi ótimo, porque eu pude me abrir, pude falar, por para fora um monte de coisa que eu queria por para fora, que era necessário e agora eu estou nessa decisão do que eu tenho que tomar [que tipo de relação pretendo ter daqui para a frente], quase certeza que eu vou querer um relacionamento mais maduro, mais sólido, mais decisivo, um relacionamento adulto, do que um relacionamento de faz-de-conta.

VS DE JOÃO

- Ele não compareceu a esta sessão por estar fazendo uma construção em sua casa e não poder sair. -

VS DA TERAPEUTA

Parece que eles chegaram a um ponto que o que há para ser construído agora fica a critério dos dois e de uma escolha dela.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Só ela comparece à sessão. Diz que queria muito ter uma sessão individual para contar as coisas que teme falar para ele e ele se separar dela. Pôde constatar que ele não se separará dela e que ela precisa vencer esses medos para poder construir uma relação verdadeira.

23ª SESSÃO

VS DE DOROTI

A terapia me ensinou o valor da palavra respeito, compreensão. Eu conheci o meu companheiro, eu aprendi a respeitá-lo, a entendê-lo, a me repetir e a me conhecer.

Ainda vou continuar com a terapia individual, para eu superar agora os pontos falhos que existem em mim, que eu quero que esse relacionamento venha a crescer cada vez mais e se frutificar.

VS DE JOÃO

Para mim essa terapia, de fevereiro até hoje, ela me deu uma auto-confiança que eu não tinha. Então hoje eu tenho confiança em mim mesmo e sei conversar com as pessoas. Tem falhas, mas pelo menos agora eu estou sabendo corrigi-las, que é coisa que eu não sabia antigamente.

VS DA TERAPEUTA

O sentido dessa sessão foi o de poder avaliar um processo psicoterápico e poder dizer que se chegou a algum lugar: não ao paraíso, mas se saiu do inferno.

O casal que estava aqui hoje era um casal com muitas mais habilidades para se relacionar. Eles disseram que aprenderam nestes meses, mas eu também aprendi muito: sobre o estar junto, sobre o relacionar-se...Mas as palavras deles dizem melhor como eles estão e o que este processo representou em suas vidas.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles enfrentaram a mãe dela que se envolvia na educação do filho, eles também têm se enfrentado mais.

Se formos "usar" o filho como termômetro da relação deles; quando começaram a terapia de casal vieram pelo filho que não obedecia e não se integrava a eles, hoje a criança está mais integrada aos dois: "ele não quer mais sair de casa o quanto queria antes" (sic).

ANEXOS Nº 5**ANEXOS DO CASAL ROMEU E ANTONIA**

As VSs do casal foram gravadas e transcritas aqui na seqüência em que foram gravadas. As frases entre colchetes serviam para complementar o sentido da VS, e as frases entre parênteses foram perguntas feitas pela terapeuta no momento da gravação.

1ª SESSÃO

VS DE ROMEU

Eu não sei se na minha cabeça muda muita coisa, que quando a gente tem uma coisa na cabeça não adianta às vezes você querer mudar, sabe então, não sei se vai mudar alguma coisa. Eu vou vir, tá bom? mas não sei se vai mudar alguma coisa.

VS DE ANTONIA

[Bem eu então] espero [que as coisas em casa] melhorem, espero que possa melhorar.

VS DA TERAPEUTA

Espero que possamos estar juntos. Sinto que vocês enfrentam uma dor profunda, especialmente Romeu, a qual acho que posso ajudar a administrar melhor. Mas, como senti vocês muito resistentes, ou como ele mesmo disse "acho que não vou mudar"(sic), não sei se estaremos juntos!.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Antonia diz que trazer a filha para terapia tudo bem; para virem os dois, ela já não está muito afim. Ele parece compartilhar disto, não acreditando que possam usufruir da terapia.

2ª SESSÃO

VS DE ROMEU

Eu achei interessante pelo seguinte, estamos descobrindo uma outra... como se diz, sem ser a Clara, o ... sem ser a Clara, o Rodrigo também. Achei interessante por causa de saber como lidar com o Rodrigo, que a gente conseguiu aprender alguma coisa, como tratar o Rodrigo, melhor, né? diferente, né? do que a gente costuma tratar ele melhor.

VS DE ANTONIA

Eu achei a conversa muito boa, tá? A gente aprende muitas coisas conversando [referindo-se ao filho Rodrigo]. (Pergunto o que a mobilizou mais a partir dessa conversa) nada, me senti bem.

VS DA TERAPEUTA

Voltar os olhos para o outro filho. A filha tem sido o foco de atenção até por problemas físicos. E onde andam os sentimentos do filho? Pôde-se voltar para ele hoje.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Para eles o filho de 13 anos se comporta como tendo 4 anos, acham que ele deveria ser menos criança. Podem perceber as reações deste filho como consequência da dinâmica familiar voltada para a filha com deficiência física.

3ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Acho importante também a conversa, que a gente vai aprendendo a lidar com o filho.

VS DE ROMEU

Achei a conversa interessante, que nós tentamos descobrir um meio de ajudar o filho a desenvolver, tá? Então eu acho importante isso aí. É isso que eu acho.

VS DA TERAPEUTA

Eles se atêm muito à filha que tem problemas físicos, mas o filho parece estar desenvolvendo problemas emocionais. Eles parecem nunca gostar de nada que o filho faz.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Não há vida de casal, não fazem nada sózinhos, só trabalham e vivem para os filhos, particularmente para os cuidados médicos com a filha.

4ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Falamos da Clara, das coisas tristes que a gente passou... a gente vai pondo para fora, e vai lembrando tudo de novo, né?... é isso.

VS DE ROMEU

Hoje é o seguinte, hoje a gente conversou sobre a Clara, então eu achei bom porque a gente voltou a lembrar do passado, né? Como aconteceu tudo com ela, eu achei interessante e ao mesmo tempo sofredor.

VS DA TERAPEUTA

Vocês puderam relembrar o passado, e entrar em contato com a dor de terem uma filha com deficiência física. Aos poucos parece que essa dor vai se soltando.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles parecem falar com mais fluidez, quando falam dos problemas da filha. Parece até "gostarem" de relembrar isso, ele mais. É como se vangloriassem de ter passado muitos obstáculos e ter vencido.

5ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

De hoje nada. O que a gente fala, fala e pronto. Achei bom conversar, desabafar, serviu para desabafar.

VS DE ROMEU

Achei interessante, ajudou a desabafar, a soltar para fora o que a gente sente, né. É um desabafo, sei lá. Achei interessante, pôs para fora aquilo que a gente sente às vezes e não pode, né? falar. É isso aí.

VS DA TERAPEUTA

Me parece que eles guardam muito, os mal-estares da vida, não põem para fora seus sentimentos e têm manifestado somatizações. Pelo corpo é mais fácil demonstrar seus sentimentos do que pela fala.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles são muito resistentes em falar, mas parece que o pouco que falam tem sido útil, ou talvez o útil seja o espaço, mesmo que ainda não totalmente aproveitado. Ela ao final da sessão comentou que "a gente acha que nunca tem o que falar aqui e no final acaba tendo". Contam como somatizam suas preocupações, ela ao contar isto diz que foi ficando gelada de nervoso.

6ª SESSÃO**VS DE ROMEU**

Mais uma vez a gente falou sobre o Rodrigo e a Clara e como se diz ... a gente tem que dar mais liberdade a ele, o que a gente aprendeu foi isso, a gente tem que dar mais liberdade a ele, e para ele poder se desenvolver melhor.

VS DE ANTONIA

O que eu senti foi um alívio, conversando a gente vai melhorando mais e foi boa a conversa de hoje, né?...Só isso.

VS DA TERAPEUTA

É sempre difícil para eles começar a falar. Mas, aos poucos vão se soltando e falando dos filhos. Ela demonstra muita preocupação com o filho, o prende muito. Quer que ele faça as coisas do jeito dela e assim ela se irrita com facilidade.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Contam que não batem nos filhos, apenas ameaçam. Dizem que é difícil controlar Rodrigo. Não gostam muito do jeito dele, o que parece deixá-lo inseguro.

7ª SESSÃO**VS DE ROMEU**

Achei que foi legal a conversa nossa aqui (em tom irônico e de brincadeira) e eu fui o mais prejudicado aqui, agora [a mulher fala coisas dele de que não gosta].É isso aí que eu tenho para falar.

VS DE ANTONIA

Ah... ficou faltando mais coisas para falar (dele?) dele.

VS DA TERAPEUTA

Aos poucos vão falando mais do casamento, do relacionamento entre eles. Ela parece estar "discretamente" sedenta de poder falar dele e tem se soltado mais.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Antonia se queixou de que se não coloca o marido a par de tudo, depois ele lhe dá bronca, "tem que ser do jeito dele".

Me chama a atenção o excesso de doenças na família de origem dos dois, sendo que eles são bem solícitos em ajudar os parentes.

É bem difícil para eles iniciarem a sessão, demoram a começar a falar.

8ª SESSÃO**VS DE ANTONIA**

Acho que foi bom, né? que a gente vai soltando tudo, desabafando tudo que fica e que às vezes você quer desabafar e não consegue, então ... é isso aí.

VS DE ROMEU

Bom, para mim é o seguinte: hoje, achei uma ótima conversa, só que por mim, como se diz não sobrou muita coisa, mais foi a Antonia que comentou sobre a vida dela... Mas foi bom (para você escutar essas coisas de Antonia, como foi?) Ela mais que reclamou na verdade, normal, né? ter ouvido isso foi normal. "Reclamar você já reclama mesmo, né? de vez em quando?" [falando com ela].

VS DA TERAPEUTA

Eles falam deles enquanto pais, ele precisando ter mais firmeza com os filhos e ela precisando relaxar mais. "Acho que talvez seja eu mesma que atrapalho o Rodrigo"(sic).

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela não "solta" muito o filho, diz não ter paciência com o ritmo dele.

Ela é muito ansiosa e quer a casa sempre limpa e arrumada.

9ª SESSÃO**VS DE ROMEU**

Mais uma vez achei interessante a conversa sobre o Rodrigo, tá? E a gente vai tentar mudar para ver se melhora. É isso o que eu tenho a dizer.

VS DE ANTONIA

Acho que foi boa a conversa de hoje, mas tá difícil de fazer ele [Rodrigo] melhorar.

VS DA TERAPEUTA

Eles reclamam que os filhos não os ouvem, não os levam a sério. Entre eles também há essa falta de comunicação, um já não ouve muito o outro.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Eles têm dificuldades com Rodrigo porque ele não faz nada certo, nada que ele faz os agrada. Ela dá bronca à toa nos filhos, então quando a coisa é séria, as crianças não conseguem levar a sério.

10ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Achei que foi bom a conversa de hoje, que a gente desabafou muita coisa e só. (como você se sente em ter desabafado?) Bem. É melhor.

VS DE ROMEU

Hoje foi interessante, né? Saiu da rotina de falar sobre o Rodrigo, então achei mais interessante... falar sobre nós (É mais interessante falar de vocês?) É. Apesar que tudo é um problema só. Mas, foi mais interessante falar entre a gente, da gente.

VS DA TERAPEUTA

Vocês falaram apenas de vocês dois no casamento. Das brigas bobas, por picuinhas, da tentativa de Romeu se controlar mais para não ser "estúpido" e do quanto Antonia é mais fechada, mais difícil de se abrir, de demonstrar afeto e de como tudo isso tem se feito presente nestes 15 anos de casamento.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Falaram que com Rodrigo tudo está mais tranquilo.

Ela é bem nervosa, parece querer tudo do jeito dela, quando não sai assim fica irritada.

Ambos somatizam muito, ele tem sérios problemas dermatológicos e ela estomacais e nervosos.

11ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Foi boa a conversa, né. A gente está tentando melhorar, mas está difícil, é isso. Eu tenho medo de soltar [referindo-se ao filho] a gente quer soltar, mas vem preocupação na cabeça.

VS DE ROMEU

Foi a mesma coisa de sempre, porque é sempre em função do Rodrigo, sempre sobre o Rodrigo. A gente está tentando ver se consegue, como se diz, melhorar, é sei lá... ou solta mais ele ou prende ele, porque não tem jeito, não chega num acordo entre eu e a Antonia, então penso assim, vamos tentar resolver o melhor.

VS DA TERAPEUTA

Eles vivem ou em função das doenças dos familiares e de Antonia, ou em função dos filhos. Me parece que eles são muito diferentes e que têm objetivos diferentes, e manifestam isso na forma de educar o filho: cada um dando uma orientação oposta à do outro. Não são cúmplices.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Fala das somatizações dela, agora os problemas de estômago estão melhor, mas tem um problema de garganta.

12ª SESSÃO

VS DE ROMEU

Hoje nós conversamos sobre droga, né?... e ... como fazer para que os filhos não se envolvam. Achei interessante a gente conversar sobre isso que é um exemplo pra que os filhos não se envolvam nisso.

VS DE ANTONIA

Hoje foi tranquilo. Não ficou nada, conversamos sobre drogas e ... a gente vai aprendendo.

VS DA TERAPEUTA

As doenças familiares imperam na vida deles. É como se representassem um obstáculo para eles vencerem. E são os obstáculos que os fazem caminhar, isto é, a vontade de vencê-los.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela refere ter medo de soltar o filho por causa das drogas, mas eles convivem com traficantes que moram perto da mãe dela, e o filho sabe muito bem o que isso significa para não se envolver.

Romeu conta que teve amigos na juventude que usavam droga, mas ele não fez uso.

13ª SESSÃO

VS DE ROMEU

É do que nós falamos, é o seguinte: a gente falou mais do futuro, só que não adianta ter pressa para fazer as coisas, né?... Precisa ir mais devagar... mas, o problema é que eu sou assim, não tem jeito. É isso aí, não tem jeito eu sou assim (você acha que não muda?) É difícil eu mudar.

VS DE ANTONIA

Acho que foi boa a conversa, foi diferente (o que foi bom?) falar das pessoas, não adianta ter pressa.

VS DA TERAPEUTA

Possibilidade de se falar da ansiedade dos dois em resolver os problemas de imediato. Sinto que há um envolvimento maior dele, parece se dar conta das coisas, ou talvez ele expressa isso enquanto que ela não.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Romeu se dá conta de que abrem mais exceção para a filha do que para com o filho.

Novamente têm mais um problema de saúde em casa, o filho pegou uma doença simples de infância.

14ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Eu achei que foi bom para a gente desabafar e lá [na rua que moro] não pode comentar muito essas coisas, falar muito, porque ... fofoca, né... foi bom (você sentiu como um desabafo? e isso fez bem a você?) Eu achei que foi porque lá tem mais é que ficar quieta.

VS DE ROMEU

O que eu acho é a mesma coisa que ela acha, que vem aqui, a gente fala tudo que tem em casa, na rua, lá. Coisas que a gente não pode comentar lá. Só ouvir, guardar, né e trazer para cá, para conversar. Então achei interessante isso aí. Porque não sei se adianta muita coisa, porque chega lá em casa a gente fica novamente na mesma coisa, né. É lógico que aqui não é um lugar que vem curar ninguém, isso a gente sabe. É isso (a conversa daqui não provoca mudanças em vocês?...) É não provoca mudanças, o problema é esse aí, porque chega lá, ela volta a ficar nervosa do mesmo jeito que ela é, é lógico que ela não vem aqui para ter cura, a verdade é essa. Só que só serve para a gente vir aqui contar, desabafar, mas não que provoque mudanças. É, é difícil provocar mudanças na gente.

VS DA TERAPEUTA

Houve um uso do espaço da sessão para se falar de coisas que atrapalham, que provocam nervoso e somatizações.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Ela pôde desabafar mais. Falou das causas de seu nervoso. Mora num local que não gosta da vizinhança e se sente frágil pela provocação que as vizinhas lhe fazem.

15ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

Achei bom porque foi uma conversa diferente sobre nós, né? nosso acordo, né? não tem acordo...

VS DE ROMEU

Eu já acho que não foi uma conversa diferente, foi igual de sempre e que nós não chegamos em acordo nenhum... Só que eu falo dum jeito, ela quer do outro e não dá certo... é isso aí.

VS DA TERAPEUTA

Eles falam da falta de acordo que há entre eles. Isso me parece que os magoa, mas eles não conversam sobre estas mágoas, "não dá tempo" para conversarem. Acho que não querem se confrontar então isso explica a dificuldade de falarem nas sessões.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Querem viajar, ela mais do que ele. Ela quer ir num horário, ele em outro. Ela acha que ele sempre sai ganhando.

16ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

É que hoje foi falado da Clara e quando a gente fala da Clara, a gente fica mais triste. É a gente lembra do que já passou.

VS DE ROMEU

É quase a mesma coisa, né? [que a esposa falou], mais uma vez falamos sobre a Clara e o Rodrigo também, né? E cada vez que se fala da Clara a gente lembra o passado, e tudo isso se torna triste.

VS DA TERAPEUTA

O sentido dessa sessão foi explorar velhos temas de uma forma diferente. Relembrar o passado com a família podendo explorar sentimentos mais profundos deles. [A filha está iniciando terapia].

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

A filha está iniciando terapia. Eles contam que ela só faz o que quer, e que eles se sentem impotentes em pôr regras para os filhos.

17ª SESSÃO

VS DE ANTONIA

É o que estava faltando era falar bem do Rodrigo. Dessa vez só falou foi bem. E não falou muito em doença, que sempre sai doença....

VS DE ROMEU

Eu achei que foi legal né, mais uma vez falamos sobre o Rodrigo, né? E descobrimos que o Rodrigo tem várias partes boas e que também tem as partes que a gente não gosta que ele faz... mas, achei interessante.

VS DA TERAPEUTA

Houve uma grande mudança no processo. Estiveram mais "soltos". Começar a falar parece ter sido menos difícil, hoje. E também houve uma mudança do conteúdo da sessão: houve um resgate de coisas boas sobre o filho.

ANOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Não houve o silêncio inicial de sempre. Eles resgataram a história de vida de cada um deles na infância e adolescência. Ressaltaram também as habilidades motoras do filho.